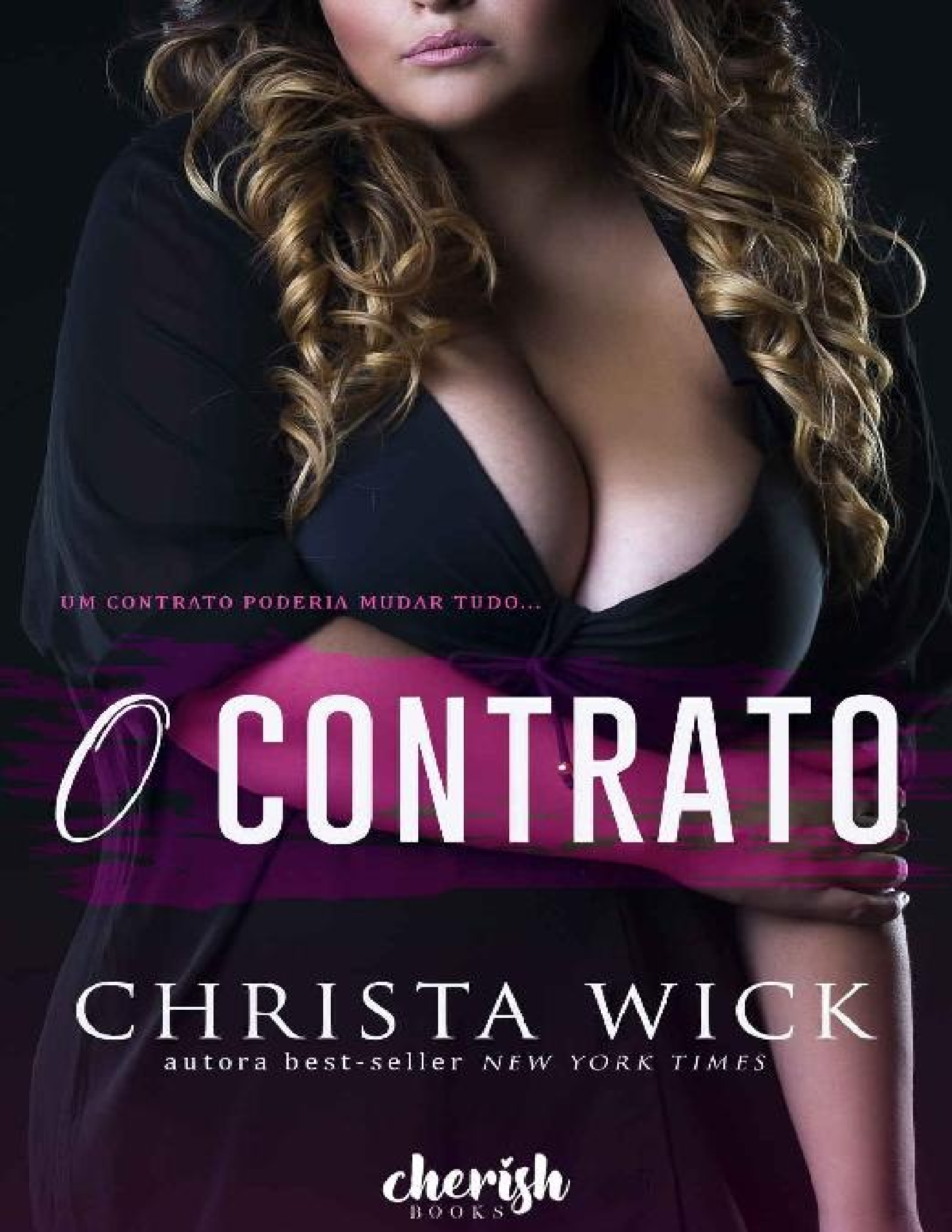

UM CONTRATO PODERIA MUDAR TUDO...
O CONTRATO
CHRISTA WICK
autora best-seller NEW YORK TIMES
cherish
BOOKS

UM CONTRATO PODERIA MUDAR TUDO...

O CONTRATO

CHRISTA WICK

autora best-seller *NEW YORK TIMES*

cherish
BOOKS

Título original: The Contract
Copyright © 2019 Christa Wick & C.M. Wick
Copyright da tradução © 2021 por Cherish Books Ltda
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito das editoras.
Publicado mediante acordo com a autora.

Tradução: AJ Ventura
Preparação de Texto: Elimar Souza
Diagramação: AJ Ventura
Capa: Gisele Souza
Marketing e Comunicação: Elimar Souza

Wick, Christa; Wick, C.M.

O Contrato/ Christa Wick & C.M. Wick; tradução de AJ Ventura. Rio de Janeiro: Cherish Books, 20.

Tradução de:

ASIN

1. Ficção americana I. Ventura AJ. II. Título.

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Cherish Books
Rua Auristela, nº244 - Santa Cruz
E-mail: cherishbooksbr@gmail.com

SUMÁRIO

Capa
Sinopse
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19

Epílogo # 1
Epílogo # 2
Sobre a autora

Sinopse

Sempre pensei que eu era simplesmente invisível para os homens. Até que uma noite inesquecível me fez descobrir que não sou. E um contrato de vida igualmente transformador me faz ver o quanto ainda tenho que descobrir sobre mim mesma.

Meu chefe Beckett é um bilionário silenciosamente profundo e devastadoramente bonito que eu sempre desejei à distância, mas nunca imaginei que poderia ter. Seu amigo Jace é o brincalhão que fala sacanagem, mas não menos intenso e além de ser uma celebridade é um solteirão que eu nunca pensei que gostaria, com uma vida secreta na qual ainda estou pensando.

Os dois têm um passado sombrio que quero ajudar a curar.

Ambos querem que eu faça parte de seu futuro.

Tudo o que tenho que fazer... é assinar o contrato.

Capítulo Um

Meio minuto depois de apagar a luz e rastejar para debaixo das cobertas, meu telefone sinalizou uma chamada recebida. O toque suave do alerta evocou a sensação de dedos correndo pelas minhas costas, o toque personalizado anunciando que era Beckett Frost, o solteirão bilionário mais inalcançável do mundo.

Também conhecido como meu chefe.

Era sexta-feira à noite, pouco depois das dez, uma hora altamente incomum para ele precisar que eu fizesse qualquer tipo de trabalho, muito menos para ele me ligar. Não era exagero dizer que de segunda de manhã até sexta-feira às seis, estávamos praticamente colados em todos os aspectos de seu negócio.

Mas os fins de semana eram um assunto totalmente diferente.

Em geral, nunca ouvia falar desse homem. E a julgar pela cobertura da mídia e das redes sociais que pareciam segui-lo constantemente, seu tempo pessoal nunca incluiu ninguém menos que glamoroso, ou que vestisse mais do que manequim trinta e oito. Nenhum dos critérios onde eu me encaixava.

Agora mais curiosa do que cansada, reprimi um bocejo e peguei o telefone na mesa de cabeceira para aceitar a ligação.

— Alô?

Eu provavelmente deveria ter forçado um tom mais animado. Mas, nos últimos meses, notei uma mudança distinta em como Beckett interagia comigo. Mudanças que me fizeram sentir que meu trabalho poderia estar em perigo. Eu estava, portanto, me esforçando para trabalhar mais, ficar até mais tarde, antecipar os problemas. Esta semana em particular, eu estava simplesmente exausta.

Então era por isso que meus grandes planos para a noite de sexta-feira — que

esta ligação agora estava interrompendo — era sucumbir à doce felicidade de um sono profundo que duraria direto até a tarde de sábado.

— Gabby — disse ele depois de um momento de pausa, seu tom de barítono já profundo e inesperadamente rouco o suficiente para engrossar o sotaque escocês que ele não havia apagado de sua fala.

— Eu preciso de você. Agora.

O tom rouco de sua voz, combinado com as palavras que ele acabou de proferir, me deixou em uma pirueta mental.

— Me desculpe? — eu perguntei, fazendo o meu melhor para limpar as últimas teias de confusão pela exaustão de uma semana, que estavam claramente me fazendo ouvir significados ocultos em declarações perfeitamente inócuas.

— Um mensageiro está a caminho de sua casa neste momento.

Sentei-me totalmente agora, meus ouvidos instantaneamente alertas para qualquer tráfego potencial na minha rua tranquila.

— Um mensageiro? A esta hora? Pra quê?

Questionar meu chefe sobre qualquer assunto era outra coisa que eu normalmente não fazia. Mas nada sobre esta noite era normal.

— Para fazer o que os mensageiros fazem.

Revirei os olhos para mim mesma, algo que tenho feito muito ultimamente, apesar de ter celebrado recentemente meu vigésimo nono aniversário. Às vezes, trabalhar para Beckett me fazia sentir como uma jovem inexperiente e completamente desajeitada na vida como um todo. O fato de eu ainda me sentir assim, apesar de ter trabalhado para o homem por três anos era reconhecidamente muito triste.

— Certo. Claro — eu respondi, colocando meu telefone no viva-voz para que eu pudesse encontrar rapidamente algumas roupas para vestir em vez de saudar o mensageiro em minha camisola longa de vovó.

Eu ainda não entendia por que um mensageiro estava vindo tão longe até onde eu morava em vez de apenas deixar o que quer que fosse na mansão de Beckett em Pacific Heights. Até onde eu sabia, Beckett ainda estava na cidade; ele não me pediu para programar seu jato para nenhuma viagem neste fim de semana, e ele nunca viajava sem me avisar primeiro.

— O que você gostaria que eu fizesse com a entrega?

— Traga para mim. Imediatamente.

Minha mão congelou na gaveta do sutiã. Isso fazia ainda menos sentido. Por que ele precisaria que eu entregasse algo se já tinha contratado um mensageiro?

— Hum... por que o entregador não pode simplesmente ir direto até você?

Eu realmente não faço tantas perguntas, de modo geral. A vida profissional de Beckett era exigente e seus métodos para o sucesso ainda mais exigentes,

como eu bem sabia. Mas enviar algo para mim apenas para que eu pudesse levar para ele parecia um pedido estranho, especialmente considerando a hora tardia.

Um longo período de silêncio terminou com uma risada de sua extremidade da linha telefônica, um som pecaminosamente perigoso considerando o tom sexy que ele sempre estava ostentando.

— É complicado e delicado. Isso é um problema? — Ele não esperou que eu respondesse.

— Você parece completamente sóbria e não estou ouvindo nenhuma música eletrônica no fundo. Significa que você está em casa, correto?

Sim, como se eu fosse a qualquer uma das boates de São Francisco. Os porteiros iriam rir pra caramba ao me ver na fila com mulheres com metade do meu tamanho.

Correção: Um porteiro riu de mim, depois de uma varredura incrédula da cabeça aos pés de mim em pé na frente dele tentando me encaixar com as pessoas bonitas.

Eu não tinha nenhum desejo de experimentar uma humilhação como aquela novamente.

— Não. Sem barulhos de clube. E sim, estou em casa — respondi estupidamente.

— Sozinha, espero. — Outra longa pausa pairou no ar entre nós antes de ele adicionar em um tom estranho que eu nunca o tinha ouvido usar antes — Eu não gostaria de arrastá-la para longe de qualquer... diversão que você possa estar tendo.

— Apenas me dê o endereço, Beckett. — Eu mal consegui não rosnar minha resposta.

Eu não tinha tido nenhuma ação “divertida” além do meu vibrador nos últimos dezesseis meses. E a culpa era inteiramente dele.

Depois de terminar recentemente minha pós-graduação em administração, eu havia chegado a um ponto de virada na vida. Ofertas de emprego estavam chegando, ofertas de emprego com títulos muito melhores do que o amorfo cargo de “chefe de operações especiais” que eu ocupava como a glorificada assistente pessoal de Beckett.

Quando parei para examinar por que não estava progredindo profissionalmente, percebi que estava apaixonada por um homem que nunca teria.

Não que meus sentimentos por Beckett fossem a única razão pela qual permaneci na Marzano Holdings. Já ganhei mais do que qualquer MBA recém-formado sem um fundo fiduciário poderia esperar obter, especialmente uma mulher muito gorda de quase trinta anos. As únicas outras empresas que fizeram

ofertas melhores foram distribuidores em busca de uma conexão interna com a Marzano ou com concorrentes diretos. Eu não era tão ingênua a ponto de pensar que eles tinham algum interesse em minha perspicácia para os negócios.

— Devo repetir? — Beckett perguntou, seu tom baixo e divertido.

Eu bufei, odiando admitir que tinha parado de ouvi-lo por alguns segundos dolorosos que passei olhando inutilmente para o meu próprio umbigo.

— Desculpe, a caneta não está funcionando. Me dê um segundo.

Voltando para a mesa de cabeceira, abri a gaveta e tirei uma caneta e papel e o fiz repetir o endereço. Meu nariz enrugou ao reconhecer o local. Ele estava a uns bons sessenta quilômetros ao norte da cidade. Eu teria que usar meu GPS para descobrir exatamente onde, especialmente porque já era muito depois do pôr do sol.

— Mais uma coisa. E eu não posso expressar o quão importante é você seguir essa regra sem questionar — disse ele, tornando-se enigmático. — Diga no portão e novamente na casa, que você está lá para ver o “Próspero”. Não use meu nome verdadeiro. De forma alguma.

— Próspero? — eu repeti. Eu podia sentir minhas sobrancelhas tentando se encontrar no meio enquanto tentava determinar o uso literal desse nome. — Espere. Você está falando sério que preciso usar um codinome para...

Percebendo que ele já tinha desligado, olhei pela janela para ver que o mensageiro tinha acabado de parar em frente da minha casa.

Esse era Beckett. Exigente em cada detalhe de todos os seus planos.

Que papel eu estaria desempenhando neste plano em particular esta noite, eu não tinha ideia.

Capítulo Dois

Próspero...

Estacionando meu carro perto da ala dos empregados de uma grande mansão situada em Bodega Bay, sussurrei o nome repetidamente com crescente incerteza.

Pesquisando antes de sair de casa, descobri que a associação mais comum era com uma peça de Shakespeare sobre um feiticeiro exilado em uma ilha com sua filha ridiculamente inocente e incrivelmente doce. Próspero, o feiticeiro, também era o legítimo duque de Milão e aparentemente estava envolvido em todos os tipos de travessuras para reivindicar seu direito de primogenitura de seu irmão Antonio.

Antonio... Antonia...

Era por acaso que um dos vilões da história compartilhava o mesmo nome da mãe de Beckett que, por sua vez, recebeu o nome de seu pai?

Enfiando minhas chaves no bolso, tentei encerrar qualquer especulação.

Tentei e falhei.

Beckett era muitas coisas, mas não era um especialista em literatura inglesa. Ele provavelmente não tinha lido nenhuma ficção desde que terminou a graduação. Inferno, quando seu nariz não estava enterrado no negócio que dirigia, geralmente ficava preso em algo atraente — com frequência, de acordo com as revistas de fofoca, entre as coxas de qualquer supermodelo que tinha esquentando sua cama no fim de semana.

Então, ele não um cara para citar Shakespeare ou qualquer outro autor morto.

Mas eu podia ver por que ele poderia se referir de brincadeira ao velho bardo.

Apesar de seu sobrenome, o sotaque escocês que ocasionalmente escapava, e

o cinza claro dos seus olhos que pareciam névoa congelada, Beckett era parte italiano. E eu sabia que havia algum tipo de relação incomum de sangue entre ele, sua mãe e o pai dela, que significava que Beckett não cresceu cercado pela vasta fortuna que ele eventualmente herdou.

Oh e o avô dele?

O velho viveu e morreu em Milão.

O resto da história foi escondida atrás de uma parede de advogados que impediam a imprensa de publicar qualquer fofoca sobre a família Marzano ou a vida de Beckett antes que ele se tornasse o único proprietário do negócio da família, apesar de sua mãe ainda estar viva.

Todo aquele segredo, combinado com a necessidade de um codinome em vez do nome de Frost, me deixou nervosa enquanto tocava a campainha da entrada dos criados. Eu tive talvez meio segundo de espera, o envelope grosso que o mensageiro havia deixado amassado protetoramente contra meu peito, antes que a porta se abrisse para revelar uma mulher vestida da cabeça aos pés em couro preto.

"Da cabeça aos pés" era enganoso. A metade superior de seu corpo estava mal coberta, apenas um lenço fino que cobria os seios tamanho P. As calças que cobriam sua metade inferior pareciam ter sido pintadas. Se eu estivesse disposta a me inclinar para frente e olhar fixamente para sua virilha, provavelmente poderia ter contado seus pelos púbicos, presumindo que ela tivesse algum, o que provavelmente não tinha.

Ela olhou para mim, seus lábios vermelhos empurrados para frente em um beicinho de tédio enquanto seus olhos azuis claros abertamente calculavam meu valor.

Presumi que o número que ela chegou era zero quando ela se virou e começou a se afastar antes que eu pudesse dizer a ela quem eu era ou por que estava ali.

— Eu esperava outra coisa.

Eu fiquei lá, atordoada, as palavras demorando alguns segundos para fazer sentido enquanto eu decifrava seu pesado sotaque do Leste Europeu.

— Eu também — eu respondi, encobrindo minha confusão sobre por que ela deveria esperar algo relacionado a mim. — Devo mencionar "Próspero". Eu sou Gab...

Estreitando os olhos enquanto suas narinas dilatavam, ela me silenciou na hora.

— Sem nomes! Siga-me.

— Nem mesmo um inventado? — eu brinquei enquanto me arrastava atrás dela e fechava a porta. — Eu estava inclinada a usar "Alice" para mim.

Eu com certeza parecia que tinha acabado de cair em uma toca de coelho gigante.

Não ajudou que a mulher que me guiava fosse uma loira platinada. Não como eu me lembrava do Coelho Branco em Alice no País das Maravilhas, mas perto o suficiente neste palácio à beira-mar para o qual meu chefe me convocou.

— Aqui — disse a mulher, abrindo a porta para o que parecia ser um camarim improvisado. — Tire a roupa enquanto eu encontro algo do seu tamanho.

Passando por ela, eu congelei no meio da porta e comecei a balançar a cabeça descontroladamente enquanto dava uma boa olhada em algumas das roupas espalhadas pelo quarto.

— Oh, não, estou aqui para ver o Sr. F... — Respirei fundo, mal me lembrando da proibição de Beckett antes de estragar tudo. — Eu tenho papéis para entregar a Próspero. É só para isso que estou aqui.

Ela balançou a cabeça rapidamente, os lábios fortemente pintados franzidos em desaprovação. Embora suas pálpebras empoadas e cílios postiços estivessem escondendo seus olhos de mim, eu podia sentir sua irritação comigo.

— Não. Sem papéis aqui, sem negócios. Essa é a regra.

— Então você precisa ir buscar Próspero...

Abrindo totalmente os olhos, ela dobrou o queixo e olhou para mim.

— Eu não entro. Apenas participantes entram. Eu sou... estilista.

Ela se aproximou desconfortavelmente, seu salto de quinze centímetros tornando-a artificialmente mais alta do que os meus 1,75.

— E-eu não sou... uma participante. — Eu mal conseguia fazer as palavras saírem da minha boca enquanto a compreensão lentamente se aglutinava dentro da minha mente assustada. — Eu realmente preciso entregar esses papéis ao meu chefe. Por favor.

— Não há chefes aqui — disse ela, sua boca curvando-se de um lado enquanto seus cílios baixavam e lançavam sombras sinistras em suas bochechas. — Sem secretárias, também.

Eu enrijeci por ser chamada de secretária; Eu tinha um MBA, droga.

Então me lembrei, com diploma avançado ou não, isso era basicamente o que eu era — por minha própria escolha — e certamente o que parecia ser, trazendo recados no meio da noite.

Quando eu não respondi, ela gritou:

— Agora tire a roupa ou vá para casa, ratinha.

Ela se afastou, nem mesmo se preocupando em olhar por cima do ombro para ter certeza de que eu estava cumprindo sua ordem em vez de sair enquanto estava vestida em busca de Beckett Frost.

Entrando na sala, me vi sozinha e tentei recuperar meu juízo. Beckett queria esses papéis. Agora eu tinha meia ideia de por que ele não podia simplesmente pedir ao mensageiro para entregá-los. Ele teria que deixar quaisquer atividades que estivessem acontecendo em outro lugar da casa para esperar pelo motorista.

Esperar não era algo em que Beckett era bom. Ele era infame e impaciente e havia trabalhado com doze assistentes executivos em quatro anos antes de me contratar como secretária executiva.

Sim, eu tive a "*sorte*" de ser a número treze.

E dada a vibração que circulava pelo escritório nos últimos meses, tive a sensação de que o número quatorze estava sendo preparado. Se eu não entregar o envelope, posso estar garantindo minha própria rescisão.

Eu conhecia os sinais de meus estudos na escola de negócios. Outras pessoas no escritório, nomeadamente Stephens e Robley, foram orientadas a cumprir algumas das minhas funções regulares sem me consultar. E Beckett me fez trabalhar muitas horas extras para concluir alguns projetos importantes muito antes dos prazos originais que ele havia estabelecido.

Depois, havia o fato de que ele começou a fechar a porta do escritório em vários telefonemas ou a deixar o escritório para retornar a ligação no andar de cima em sua cobertura executiva privada.

Afundando meu traseiro duplo em um banco, coloquei o pacote ao meu lado, abri minhas pernas e enfiei minha cabeça entre elas quando comecei a me sentir tonta demais para ficar de pé. Eu estava na merda da encruzilhada. Se eu não entregasse o envelope, estaria um passo mais perto de ser demitida. Mas o traje que o Coelho Branco usava e as roupas furtivas, quase imperceptíveis, às vezes apertadas não tinham nada a ver com o meu corpo. Em vez disso, meu corpo, meu corpo redondo e fofo, não devia estar nelas, especialmente na frente do meu chefe.

Respirei fundo, exalei e comecei a repetir o processo assim que a porta se abriu, sem nem mesmo bater ou tossir educadamente.

Virando minha cabeça ligeiramente para o lado, eu vi a loira, suas bochechas pálidas e empoadas corando de irritação evidente.

— Você não está nua.

— Não. Não estou nua. Por favor, eu realmente não acho que você entende por que estou aqui — respondi, a voz tremendo de frustração. — Meu chefe precisa desses papéis. Eles são muito importantes ou ele não teria me chamado aqui...

Nada do que eu disse foi absorvido.

— Nada. De. Negócios — a mulher enunciou entre os dentes. — A pena é um ano de exílio. Seu Próspero sabe disso.

Se ela estava certa ou não, ela não me deixaria entrar na área onde eu poderia procurar Beckett vestida como eu estava. Inclinando minha cabeça, tentei ver o que ela tinha encontrado para eu vestir, pensando que ela provavelmente foi forçada a pegar um lençol de cetim com a intenção de transformá-lo em um sarongue para minhas curvas cheias de gordura.

Bufando, ela segurou a roupa na frente dela, o material se espalhando.

Eu encarei o vestido sem mangas, seu comprimento curto garantindo que a bainha não alcançaria meus joelhos. O mix de saia de chiffon e busto de de renda com laços de cetim branco parecia vintage. Era lindo, sem dúvida caro, e certamente nunca foi feito para gente como eu, apesar do tamanho.

— Tem um robe? — eu perguntei, uma leve esperança desabrochando em minha voz. Não que um robe tornasse algo melhor se fosse feito dos mesmos materiais semitransparentes.

Olhos azuis se enchendo de alegria com a minha situação, a mulher balançou a cabeça lentamente.

— Não, sem robe.

Ela entrou na sala e fechou a porta, então largou o vestido no banco, o tecido cobrindo o envelope.

— Vou encontrar a máscara, agora se apresse. Devo fazer o cabelo e a maquiagem.

Ignorando suas ordens, envolvi as mãos no meu crânio latejante. Beckett realmente não podia esperar que eu me aventurasse em qualquer coisa que estivesse acontecendo apenas para avisá-lo que eu estava lá com os papéis.

Eu balancei a cabeça assim que ela reapareceu com um estojo de maquiagem em várias camadas e uma máscara de penas em tons de joias pretas e escuras que cobriam apenas meus olhos e a maior parte do meu nariz, deixando a metade inferior do meu rosto exposta.

Fazendo um último argumento, deslizei minha mão sob o vestido fino e tirei o envelope.

— Os papéis não podem ser deixados aqui.

— Há um cofre. — Abaixando a caixa, ela desenrolou um colar de ouro de fio fino com uma chave em miniatura e o colocou ao lado da máscara. — Agora tire a roupa! E pare de perder meu tempo!

Sério, ela queria que eu me despisse na frente dela?

Caramba, Beckett ia me dever muito depois disso.

Simplesmente me deixar manter meu emprego não seria suficiente. Eu estava pensando mais na linha de pagamento de taxas perigosas. E talvez um carro novo.

De qualquer forma, nada, e quero dizer, nada iria limpar a memória

embaraçosa da minha mente de ter que me despir na frente desta mulher fria e mandona que tinha menos de um terço do meu tamanho.

Virando minhas costas para ela, eu tirei minha jaqueta leve e a camiseta larga que eu corri para vestir. Peguei o vestido, congelando quando ela bateu as mãos.

Olhando diretamente para mim, ela agarrou a roupa pequenininha e olhou para o meu peito ainda coberto.

— Este vestido não é para usar com sutiã, principalmente um *babushka bruma*.

Eu conhecia talvez dez palavras em russo e o equivalente a "vovó" era uma delas.

— Eu não tenho tamanho P como você — eu rosnei, minha paciência chegando ao fim.

Talvez ser demitida fosse exatamente o que eu precisava. Eu poderia seguir em frente com minha vida e deixar minha paixão profunda por Beckett para trás.

Em algum momento.

Vai sonhando.

Segurando o vestido para cima, ela puxou algumas das fitas de seda, apertando logo abaixo da linha do busto.

— Você parece ridícula com medo. Se usar sutiã, você ficará ainda muito ridícula.

Exalando minha frustração, eu virei minhas costas para ela novamente e tirei meu "*sutiã babushka*". Antes que eu pudesse colocá-lo no banco ao lado de minha camisa e jaqueta, a mulher empurrou o vestido pela minha cabeça, agarrou um braço e puxou-o. Eu rapidamente empurrei o outro pela abertura para que ela não tivesse uma segunda chance de deslocar um dos meus ombros.

Ela deslizou uma mão fria sob o tecido, arrancando um guincho indignado de mim enquanto empurrava um seio para cima e o segurava lá enquanto a outra mão apertava as fitas daquele lado. Com a mesma falta de consentimento, ela apalpou o outro seio no lugar e terminou de amarrar a linha do busto.

Com os olhos grudados no chão, tirei meus sapatos e meias e tirei minha calça jeans.

— E quanto à calcinha? — ela perguntou.

— Seria a minha próxima pergunta — eu devolvi.

Nenhuma lingerie era tolerável pela metade, pelo menos até que ela me sentou um minuto depois na frente da penteadeira e eu vi o rosa dos meus mamilos no reflexo. Mas eu estava usando um vestido que nem chegava aos joelhos e era tão transparente que definitivamente mostraria a mancha marrom avermelhada de pelos púbicos cobrindo meu monte, portanto, não ia acontecer.

Minha Coelho Branco ergueu as mãos, as unhas pontiagudas em seus dedos

delgados do mesmo sangue vermelho que seus lábios e tão afiadas quanto seu olhar.

— Próspero não vai receber seus papéis afinal — ela proclamou, aqueles dedos finos envolvendo a alça de sua caixa de maquiagem enquanto ela se preparava para sair. — Ele escolheu a mulher errada.

— Espere! — Lábios tremendo com uma raiva impotente, alcancei o vestido e puxei minha calcinha para baixo em meus quadris expansivos e coxas, em seguida, saí delas.

Ela me sentou com um sorriso malicioso e me apontou para o espelho. Meu coração batia forte no peito, seu ritmo ficando errático quando percebi o quanto de mim estaria visível quando eu deixasse o camarim.

— Você perde muito tempo — disse ela, seu sotaque ficando mais forte quanto mais eu protelei. — Cabelo simples apenas.

Ela juntou seu comprimento e torceu a corda antes de amarrá-la na parte de trás da minha cabeça e espetar grampos de cabelo para manter tudo no lugar. Meus olhos ameaçaram lacrimejar com a torção e cutucada, nem mesmo o contorno claro e o bico dos meus mamilos através do busto de renda capaz de me distrair.

Me virando um pouco no banco, ela começou a aplicar base no meu rosto, minhas bochechas e testa ardendo com o tratamento áspero. Ela se misturou com uma esponja, então fez um trabalho rápido com minhas sobrancelhas e corou minhas bochechas.

Uma camada espessa de rímel foi aplicada e ela tirou um frasco de cola para cílios.

Tentei agarrar suas mãos.

Ela me superou apenas com suas palavras.

— Você quer ficar cega?

— Sério? — Essa porcaria pode cegar uma pessoa? E as mulheres usavam mesmo assim?

Parei de lutar e me concentrei em permanecer imóvel como uma estátua.

Ela começou a deixar seus cílios caírem, suas mãos se movendo como um tutorial em vídeo acelerado o tipo que eu desisti de assistir depois que percebi que nenhuma quantidade de maquiagem iria fazer Beckett me ver como algo além de sua assistente competente.

— Quanto tempo mais? — eu choraminguei quando ela pegou um tubo grosso de batom alguns tons mais claros do que seus lábios vermelhos.

— Ainda menos tempo do que te deixar nua — ela disparou de volta.

Eu bufei, mas mantive meus lábios imóveis enquanto ela aplicava o delineador e depois o batom.

Pegando o colar com a chave, ela me entregou a máscara. Eu coloquei, peguei minhas roupas, carteira e telefone, além do envelope, e a segui até outra sala que estava cheia de caixas de correio do tamanho de pacotes.

— Este aqui — disse ela, batendo na caixa. — Não se esqueça do número.

Eu olhei para ele, uma risada lutando em vão para passar pelos meus dentes cerrados. Com o universo rindo de mim, não havia como eu esquecer qual caixa era minha.

Não quando era o número treze da sorte.

Capítulo Três

Meu Coelho Branco me empurrou em direção a um conjunto de portas fortemente fechadas e pintadas de vermelho com um sussurro final de advertência.

— Sem negócios, sem nomes, sem exceções.

Suas botas de salto agulha ecoaram pelo corredor enquanto eu tentava acalmar minha respiração e reunir coragem para puxar para baixo as alças folheadas a ouro.

Exalando como um atirador de elite mirando seu alvo, empurrei as portas para dentro. O movimento criou um vácuo de ar que fez a saia curta do meu vestido girar em torno das minhas coxas. Congelando, olhei em volta para me certificar de que estava sozinha.

Não havia ninguém à vista, mas a música tocava baixinho ao longe. Ao contrário do branco brilhante implacável do corredor que eu estava saindo, o caminho à minha frente estava suavemente iluminado, as paredes creme infundidas com um brilho quente. Eu segui meus ouvidos para frente, ao longo do corredor, virando em outro corredor enquanto eu seguia atrás do leve murmúrio de vozes detectáveis contra o fundo da música.

Eu realmente não queria encontrar ninguém, nem mesmo meu chefe, mas encontrá-lo era meu único propósito ao usar aquela roupa ridícula.

Pelo menos era ridícula para mim. Talvez alguém do meu tamanho pudesse fazer isso, mas eu não era esse alguém. Eu me movia como um zagueiro ou um lenhador. Ou um lenhador jogando na defesa.

Não era apenas falta de graça. Minha pele pálida era coberta de sardas do mesmo marrom-avermelhado opaco do meu cabelo e olhos. Minhas sardas também não eram meras borrifadas. Não eram o pó de fadas ou os beijos de anjo

que minha mãe chamava quando eu era pequena e não tão abundantes.

Eu era praticamente um dálmata, mas sem a horda sexy de bombeiros.

Virando a esquina, tive meu primeiro vislumbre dos outros frequentadores da festa. Eu congelei, tudo sobre mim imóvel, exceto pelo meu olhar rápido enquanto eu pegava os vinte ou mais corpos, olhando para cada homem pelo tempo que demorava para ter certeza de que não era Beckett.

Alcançando o último homem, meu peito apertou. Ele tinha cabelo preto cortado no comprimento certo e pele que poderia ser o ouro verde-oliva de Beckett. O corpo atlético, completamente nu e em bom estado também era muito parecido com o do meu chefe para que eu dispensasse o homem sem ver seu rosto ou sua altura total.

Ambas as características estavam obscurecidas. O homem estava de joelhos com o rosto enterrado entre as pernas de uma mulher esguia de cabelos negros.

Meu estômago se revirou em nós enquanto esperava que ele levantasse a cabeça. Então uma lufada de ar quente me deixou enquanto eu me perguntava se eu estava realmente assistindo meu chefe chupar a buceta de uma estranha. Mesmo se não fosse Beckett, a imagem iria me assombrar por um longo tempo porque facilmente poderia ter sido ele.

E eu nunca seria a mulher recebendo esse tipo de atenção. Quando eu finalmente o encontrasse na festa, ele sem dúvida teria alguém como essa beldade de cabelos escuros ao seu lado. Atrás dela, haveria uma fileira inteira de mulheres semelhantes chamando sua atenção.

Apoiando-se nos cotovelos, seus gemidos exagerados persistindo no ar ao seu redor, a mulher ergueu as pálpebras pesadas e olhou primeiro para o homem lambendo uma linha em seu clitóris e depois para seus espectadores, virando, finalmente, para mim.

O lado esquerdo de seu rosto se ergueu em um sorriso de escárnio enquanto seu olhar deslizava pelos meus braços gordinhos, seios grandes e quadris largos. O escárnio suavizou para um beicinho quando sua atenção voltou para o homem trabalhando duro para fazê-la gozar, um triângulo de dedos empurrando para dentro e para fora dela enquanto ele lambia seu clitóris para frente e para trás.

— Mmm... — Ela passou as unhas pelos cabelos dele enquanto jogava a cabeça para trás. — Gostoso, você está me deixando com tanto tesão.

O homem rosnou, levantando sua cabeça por tempo suficiente para eu ver que não era Beckett.

A mão livre do homem emaranhada no cabelo de uma mulher ajoelhada ao lado dele. Retomando sua chupada e lambida, ele puxou a cabeça da segunda mulher até que ela estava enrolada no chão com seu pênis na boca, sua cabeça balançando no ritmo do homem.

Eu tropecei meu caminho através da sala, esquivando-me das mãos que procuravam me tocar. Ouvindo o som do couro na carne, estremeci e rapidamente me coloquei ao lado de uma estátua de mármore que ostentava um capacete com crista e um pau gigante que devia ter um metro de comprimento.

Fiquei olhando para ele por alguns segundos com um olhar entorpecido por tudo o que acabara de testemunhar.

Sério, em que realidade estranha e alternativa essas pessoas ricas viviam?

Ouvindo um segundo tapa, espiei ao redor da estátua para encontrar uma mulher contra a parede, braços e pernas afastados do corpo. Sua pele estava rosa. Meu olhar travou na cena, comecei a tremer quando um homem apareceu e levantou o braço, um chicote de couro na mão.

As caudas macias do chicote correram para encontrar a pele macia de seus seios. Quando eles fizeram contato, um gemido suave de desejo escapou de seus lábios.

— Agora vamos ver como sua boceta está molhada — um segundo homem murmurou, enfiando os dedos entre as coxas da mulher.

— Pingando pra caralho — ele anunciou e abriu o zíper das calças. — Bata mais. Tão forte quanto eu bati.

No primeiro golpe raso do homem, as caudas de couro dançaram levemente contra suas costas nuas. Ele gemeu, empurrou um pouco mais forte na segunda estocada, os grunhidos luxuriosos da mulher o incitando. Uma terceira estocada e ele fez uma careta quando o próximo golpe acertou forte.

Na quarta estocada, ele se chocou contra a mulher, seu corpo espasmando enquanto ela tensa contra suas amarras, uma necessidade premente apertando sua garganta.

— Você está tremendo — disse uma voz enquanto um dedo corria levemente pelo meu bíceps.

Eu segurei um grito e me afastei, a estátua balançando em sua base.

Mãos grossas e musculosas se estenderam para firmá-la.

— Isso é tão antigo quanto os mármores de Elgin, minha querida — disse o homem, puxando-me para longe.

Ainda tremendo, eu não olhei para cima. Algo em sua voz me disse para não fazer isso. Eu já tinha ouvido aquela voz antes. Não era Beckett, mas eu conheci um bom número de homens enquanto trabalhava para a Marzano Holdings que podiam pagar por esse tipo de entretenimento. Eu realmente não queria saber qual deles realmente se entregava.

— Por que você está tremendo? — ele perguntou, seu dedo enrolando ao longo da parte inferior do meu queixo para me forçar a olhar para cima.

Meu olhar demorou o máximo que pude, olhando primeiro para seu peito nu,

a intrincada tatuagem de cabeça de leão que cobria um peitoral quase tão familiar quanto sua voz. Mas foi só quando olhei para cima e vi seu rosto que percebi que a familiaridade não tinha nada a ver com trabalho e tudo a ver com prazer.

Jason Strand, estrela do maior sucesso de bilheteria do verão, olhava para mim com seus famosos olhos verdes.

— Gosta do que está vendo? — ele perguntou naquela voz foda-me que preenchia todas as cenas de quarto que ele já havia tocado e provavelmente era responsável pela combustão espontânea de alguns milhões de mulheres toda vez que ele lançava um novo filme.

— O quê?

Ele apontou com o queixo para a cena que se passava atrás de mim.

— O açoite, aqueles dois...

Suas mãos deslizaram para agarrar levemente meus ombros enquanto ele se inclinava, seu rosto pairando perto do meu.

— Eu acho que você está muito excitada. Aposto que você está tão molhada quanto ela.

As palavras filtraram lentamente e então eu balancei minha cabeça rapidamente.

— Eu... eu não estou aqui para isso.

Ele ergueu uma sobrancelha, o cabelo ligeiramente mais escuro do que a juba loira escura que cobria o topo de seus ombros em ondas grossas.

— Você não está aqui para as chicotadas?

— Não — comecei, em seguida, fechei os lábios enquanto me lembrava do aviso anterior.

Sem negócios, sem nomes, sem exceções.

— Quer dizer, estou aqui com outra pessoa — expliquei, afastando-me de seu toque. — Eu preciso encontrá-lo.

Seus lábios se enrugaram, seus olhos verdes dançando mais com diversão do que decepção. Seus braços grossos se cruzaram contra o peito e ele respirou fundo. Seu olhar acariciou meu corpo lentamente, suas bochechas corando contra sua pele bronzeada enquanto ele parecia traçar o rosa das minhas aréolas com seus olhos.

— Talvez você o ache mais fácil se tirar a máscara — ele ofereceu, sorrindo e estendendo a mão.

Recuei e comecei a cair na direção da estátua.

Strand passou os braços em volta de mim, levantando-me como se eu fosse um saco de penas enquanto ele girava de modo que, quando ele me deslizou lentamente por todo o comprimento de seu corpo rígido, eu me desviei cento e

oitenta graus da preciosa obra de arte.

Meus mamilos sentiram cada centímetro que viajaram sobre seu peito musculoso, o toque abrasivo fazendo minha boceta apertar inesperadamente.

— Por favor, me deixe ir — eu sussurrei.

Eu estava tremendo de novo, mais forte do que quando observei o casal na cruz. Eu sabia pelo calor que empolava minha pele que estava ficando rosa ou vermelha, meu torso e coxas queimando.

Eu me contorci em seu abraço, meus quadris acolchoados empurrando os seus duros até que senti o empurrão recíproco de uma ereção contra meu estômago.

Sério? Eu o estava excitando? Jason Strand, o maior galã de Hollywood?

— Por favor — eu repeti. — Eu realmente preciso encontrá-lo.

— E depois que você o encontrar? — Sua cabeça mergulhou para acariciar minha orelha. — Você virá me encontrar?

Meus joelhos decidiram parar de funcionar, apenas seus braços poderosos me mantendo de pé.

Rindo, ele me deu um tapinha sereno na parte inferior, em seguida, agarrou meus braços para que eu não caísse de cara no chão.

— Vou interpretar isso como um “sim” — disse ele e me soltou. — Te vejo mais tarde, linda.

Capítulo Quatro

Por fim, cheguei ao salão de baile da mansão. Cem ou mais corpos enchiam o espaço, alguns deles nos cantos mais distantes e ao longo das paredes em pares ou pequenos grupos. A maioria, no entanto, se aglomerava sob o lustre central, onde um carrossel de devassidão os entretinha.

Não ousando me aproximar dos pequenos grupos mais intimamente engajados, eu lentamente fiz meu caminho até o espetáculo central.

Como em todos os cômodos e corredores pelos quais passei, mãos me alcançaram. Nenhum dos homens teria prestado a menor atenção em mim no mundo real. Eu tive que lutar contra o instinto de dar um tapa neles ou mostrar meu escárnio e descrença.

Pesquisando os rostos na multidão ao redor do palco giratório e seus três casais fornicantes, avistei Jason Strand novamente, seu olhar fixo em mim em vez de nos artistas.

Perto de entrar em pânico com a possibilidade de nunca encontrar Beckett entre todos esses corpos mascarados e saltitantes, empurrei para mais perto do palco onde uma série de cadeiras e sofás formavam um anel externo. Olhei para a minha direita, localizando um candidato mascarado. Uma mulher tinha a cabeça em seu colo e tudo que eu tinha para julgar sua aparência era seu perfil esquerdo, a cabeça jogada para trás e os lábios entreabertos.

Eu certamente não poderia me aproximar do homem em tal estado. Já seria ruim o suficiente se não fosse Beckett e absolutamente mortificante se fosse.

O que diabos ele estava pensando quando me mandou trazer os papéis aqui?

Virando à esquerda, peguei os rostos mais distantes de mim. Quando fiquei na ponta dos pés para ver melhor, uma mão enrolou em volta dos meus quadris e puxou. Era o homem sentado ao lado de onde eu estava. Eu não tinha olhado

para ele ainda, sentia falta do cabelo preto e do smoking caro que cobria a maior parte de sua pele de ouro oliva.

Desequilibrada, eu caí em seu colo. Seus braços instantaneamente enlaçaram minha cintura e eu senti o cheiro familiar de especiarias moídas e sálvia misturada com uma nota superior amadeirada masculina que nunca deixou de me fazer tremer.

Me contorcendo para que eu pudesse olhar para ele, comecei a respirar com mais facilidade.

— Próspero — eu sussurrei, inclinando minha cabeça em direção à dele, em seguida, puxando para trás apenas o suficiente para ver o sorriso curvando em um lado de sua boca, os lábios deliciosamente cheios se estreitando com diversão.

— E para quantos ouvidos você sussurrou meu nome, menina?

Parte de mim se dissolveu com a pergunta, ou melhor, como ele a terminou. Então me lembrei que ele não podia usar meu nome. Caso contrário, ele nunca teria me chamado de “menina.”

Eu endureci em seus braços.

— Apenas o seu.

Agora que ele sabia que eu estava aqui, ele poderia me seguir de volta às portas laqueadas de vermelho. Apoiando minhas mãos nos apoios de braço, tentei empurrar para cima.

Beckett me prendeu com força, seus músculos inflexíveis.

— Sente-se um pouco — disse ele, seu tom suave não fazendo nada para esconder o fato de que ele tinha acabado de emitir uma ordem e não um pedido.

Quando me acomodei contra ele bufando, seu aperto relaxou.

Tentando muito não assistir a performance no palco ou pensar no fato de que estava sentada no colo de Beckett Frost, deixei meu olhar vagar acima das cabeças da plateia.

Uma cabeça era mais alta do que as outras, a juba loira do homem chamando minha atenção. Jason Strand ainda estava me observando, apesar de ter tantas opções melhores para escolher.

Uma noite sórdida de sexo com o ator seria uma história e tanto, refleti. Pena que eu estava apaixonada pelo homem que estava me segurando, seu aperto casual e nem um pouco possessivo, porque ele não tinha nenhum interesse em mim além dos papéis que eu tinha viajado pelo inferno para trazer para ele.

Os dedos de Beckett começaram a acariciar distraidamente meu joelho. Eu endureci contra seu toque. Ele estava se perdendo na performance, esquecendo que o saco enorme de carne pesando em seu colo era sua garota de meio de semana, a mulher que havia trabalhado diariamente com ele nos últimos três

anos e para quem ele nunca havia sequer piscado.

Passei a mão em sua mão como se fosse uma mosca.

Capturando meu pulso, Beckett sussurrou em meu ouvido.

— Não queremos que ninguém saiba por que você está aqui, não é?

Abandonando seu domínio, ele voltou a acariciar meu joelho, seu toque subindo mais alto na parte interna da minha coxa do que ele ousara antes da minha tentativa de detê-lo.

Ele estava meio certo, meio errado. Ele não queria que ninguém soubesse que estávamos quebrando as regras da casa ao trazer negócios para a festa. Não fui pessoalmente investida no segredo, apenas profissionalmente.

Virando a cabeça, Beckett colocou o nariz na lateral do meu pescoço, sua respiração quente onde roçou minha pele.

A necessidade se acendeu em minha carne. Minhas unhas cravaram nos apoios de braços estofados. Minha bunda e coxas ficaram tensas, meus joelhos pressionando um no outro até que comecei a tremer.

Inclinando a cabeça para cima, ele colocou seus lábios contra minha orelha, a intimidade alimentando o fogo dentro de mim.

— Espero que o que você teve que passar não tenha sido muito angustiante, menina.

Eu não conseguia pensar além do uso do apelido carinhoso.

O que diabos estava acontecendo aqui?

— E aí? — ele cutucou. — Foi?

A busca por ele não foi tão angustiante quanto me sentar em seu colo, suas mãos agora acariciando até a metade das minhas coxas enquanto seus lábios pressionavam ao longo da carne sensível do meu pescoço e contra a minha orelha.

Meu tremor triplicou.

— Eu pensei que isso era crucial — acusei suavemente, minhas palavras tão cuidadosamente selecionadas quanto eu poderia administrar enquanto minha boceta inundava com a necessidade e cada osso do meu corpo ficava macio.

— Eu não consigo pensar em nada mais crucial — ele murmurou, o barítono rouco não conseguindo me convencer. — Mas, por acaso, o remetente está presente.

Virando-me para ele, tentei redirecionar suas mãos.

— Então eu posso ir?

— Não. — Sua mão deslizou pela lateral da minha perna para pousar no meu quadril, seu toque confirmando a ausência de qualquer calcinha e provocando um sorriso malicioso.

Abaixando-me, puxei a bainha do vestido enquanto o ar frio se espalhava por

minhas coxas e as partes carnudas de meus quadris.

Gemendo, Beckett se afastou ligeiramente.

— Sua máscara faz cócegas, amor.

Eu congelei, meu olhar fixo no dele. Todo o tremor em meus membros e torso disparou para concentrar sua energia em meus lábios trêmulos. Chamar-me de “menina” já era ruim o suficiente. Usar “amor” era o mais próximo do imperdoável que eu poderia imaginar.

Me calando, ele tentou capturar meu queixo, mas eu virei minha cabeça bruscamente.

— Devíamos encontrar outro lugar — ele murmurou em meu ouvido. — Você está prestes a desmoronar.

Mordi o interior das minhas bochechas, o calor ruborizando minha pele não mais alimentado pelo desejo. Se eu estava desmoronando, era por causa de seu uso imprudente de palavras, me chamando de coisas que eu ansiava por ouvi-lo dizer, mas apenas para manter a farsa e sua participação intacta neste... neste clube de sexo superprivilegiado.

Ficando de pé, eu me levantei e cegamente fiz meu caminho através dos corpos enquanto as lágrimas não derramadas molhavam meus olhos. Beckett me pegou pelo pulso, me puxou para perto e colocou seu braço em meu ombro enquanto me conduzia em direção a uma porta oposta de onde eu tinha entrado no salão de baile.

Só quando estávamos em outro longo corredor é que percebi que não estávamos sozinhos, que alguém nos seguiu para fora do evento principal. Diminuindo a velocidade, consegui olhar por cima do ombro, apesar do aperto de Beckett em mim.

Eu me assustei, embora honestamente só meio surpresa.

Jason Strand caminhava atrás de nós, suas longas pernas fechando firmemente a lacuna enquanto Beckett acompanhava meu passo mais curto.

Puxando o paletó do meu chefe, parei e fiz um gesto por cima do ombro.

— Sim, eu sei — respondeu Beckett. — Eu disse que o remetente estava aqui.

Meus pés não queriam funcionar depois que ele soltou a bomba.

A Marzano Holdings era terra e álcool, com a maior parte da terra dedicada ao cultivo dos ingredientes usados no vinho e nas bebidas fortes que a empresa fabricava. Strand era ator. Um ator realmente enorme, tanto em termos de sucesso de bilheteria quanto no corpo que alimentava muitos sonhos molhados de mulheres.

Ele seria o porta-voz da empresa? Será que íamos finalmente responder a todas as atrizes famosas que estão trabalhando para nossos concorrentes usando

este Viking de Hollywood perseguindo nossos passos?

— Eu posso te dar minha chave — eu disse quando entramos em uma sala habitada por quatro mulheres desmascaradas, nem um pedaço de roupa em seus pequenos corpos.

Assim como todas as outras mulheres que colocaram os olhos em mim na festa, seus lábios começaram a se contorcer em zombarias. Eu plantei meus pés, sem vontade e incapaz de dar outro passo à frente.

— É o número treze — eu balbuciei, outra mudança repentina no meu humor mais uma vez me levando às lágrimas.

Número treze, assim como eu com as doze secretárias antes de mim. A sensação de afundamento contra a qual eu havia lutado durante meses pelo fato de a número quatorze estar a caminho se solidificou. Mas não era mais uma questão de Beckett ter a intenção de me substituir, meus projetos sendo acelerados sem explicação e outro trabalho sendo enviado para Stephens e Robley.

Não, a número quatorze estava ao virar da esquina porque minha demissão era iminente. Eu não seria capaz de olhar para Beckett na próxima vez que estivéssemos no escritório, não com a forma como meu corpo tinha respondido tão obviamente ao seu toque, não quando eu sabia que tudo isso era uma farsa para ele, um ato que ele estava encenando para passar pela parte dos negócios e voltar a se divertir.

— Saiam — rosnou ele para as mulheres que começaram a se tocar como forma de encorajar a ele e a Strand a me largar como um saco de batatas podres e brincar com elas.

Quatro bocas perfeitamente pintadas empurraram para a frente em beicinho. Strand repetiu o comando de Beckett, sua voz crescendo como o deus do trovão descontente com o qual ele se parecia.

Lentamente, as mulheres obedeceram enquanto Beckett me conduzia para trás de cortinas transparentes no outro lado da sala. A cama do outro lado das cortinas não foi registrada em minha mente, não a princípio.

Sentando-me na beira do colchão, ele pegou a máscara de cetim que cobria seu rosto.

Ouvindo o clique de uma fechadura quando a última mulher foi conduzida para fora, eu me virei para meu chefe e sussurrei minhas desculpas.

— Desculpe, nada como isso foi abordado nas minhas aulas de negócios.

— É isso que você ainda pensa que é? — perguntou ele, levantando delicadamente a máscara de penas do meu rosto enquanto Strand abria as cortinas e se postava na beira da cama.

A sugestão de Beckett de que meu cérebro estava funcionando era risível.

Minha mente estava desligando por causa da dor pulsante entre minhas pernas.

— O que eu acho que é? — perguntei sem jeito enquanto o peso de Strand assentava no colchão atrás de mim. — Negócios, certo?

Colocando uma mecha de cabelo atrás da minha orelha, Beckett se inclinou, apenas a pressão de seus lábios contra os meus oferecendo uma resposta.

Capítulo Cinco

Meu cérebro se rebelou com o beijo.

Os negócios eram tudo o que podia ser. Eles queriam falar de negócios, mas não podiam ir à festa estando sozinhos. Se eles estivessem sozinhos, Jason Strand teria um grande problema de imagem pública com suas fãs se os rumores começariam a se espalhar.

Então, eles precisavam de uma mulher na sala com eles, uma mulher com quem pudessem conversar sobre negócios.

Mas então por que diabos Beckett acabou de me beijar?

— Não há nada importante no envelope, não é? — eu perguntei, ainda tentando juntar tudo.

— Pelo contrário — respondeu ele, ajudando Strand a remover os grampos que a loira tinha enfiado no meu cabelo para mantê-lo em uma pilha da moda. — Os papéis daquele envelope são muito importantes. Quero que os leve para casa. Não abra e não os perca.

Observei enquanto ele colocava todos os grampos em uma fileira organizada sobre uma escrivaninha aninhada contra a parede, admirando o movimento sutil de seus quadris enquanto caminhava até a mesa e voltava, Strand imóvel atrás de mim e quase esquecido.

— Por que você soltou meu cabelo? — Eu estava perdendo rapidamente a estrutura da história calmante que havia inventado sobre por que aqueles dois homens me trouxeram para um quarto e trancaram a porta.

— Para deixá-la mais confortável — respondeu ele, capturando um grampo e brincando com ele enquanto Strand começou a esfregar levemente meu ombro com um dedo.

— E porque eu adoro te ver assim. Isso quase nunca acontece no trabalho.

Adoro te ver assim...

Não. Isso não estava certo. Não pode ser o que ele quis dizer.

Ele adorava ver os nus de Chernokovsky pendurados em seu escritório, os cabelos cor de canela caindo em suas costas. Ele adorava ver o painel interno de sua Ferrari F12 ou a estrada aberta se estendendo à sua frente.

— Beckett — eu corrigi, minha voz mudando para um tom histérico. — Você me trouxe aqui para que pudesse falar com o Sr. Strand sobre um negó...

A palavra congelou na minha garganta quando um beijo quente pousou no meu ombro. A partir daí, os lábios de Strand percorreram meu pescoço para alcançar meu ouvido.

— Você está aqui porque ele quer você — ele sussurrou. — E talvez eu tenha que me antecipar ao plano de Beckett se você me chamar de Sr. Strand novamente em vez de Jace.

Olhos fixos nos de Beckett, eu balancei minha cabeça.

Plano? O que diabos estava acontecendo? Isso era uma piada?

— Beckett é um homem de regras — Strand sussurrou entre mordidas suaves no lóbulo da minha orelha. — Não se envolva com funcionárias. Não se apegue. Não vá atrás das mulheres que são doces e gentis porque nenhum de nós é doce ou gentil.

Eu balancei minha cabeça novamente. Beckett não estava olhando para mim com desejo. Ele tinha a mesma expressão de quando o chefe do sindicato dos transportes tentou dobrar o custo de nossas entregas. Ele parecia teimoso, inalcançável e cheio de desdém.

— Por você, Gabby, ele está disposto a quebrar todas as suas regras.

Meu rosto ficou tenso. Eu não poderia continuar ouvindo Strand me prometer o paraíso enquanto Beckett me olhava como se eu fosse o inimigo. Eu pulei para frente, com a intenção de sair da cama e do quarto.

Strand me soltou.

Beckett não.

— Por que você esta correndo? — ele perguntou enquanto passava os braços em volta da minha cintura e me puxava com força contra ele, seu peito largo embalando minhas costas.

— Porque o seu... amigo... está errado e isso é humilhante.

Eu estaria entregando minha demissão na segunda-feira de manhã, redigindo-a assim que chegasse em casa e todos os meus soluços de coração partido se dissipassem.

— Ele não está errado — Beckett murmurou contra minha orelha, seus braços tensionando e puxando, embora não houvesse mais distância entre nós para fechar.

Sua boca pressionou contra o lado da minha cabeça, meu cabelo silenciando a sensação de ter seus lábios em mim de forma que tudo que eu senti foi a intensa pressão de um contato que eu desejava há quase tanto tempo quanto eu o conhecia.

Eu me contorci, meu olhar se encheu do rosto lindo de Strand e do torso esculpido, seu olhar verde cheio de curiosidade e especulação.

Fechei meus olhos e argumentei como o diabo com minha carne. Beckett tinha acabado de admitir tacitamente que queria usar meu corpo. Que não era nada mais significativo era evidente pelo fato de que ele trouxe um homem que eu nem sabia que ele conhecia.

Ei, amigo, que tal montarmos uma garota gorda juntos na próxima sexta? Parece bom?

— Me solte — eu engasguei.

— Só se você prometer ficar e ouvir — rosnou Beckett, seus lábios vibrando contra o meu pescoço. Seu corpo inteiro tremeu, seus braços e peito ficaram tensos para me impedir de disparar novamente.

— Claro — eu concordei, minha resposta dada tão prontamente que expôs minha mentira.

Sorrindo como uma maldita hiena, Strand encontrou a máscara que Beckett havia removido e caminhou até um armário alto e colocou-a em cima.

Com um metro e setenta e cinco de altura, eu não era baixa. Mas meu alcance não cobria o topo de uma peça de mobília de 2,5 metros de altura.

Bufando, eu empurrei nos braços de Beckett até que ele me soltou.

Me sentei na beira do colchão, minhas mãos puxando a bainha do vestido para garantir que as partes mais íntimas do meu corpo estivessem tão escondidas quanto poderiam estar com um material tão transparente.

Minha cabeça girou na direção de Beckett enquanto eu me lembrava de uma tarefa que ele havia me dado no mês anterior, uma tarefa que me irritou imensamente porque parecia que eu o estava ajudando a comprar para uma de suas namoradas durante a noite.

— Você me fez procurar vestidos vintage sabendo o que provavelmente estava passando pela minha cabeça o tempo todo — acusei.

Pela primeira vez desde que entrou na sala, sua boca se curvou em algo semelhante a um sorriso. Era um sorriso tímido na melhor das hipóteses, uma expressão que eu nunca o tinha visto usar.

— Eu não poderia te contar tudo ainda. Mas eu precisava que essas escolhas específicas fossem suas.

Nada fazia mais sentido. Frustrado e confusa além da conta, eu me levantei e fiz meu caminho até as cortinas para onde eu havia notado um espelho enorme.

Ambos os homens imediatamente seguiram meus passos.

Lancei um olhar desagradável por cima do ombro, na direção deles.

— Eu prometi conversar sobre isso. Vocês não precisam me seguir como se eu fosse uma condenada fugitiva ou algo assim.

Claro, eu nunca disse por quanto tempo iria falar sobre isso e estava perto do fim, com máscara ou sem máscara. Se eu mantivesse minha cabeça baixa e meu cabelo comprido caído para a frente, provavelmente poderia voltar para as portas duplas vermelhas sem que nenhum futuro empregador em potencial visse meu rosto por tempo suficiente para me reconhecer em uma entrevista posterior.

Parando na frente do espelho, fiz um estudo cuidadoso do vestido e meu corpo nele, um nó subindo em minha garganta enquanto as peças do quebra-cabeça se juntavam.

Entorpecida de compreensão, me virei lentamente em direção a Beckett.

— Eu não sou uma das suas malditas pinturas de Chernokovsky.

Era isso? Uma maneira estranha de imitar a arte que ele parecia apreciar tanto?

Até aquele momento, gostava das pinturas. As mulheres nelas, de outra época, eram diferentes das supermodelos que se penduravam no braço de Beckett ou tentavam escapar para um táxi depois que ele estava tão farto delas que nem mesmo se dava ao trabalho de levá-las para casa. As mulheres de Chernokovsky eram mais arredondadas, mais suaves, desejáveis para sua época. Deu-me esperança de que esses tempos voltariam a acontecer enquanto eu ainda fosse jovem o suficiente para me divertir.

Agora eu nunca seria capaz de olhar para uma pintura dessas novamente.

Pensei nos modelos que Chernokovsky havia usado, os tons canela de seus longos cabelos eram uma representação mais artística do que meus cabelos castanhos avermelhados. Eu nunca tinha decidido se eram três mulheres semelhantes em poses diferentes ou a mesma mulher expondo sua carne transbordante, as partes mais íntimas cobertas pela cortina de um lençol em uma, um vestido de renda desgrenhado em outra, e não mais do que seu cabelo com seus cachos estrategicamente colocados na moldura dourada em frente à mesa de Beckett.

Lançando-me em direção a Beckett, eu bati o punho contra seu peito.

— Diga alguma coisa! Contratar-me foi parte disso? Essa... eu nem sei como chamar essa fantasia. Deu errado?

Strand me conteve, seu aperto surpreendentemente suave enquanto sussurrava em meu ouvido:

— Você entendeu ao contrário, Gabby. Você não é uma substituta para as mulheres nessas pinturas. Elas são, e sempre foram, substitutas para você.

Eu balancei a cabeça, meus ombros se movendo com a mesma veemência.

— Não, as pinturas estavam lá antes de eu começar a trabalhar para ele.

— Mas não antes de você começar a trabalhar para Collier — respondeu Beckett, citando o primeiro executivo para quem trabalhei na diretoria da empresa.

O sussurro dolorido parou minha luta.

Eu olhei para meu chefe, seu olhar tão assombrado quanto sua voz. Eu nunca o tinha visto assim, como se ele tivesse perdido algo. Algo ou alguém.

Strand relaxou seu aperto firme, seu peso nas minhas costas me empurrando na direção de Beckett até que eu estava fracamente imprensada entre seus corpos rígidos.

Beckett deslizou suas mãos para frente, as palmas enrolando em volta dos meus quadris. Tive uma sensação instantânea de embriaguez antes que um pensamento sério ressurgisse.

— Por que aqui? Por que não sozinho? — As perguntas tremeram em meus lábios, cada pausa cheia de dor por ele estar me tratando como uma de suas estrelas ou supermodelos ambiciosas.

O que foi que Strand disse? Sobre as regras de Beckett?

Não se apegue...

Claramente, essa era uma regra que ele ainda se recusava a quebrar ou ele teria me seduzido de uma maneira totalmente diferente.

Eu balancei minha cabeça em exasperação. Ele me pediu para ouvi-lo, mas falou menos de uma dúzia de palavras desde então.

Bufando para os dois homens, eu afastei suas mãos, em seguida, olhei para meu chefe.

— Você queria que eu ouvisse, mas agora você tem rigor mortis na boca. — Eu empurrei seu peito, seu corpo balançando para trás, mas seus pés enraizados no chão. — Como você pode esperar que eu acredite em você? Acredite em tudo isso? Se você nem quer falar comigo?

Seus pulmões se encheram de ar, os músculos de seu peito empurrando de volta para mim. Seus lábios se separaram, sua língua deslizando para fora para dar uma lambida lenta e incerta no centro de seu lábio superior. Quando ele deslizou de volta para dentro de sua boca, seus lábios se moldaram em uma carranca.

Seu rosto endureceu, a transformação rápida. Mãos agarrando meus ombros, ele me puxou contra ele, nossos rostos quase se tocando enquanto ele finalmente tentava me convencer de que era outra coisa senão uma piada cruel ou uma tentativa sem noção de me cortejar.

— Você quer que eu diga que acho que você é muito provinciana para nós

termos qualquer tipo de relacionamento? Que você está muito preocupada com o que estranhos podem pensar?

Suas palavras empurraram quentes e descuidadas contra meus lábios. Claro, eu não era tão sofisticada quanto as mulheres que normalmente aqueciam sua cama, mas elas eram bonecas de plástico, nada mais do que androides do prazer sem o circuito complexo de um computador real. Isso não significava que eu fosse uma caipira rechonchuda do interior, um espalhadora de sementes de feno que tinha que usar um barril de base para esconder o pescoço vermelho de sol.

— Você está chateada agora — ele observou, uma de suas sobrancelhas escuras arqueando enquanto ele se afastava.

— Você acha? — eu rosnei.

— Bom. Agora prove que estou errado.

Envolvendo a mão em meu pulso, ele caminhou em direção à cama, Strand seguindo com as mãos nos meus quadris. Alcançando as cortinas, comecei a resistir. Beckett me soltou, mas Strand continuou a me prender livremente no lugar.

Empurrando meu cabelo para o lado com o nariz, Strand sussurrou em meu ouvido quando Beckett começou a se despir.

— Se você não o quisesse, você teria seguido em frente, menina. Você acha que ele não sabe sobre as ofertas de emprego que você recebeu?

Desesperada por qualquer desculpa para desviar o olhar de Beckett enquanto ele tirava a camisa do smoking de seu corpo, eu me contorci e me mexi até olhar para Strand. As sombras da sala tornavam impossível ler o que se escondia por trás daqueles olhos verdes claros.

— E se eu te dissesse que ele planejou uma das melhores ofertas?

Eu senti como se o homem tivesse acabado de me dar um tapa no rosto ou batido com uma de suas grandes mãos em meu estômago. Eu neguei a possibilidade com um aceno de cabeça.

Ele começou a recitar os detalhes da empresa de distribuição da Nova Inglaterra e sua oferta para me contratar. Foi a única oportunidade que me tentou dolorosamente. Eu teria estado perto o suficiente para ver meus pais nos fins de semana, teria me encaixado com os habitantes locais em vez de morar em uma cidade cheia de superdotados que queriam ver minha pontuação de crédito antes mesmo que o primeiro encontro pudesse começar.

Voltei meu olhar para Beckett, seu torso nu, seu cinto e sapatos descartados e o botão de sua calça aberto. Fechei meus olhos contra toda aquela beleza masculina, a luz caindo suavemente em sua pele de ouro oliva de forma que ele praticamente brilhava.

— Quando você recusou esse — sussurrou Strand, suas palavras como um

martelo batendo no vidro. — Foi quando ele soube que você estava apaixonada por ele.

Meus olhos se abriram.

Beckett estava decididamente evitando meu olhar, seu foco não exatamente no chão, nem em qualquer lugar.

— Você sabe que eu te amo e me engana para me trazer até aqui... para me compartilhar?

O silêncio respondeu, sua voz uma terrível mortalha de nada, nem mesmo o som do ar entrando e saindo dos pulmões de Beckett.

— Pra quem queria conversar sobre tudo isso... — eu disse, a verdadeira decepção latejando em minha voz.

Empurrando as mãos de Strand de cima de mim, passei direto por Beckett até a mesma escrivaninha em que ele colocou os grampos de cabelo.

Abri a gaveta e encontrei o que estava procurando. Um bloco de papel e algo para escrever.

Sem perder tempo, rabisquei o breve preâmbulo da minha demissão.

Esta carta é para informar o departamento pessoal da Marzano Holdings e meu supervisor direto, Beckett Marzano Frost, que eu, Gabby Pryce...

Mãos esticadas suavemente ao redor dos contornos de meus quadris, o cheiro quente de sálvia e madeira me dizendo que era Beckett me tocando, seu corpo duro pressionando contra minha bunda enquanto eu me inclinava sobre a mesa e escrevia as palavras proclamando que eu não estava apenas desistindo do empresa, eu estava desistindo dele.

Envolvendo seu torso nas minhas costas, ele pressionou o queixo na carne do meu ombro.

— Eu te amo, Gabby. Estou apaixonado por você há algum tempo. Mas isso... isso é quem eu sou.

Minha caneta parou de se mover, assim como todos os músculos do meu peito. Processar suas palavras com meu coração batendo forte em meus ouvidos estava se provando além da dificuldade.

— E Jace? Quem é ele para você? — Eu consegui perguntar.

— Jace é uma parte de quem eu sou também — ele sussurrou.

— Vocês dois são amantes?

Eu me virei dentro dos limites estreitos de seu corpo e da mesa, minha espinha desajeitadamente dobrada enquanto tentei ver seu rosto.

Santo inferno! Quanto tempo eu gastei escrevendo minha demissão?

Ambos os homens estavam agora completamente nus, seus impressionantes pênis totalmente eretos, o eixo grosso de Beckett e a cabeça pressionando firmemente contra a curva do meu estômago.

— Somos irmãos — Strand me corrigiu, parando ao lado de Beckett.

— Você sabe que sua resposta só torna tudo isso cem vezes mais estranho? — gritei para o ator.

— Não literalmente meu irmão — disse Beckett, enquanto Strand ria. — Mas Jace é a única família verdadeira que tenho e a única pessoa em quem confio além de você.

Olhei entre os dois rostos bonitos com seus olhares emocionantes e corpos relaxados. Como diabos eu não sabia sobre Jason Strand se ele era tão importante para Beckett?

— Isso — disse Strand então, dando um passo para longe de nós — é muito mais fácil de explicar na cama.

Capítulo Seis

Beckett me levou até a cama, seus olhos fixos nos meus e suas mãos circulando levemente meus pulsos. Foi o seu olhar que me compeliu. Cada orbe cinza-vidro era um cristal de gelo à beira de derreter, as muitas facetas refletindo os últimos três anos da minha vida.

Havia tão pouco nessas memórias para me fazer acreditar nele, mas eu queria.

Certa de que meu coração logo estaria estilhaçado e sangrando, não obstante, permiti que ele me acomodasse no meio da cama, seu corpo comprido de um lado e o de Strand do outro.

— Você compartilha suas amantes?

— Às vezes — respondeu Beckett. — Precisamos ter certeza de que a mulher pode ser discreta.

Seus dedos acariciaram logo acima do meu joelho enquanto Strand traçava a linha da minha clavícula, sua respiração caindo em um ritmo quente e hipnótico no meu pescoço e ombro. Não demorou muito com meu olhar para o rosto de Beckett e sua fricção suave para que eu me contorcesse contra o colchão, minha respiração acelerando.

Beckett deslizou a mão por baixo da bainha do vestido vintage. Eu engoli em seco e sacudi quando seus dedos brilharam contra a curva rechonchuda da minha coxa antes de suas unhas arranharem levemente o cabelo que cobria meu monte.

Eu não era nada parecida com as mulheres que passavam pelas portas giratórias de sua mansão em Pacific Heights. A julgar pelas reportagens dos tabloides que eu nunca admitiria ler, eu também não era o tipo de Strand.

As mulheres eram mais magras, vestiam blusas de mil dólares e calças duas vezes mais caras. Um único dia no salão de beleza para elas era mais do que

minha hipoteca mensal. Elas eram depiladas, sem qualquer pelo além de suas sobrancelhas e couro cabeludo, cada centímetro deles perfeito de uma forma inteiramente artificial.

Eu era provinciana, assim como Beckett acusou.

— Não, amor. — Ele murmurou enquanto eu balancei minha cabeça e apertei minhas coxas. — Desligue seu cérebro só um pouco, por favor.

— Ajude-a a desligar — Strand rugiu contra meu pescoço. — Ou me dê licença para fazê-lo.

Eu fiquei tensa da cabeça aos pés. Strand era um estranho além da tela do cinema e do endosso de Beckett. Eu queria o toque de Beckett. No fundo, isso era algo que eu não podia negar. Mas Strand, por mais desejável que fosse em abstrato, me assustava.

— Shh, Gabby, amor — Beckett acalmou enquanto se movia mais para baixo na cama e beijou a renda que cobria meu mamilo.

Ele soprou ar quente através do tecido, derretendo o bico duro por baixo antes de ressuscitar meu pico sensível com um beliscão de seus lábios através do material. A grande mão de Strand cobriu o outro seio, os dedos arranhando a carne enquanto ele apertava e puxava.

Uma mão, de Beckett, deslizou sob a saia do vestido para acariciar a linha fechada de meus lábios. Seus dentes agarraram meu mamilo entre a renda e lentamente, suavemente, começaram a moer. Strand mordeu levemente meu ombro, em seguida, plantou uma fileira de beijos sugadores no meu pescoço enquanto Beckett provocava minhas coxas separadas.

Droga. Eu ia deixar acontecer, iria aceitar meu chefe e seu amigo, homens que poucas horas antes não poderiam estar mais longe do meu alcance se estivessem contra o céu noturno.

Qualquer "*final feliz*" não seria mais do que uma metáfora obscena para o meu clímax. O resto seria uma cidade devastadora.

A cabeça de Beckett surfou mais abaixo no meu corpo, seu hálito quente sussurrando através do material do vestido para eu relaxar e deixá-lo me mostrar o quão real era sua necessidade por mim. Timidamente, ele levantou a saia transparente para revelar minhas coxas pálidas e grossas e o cabelo castanho avermelhado cobrindo meu monte.

— Esqueça tudo que você pensa que sabe — Strand murmurou entre beijos no meu pescoço, a pele em carne viva e sensível em suas bochechas e queixo eriçado. — Deixe-o falar com você com os dedos ou com o movimento da língua contra o seu clitóris.

A boca de Beckett roçou ao longo das minhas coxas. Tão quente quanto minha carne parecia, seus lábios estavam mais quentes, queimando minha pele

sem marcá-la.

Envolvendo a mão em volta do meu joelho, ele traçou uma linha através dos meus pelos púbicos com o nariz, sua ponta cutucando a vedação dos meus lábios. Ele deslizou uma das minhas pernas para o lado, abrindo um vale estreito.

Strand o ajudou a aumentar a distância puxando minha outra coxa.

Minha respiração já parecia obstruída. Não exatamente ofegante porque sempre me esquecia de inspirar. O peso de seu relacionamento misterioso caiu pesadamente em meu peito, lembrando-me que a troca era entre Beckett e Strand. Eu não era mais do que um corpo no meio. Eu podia gostar do que eles estavam fazendo, mas não conseguia investir nenhuma emoção no ato.

Dedos beliscaram rudemente meu mamilo. Eu inalei profundamente e lancei a Strand um olhar acusador.

Ele respondeu com um sorriso e um olhar calculista.

— Você não está se dando uma chance, garotinha. Eu não me importo o quanto você abre suas pernas, você ainda está fechada.

Beckett parou seus beijos lentos e sensuais contra minhas coxas separadas e a borda dos meus pelos pubianos. Ele olhou para mim por cima da curva do meu estômago, o olhar cinza ainda me derretendo, sua beleza cintilante tirando meu último suspiro.

— O que você quer, amor?

Meu nariz enrugou. Eu senti a picada de lágrimas salgadas crescendo.

Naquele momento, eu queria estar em casa, na minha cama, a ligação nunca tendo chegado, meus ouvidos nunca tendo ouvido ele me chamar de “amor” com um ruído áspero. Eu queria poder ir para o trabalho na segunda-feira, meu emprego seguro, minha fantasia e meu coração intactos.

Quando eu não disse nada, Strand preencheu o silêncio com seus sussurros sedutores em meu ouvido.

— Eu vi você assistindo Ava tendo sua boceta devorada, vi seu corpo respondendo não ao mero ato, mas à cabeça escura de seu amante movendo-se entre suas pernas.

Ele puxou minha perna, me abrindo mais para Beckett.

— Ela quer você — assegurou ao amigo. — Você já escondeu seu interesse por muito tempo, muito profundamente, para ela acreditar em tudo que está ouvindo e vendo. Agora ela precisa sentir sua admiração.

Sua expressão endurecendo, Beckett surfou pelo meu corpo, seus quadris mantendo minhas coxas abertas. Ele empurrou Strand até a beira da cama, em seguida, enrolou as mãos em volta do meu rosto.

— Se você não me disser o que quer, talvez me diga o que não quer — ele rosnou, o tom sinistro de sua voz torcendo meu intestino como um saca-rolhas.

— Você me quer fora da sua vida, Gabby? Você só tem que me dizer. Vou fazer funcionar na empresa ou garantir que você encontre uma posição melhor longe de mim. Mas não posso continuar escondendo a mim mesmo ou o que eu quero de você.

Lágrimas quentes e gordas vazaram de mim, escorreram pelos lados do meu rosto para encher minhas orelhas e molhar meu cabelo.

— É isso que você quer, que eu saia da sua vida?

Engoli em seco, tentei responder com palavras, mas minha garganta estava muito entupida. Eu balancei a cabeça, minhas mãos enrolando em torno de seus bíceps para segurá-lo perto de mim.

— Você está me matando, baby — ele gemeu antes de seu lábios esmagados contra os meus, sua língua buscando entrada em minha boca maleável. — Eu quero provar você, tudo de você. Eu quero chupar e lamber onde você está toda quente e úmida, eu quero traçar suas curvas deliciosas com minhas mãos e boca. Eu quero me enterrar dentro de você...

Cada palavra era um tijolo na advertência que ele estava construindo, o "mas" entre nós que era Jason Strand.

— Chega de falar, por favor — eu pedi. — Você também está me matando, cada vez que fala "amor." Então, apenas... sem mais palavras. Por favor.

A dor brilhou em seu olhar, mas então ele piscou, escondendo-a de mim. Ele acenou com a cabeça, sua aquiescência à minha demanda quase imperceptível.

Ele deslizou pelo meu corpo novamente, Strand preenchendo o vazio ao longo do meu lado direito, seu olhar verde misterioso enquanto olhava para o meu rosto. Eu não conseguia olhar para ele, não conseguia olhar para Beckett também, então fechei os olhos.

Strand suspirou, mas não me repreendeu por me esconder. Quando ele me tocou novamente, parecia estar seguindo o ritmo e a direção de Beckett, seu toque suave e exploratório enquanto ele corria um dedo do meu pulso até o meu ombro.

Eu relaxei um pouco, a natureza cada vez mais sutil da intrusão de Strand me deixando fingir por alguns momentos preciosos que era apenas Beckett na cama comigo, sua boca acariciando suavemente a linha do meu sexo.

Beckett lambeu, o roçar de sua língua tão gentil que era como uma brisa quente e úmida contra minha pele. Exalando, empurrei meus quadris para cima, silenciosamente implorando para que ele aumentasse a pressão. Suas mãos envolveram minhas coxas, os dedos apertando ritmicamente enquanto ele alargava o vale entre as minhas pernas, centímetro a centímetro.

Sua língua deslizou de onde bateu suavemente no balançar do meu clitóris para o buraco molhado e pulsante da minha boceta, os músculos contraídos em

espasmos quando ele fez o primeiro contato.

O ar me deixou de uma vez. Minhas mãos correram para seu cabelo preto ondulado tão espesso e macio quanto zibelina. Strand riu da minha reação. Eu ignorei o som, fingi que ele tinha ido embora e era apenas o eco de sua antiga presença que eu tinha ouvido.

Uma mão enrolou possessivamente em volta do meu seio. Strand se intrometendo novamente, ambas as mãos de Beckett ocupadas com a massagem suave de meus lábios carnudos e clitóris inchado. Sua mão ficou lá, imóvel e ficando mais quente contra a minha carne.

Lá embaixo, sua boca sugando e mordiscando o meu sexo, Beckett deslizou dois dedos grossos dentro da minha boceta. Eu me contraí em torno deles, choramingando minha necessidade enquanto minha bunda deixava o colchão.

Tendo adorado Beckett por tanto tempo, meu corpo estava preparado para tremer e gozar à menor provocação de seu toque. Eu estava batendo levemente contra a barreira do meu clímax, meu monte engajado em uma dança crescente de necessidade.

Um miado suave torceu na minha garganta quando Beckett chupou o caroço do meu clitóris e seu capuz entre seus lábios, assim que Strand cobriu meu mamilo dolorido com sua boca quente e úmida.

Lentamente, eu estava esquecendo minha oposição a Strand, seus membros e boca se tornando uma extensão de Beckett enquanto seus movimentos se tornavam mais sincronizados agora que eu tinha parado de resistir.

— É isso aí, baby — Strand sussurrou enquanto Beckett gemia contra a minha boceta, adicionando um terceiro dedo dentro de mim e puxando-o para dentro e para fora, meu corpo apertando a cada volta, cada toque de seus dedos contra minha carne interna inchada para que eu pudesse apenas inspirar e segurar, inspirar e segurar.

— Ele precisa disso há tanto tempo — insistiu Strand, a voz baixa e vibrando no canto da minha boca.

Sua mão deslizou para baixo para redirecionar levemente os lábios de Beckett. Eu queria gritar minha desaprovação enquanto Beckett deixava de chupar aquela carne tão sensível para deixar beijos molhados em minhas coxas, mas Strand acalmou a ausência com um esfregar suave e circular da espinha inchada.

Eu exalei um pouco do ar reprimido, o suficiente para choramingar e lamentar minha necessidade.

— Mais forte — disse Strand quando comecei a vibrar contra o colchão.

Ambos os homens aumentaram a pressão de seu ataque, os dedos de Beckett se movendo mais profundamente e mais rudemente dentro de mim enquanto

Strand amassava e apertava meu clitóris sensível, a ponta calosa de seu polegar empurrando uma linha dura para cima e para baixo até que ambos os amantes me trouxeram a um clímax resistente, minhas mãos dançando como aranhas paralisadas ao meu lado.

O resto do ar que eu estava segurando saiu em um sopro quente quando minha bunda bateu no colchão.

Tremores secundários vibraram através de mim enquanto Beckett e Strand suavizavam seu toque.

— Baby — Strand sorriu enquanto empurrava seu amigo para fora do vale entre minhas coxas separadas. — Você está prestes a aprender por que dois é muito melhor do que um.

Capítulo Sete

Meu coração, que ficou lânguido com o clímax, começou a disparar com a percepção de que Strand estava prestes a intensificar sua sedução de uma maneira mais íntima. Minhas coxas começaram a se apertar, mas Beckett as bloqueou segurando suavemente meu monte e massageando a carne inchada e sensível até que tudo que eu conseguia pensar era em seu toque e sua voz enquanto ele sussurrava encorajamento em meu ouvido.

— Gabby, você tem dois amantes na cama — ele persuadiu. — São dois grandes apetites famintos pelo seu corpo delicioso. — Strand desacelerou seu avanço enquanto Beckett afrouxava o corpete do meu vestido.

— Eu quero você nua — disse ele, ficando de joelhos. Ele juntou minhas mãos e puxou levemente, encorajando-me a sentar.

Puxando uma respiração instável, eu o ajudei a manobrar o material pelo meu torso, em seguida, levantei meus braços, meus seios grandes perdendo seu último pedaço de sustentação. Exceto pela maquiagem e os cílios postiços, toda a minha camuflagem havia sido retirada, deixando-me apenas com minhas curvas transbordantes e minha pele pálida e sardenta.

— Caralho — Strand gemeu, abandonando minhas coxas grossas para enrolar a mão em torno de um seio maduro com seu mamilo excitado. Ele deu uma longa e lenta sucção, liberando o mamilo com um estalo antes de olhar para mim, o calor queimando em seus olhos verdes. — Eu quero enterrar meu pau dentro de você agora.

Uma bola quente de necessidade chamejou por mim com suas palavras.

— Não me faça trancar você no corredor — Beckett avisou, uma provocação percorrendo sua voz áspera.

Empurrando a cabeça de Strand, ele redirecionou o amigo de volta às minhas coxas e me acomodou contra a pilha alta de travesseiros. Terminado, ele envolveu seu torso na minha cintura, um braço o sustentando para que ele pudesse se mover facilmente entre beijar ao longo da curva da minha mandíbula e provocar meus seios.

— Ele não te assustou daquela vez — Beckett meditou, me encontrando relaxada.

Meus lábios se moveram, mas não consegui encontrar nenhuma palavra. Minhas bochechas começaram a queimar e um rosnado retumbou contra meu monte.

— Ajuda se você não apontar coisas assim. — Strand pontuou seu conselho com um tapa amigável nas costas de Beckett. — Se ela se fechar de novo, é você quem será jogado no corredor, amigo.

Um rosnado baixo vibrou em seu peito com a ideia, o peito de Beckett se expandiu em uma demonstração de pura posse agressiva.

— Como se eu fosse deixar você ficar aqui com ela sem mim.

Meu peito corou — não de desejo, embora houvesse muito disso — mas de emoção. Beckett apenas meio que queria me compartilhar. Ele queria que a fonte do meu desejo se concentrasse nele. Pelo menos eu pensei que era esse o significado por trás de sua evasão repentina. O problema era que eu não o estava lendo direito por meses... ou anos se ele finalmente estava me dizendo a verdade.

— Pare de pensar, garotinha — Strand rugiu contra minha coxa.

Minha cabeça balançou em concordância. Com tudo o que já havia acontecido, meu relacionamento com Beckett mudou irrevogavelmente. Eu poderia duvidar do que ele estava dizendo naquele momento, mas a sorte já havia sido lançada. Não havia como desfazer o clímax que ele acabara de me dar, não havia como desfazer os golpes que eu permitira a Strand.

Uma vez que amanhecesse, eu poderia encontrar nada mais do que uma idiota gorda. Mas, naquela cama, já tendo me rendido, eu só seguiria em frente.

Eu enrolei uma palma contra a bochecha de Beckett, o simples toque persuadindo-o a encontrar meu olhar. Quando ele fez isso, puxei sua cabeça em direção à minha, meu lábio inferior preso firmemente entre meus dentes até que nossas bocas estivessem a uma distância de beijo e eu senti o ritmo quente de sua respiração contra minha pele.

Meus lábios se separaram, meu pescoço esticado para frente para fazer uma ponte sobre o último centímetro de ar que nos separa.

Enquanto minha boca pressionava a de Beckett, Strand selou seus lábios ao redor do meu clitóris, sua língua rapidamente encontrando a pequena pérola enfiada sob o capuz com a clara intenção de tomar posse total dela. E do resto de

mim.

Eu joguei meus braços em volta dos ombros de Beckett, minha língua empurrando em sua boca enquanto meus quadris subiam. O creme fresco inundou minha boceta. Já tensa desde o meu primeiro clímax, eu precisava de um pau em mim.

Ou dois...

Exalando lentamente, eu plantei ambas as palmas contra o peito de Beckett e o empurrei de volta. Uma mão caiu para agarrar seu pênis. Usando o cabo grosso como alça, puxei-o para mais perto.

— Foi por isso que você me apoiou nos travesseiros, não é?

Seus lábios se separaram, suas pálpebras fechando em um piscar forte antes de suas narinas dilatarem e seu peito se expandir.

Sim, eu tinha certeza de que ele concordava com a ideia da minha boca em seu pau.

Eu o puxei para mais perto ainda, deslizando um pouco para baixo na pilha de travesseiros, forçando Strand a acariciar com mais força contra o meu monte enquanto eu encontrava o ângulo perfeito para beijar e chupar o pau de Beckett.

Era lindo, assim como o resto dele. Grosso, com uma cabeça gorda, mas não do tamanho de um monstro.

Mais do que eu poderia levar até minha boca também, mas eu queria aprender como eu poderia, algo que nunca me interessei em praticar antes.

Pressionando a bochecha de Strand com minha coxa, forcei-o a olhar para mim.

— Aposto que você não consegue acompanhar — eu desafiei, encontrando seu olhar verde brilhante.

Ele ergueu a boca da minha carne, seu sorriso me avisando que eu já tinha perdido a aposta.

Retornando lentamente seus lábios ao meu clitóris, ele esperou, uma sobrancelha levantada, sua boca erguida e pronta.

Eu exalei uma lufada de ar áspera, meu coração começando a martelar no meu peito. Olhando por cima de Beckett, eu vi o mesmo sorriso se esticando em seu rosto.

Claramente, eu havia subestimado sua resistência e superestimado a minha própria, provavelmente.

Compondo minhas feições na expressão mais hesitante e inocente que pude controlar enquanto minha boceta gritava sua necessidade de ser preenchida, eu dei uma lambida experimental no meu lábio superior, em seguida, moldei ao redor da cabeça gorda do pênis de Beckett.

Ele gemeu, sua mão disparou para se apoiar no topo da cabeceira da cama.

Minha língua acariciou ao longo da parte inferior de seu eixo. Ele fechou os olhos, seu sorriso alterado para algo que era metade dor, metade prazer.

Strand espelhou os movimentos em meu clitóris e deslizou dois dedos furtivos dentro de mim.

Afastando-se, eu olhei para ele.

Beckett riu.

— Garotinha, você tem sorte que são apenas alguns dedos miseráveis que Jace está enchendo você.

Caramba, eu não precisava ouvir isso.

Minha boceta se contraiu, uma onda de necessidade vibrando através dos músculos travados em torno dos dedos grossos de Strand. Eu bombeei o pau de Beckett, o gesto recompensado por um impulso suave dentro de mim.

Beckett enrolou um dedo sob meu queixo, levantando meu olhar até que eu estava olhando para seu lindo rosto.

— Para esta noite, perder não é apenas perfeitamente aceitável, é encorajado.

Seu sorriso perverso me disse que ele tinha planos específicos para seu pênis assim que eu perdesse a aposta. Mas eu tive que jogar primeiro para descobrir o que eles eram.

Fechando meus olhos, abaixei meus lábios mais uma vez para a coroa grossa de sua ereção, sugando suavemente seu largo diâmetro até que toda a cabeça estivesse dentro da minha boca. Strand empurrou mais fundo dentro de mim, a ponta de sua língua e as pontas de seus dedos espelhando-se mutuamente com fricções onduladas para cima, a língua provocando meu clitóris enquanto os dedos pressionavam contra o bulbo nodoso de carne dentro da abertura da minha boceta.

Eu me contorci, gemi, minha mão e boca se tornando erráticas enquanto eu acariciava e chupava Beckett. Sua cabeça inclinou para trás e ele gemeu comigo, mas eu sabia que seu controle era maior.

Os músculos de seu abdômen e coxas ondulavam com esse controle enquanto os meus estremeciam com o ataque suave de Strand entre minhas pernas. Os sons borbulhando na minha garganta transformaram-se em gemidos necessitados enquanto minha bunda dançava contra o colchão e eu apertava a cabeça de Strand com as pernas.

Capturando meu rosto, Beckett me parou, seu olhar me perfurando com a mesma dor que enchia meu corpo. Com uma inclinação maliciosa da cabeça, ele olhou para Strand.

— Eu acho que é hora de você me acompanhar, em vez disso.

Eu não tinha certeza do que ele queria dizer, mas o desejo cru em sua voz vibrou através de mim, suas ondas viajando através da pele e através dos

músculos até que eu balancei da cabeça aos pés.

Strand baixou a boca para minha boceta febril, seu olhar em Beckett.

Controlando minha cabeça, Beckett empurrou meus lábios, ainda não me fazendo engolir a ponta completa, apenas com estocadas superficiais para frente e para trás que acompanharam a velocidade dos dedos sondadores de Strand e a linha que ele lambia ao longo do meu clitóris.

Eu gemi, cada terminação nervosa do meu corpo ganhando vida enquanto um homem enfiava na minha boca e o outro tocava minha boceta, o ritmo rápido mantido enquanto os golpes se aprofundavam.

— É isso aí, amor, engole meu pau.

Meu corpo rolou com seus esforços, quadris empurrando, cabeça empurrando contra a prisão das mãos de Beckett para que eu pudesse tentar engolir a ponta grossa enquanto empurrava até o fundo da minha garganta. Minha coluna se curvou, endireitou, meus quadris chicoteando para a esquerda e depois para a direita enquanto a tensão entre minhas pernas aumentava cada vez mais.

— Eu não vou gozar nessa boquinha bonita — Beckett incitou, o olhar fixo no meu. — Não desta vez. Quando eu gozar, meu pau vai estar enterrado naquela boceta apertada que Jace está tocando.

Sim, era isso que eu queria, seu pau, grosso e latejante, batendo contra os tecidos moles que os dois homens tinham deixado tão inchados juntos. Minha boceta enrolou em torno dos dedos de Strand, ordenhando cada centímetro de seu comprimento, apertando a circunferência apertada.

Strand acionou outro dedo dentro de mim quando parou de chupar meu clitóris e começou a raspar com firmeza os dentes contra sua pele macia. Eu me segurei, cada músculo congelado e tremendo, minha mandíbula aberta em um ângulo perfeito para Beckett alimentar seu pênis por todo o caminho em minha boca e garganta.

A contração agarrando minha boceta liberou e prendeu novamente. Eu empurrei, a garganta fechando em torno da cabeça do pênis de Beckett como se eu estivesse tentando engoli-lo. Gemendo, ele congelou comigo enquanto a próxima contração possuía meu corpo. Sua mandíbula cerrou-se com força e as coxas se transformaram em pilares de granito, mas ele manteve sua promessa de autocontrole, mesmo enquanto eu me desintegrava em um milhão de pedaços, minha liberação esguichando contra o queixo de Strand enquanto eu empurrava violentamente contra o colchão.

Juntos, Beckett e eu desabamos na pilha de travesseiros.

Strand mudou para lambidas suaves ao longo da linha da minha boceta, acalmando a carne apaixonada, mergulhando para colher meus sucos com a

língua. Suas mãos massagearam minhas coxas cansadas e quadris doloridos que estavam tensos pela última meia hora com toda a necessidade que os dois incitaram.

Por fim, ele empatou conosco. Pegando meu rosto, ele pressionou sua boca contra a minha, sua língua ainda molhada com meus sucos enquanto a empurrava pelos meus lábios.

Quando ele interrompeu o beijo, um sorriso irônico apareceu em seu rosto em uma linha irregular.

— Aviso importante, menina. Estamos só começando.

Capítulo Oito

Strand não estava brincando ou se gabando. Ele estava falando sério, a luxúria iluminando seus olhos verdes. Movendo-se em direção à beira da cama, ele alcançou uma tigela de latão na mesinha de cabeceira, o vinco de celofane rapidamente revelando que estava cheio de preservativos.

Ele passou um para Beckett, em seguida, pegou outro.

Eu engasguei quando Beckett rasgou o pacote, seu olhar quase selvagem enquanto ele olhava para o meu rosto, suas mãos trabalhando fora de vista para rolar o látex em seu pau grosso.

Isso estava realmente acontecendo.

Dois homens e eu.

Oprimida pela ideia, plantei minhas mãos contra o peito de Beckett enquanto Strand me cutucava de lado e se acomodava contra minhas costas. Beckett acariciou suavemente minha bochecha, estudando meu rosto e lendo a angústia escrita nele no que deviam ser grandes letras maiúsculas. Aninhando-se mais perto, ele me beijou suavemente.

— Confie em mim, Gabby. Seu prazer é nossa única prioridade.

Havia algo em seus olhos e voz que sugeria um significado oculto para suas palavras, como se tanto suas palavras quanto seu olhar pudessem estar cobertos por sombras. Mas também duvidei da minha capacidade de lê-lo depois do planejamento que ele tinha feito para me trazer aqui, me querendo por pelo menos uma noite quando eu não conseguia imaginá-lo me querendo nem um minuto sequer com base em nossas interações anteriores.

Mordi meu lábio nervosamente enquanto minha cabeça mergulhava em aquiescência, minhas mãos deslizando para cima para enrolar ao redor de seu pescoço como se sempre tivessem pertencido a ele. Abaixando-se, ele puxou

minha perna de cima para que caísse em seu quadril, meu corpo imprensado entre os deles como um marshmallow entre duas placas duras de carne de primeira.

— Mesmo molhada como você está, menina, precisamos de você mais molhada — disse Strand, avisando-me o que viria a seguir enquanto plantava uma fileira de beijos ao longo do meu pescoço e ombro. — Eu vou esguichar um pouco de lubrificante em meus dedos, em seguida, aquecer essa boceta apertada.

Meus antebraços agarraram mais desesperadamente o pescoço de Beckett. Ele puxou um e pressionou seus lábios contra meu pulso interno.

— Só um de nós de cada vez, Gabby — ele me assegurou antes de reclamar minha boca para um beijo longo e perturbador, enquanto Strand começava a mexer habilmente os dedos dentro de mim.

Espessa e escorregadia, a língua de Beckett acariciou a minha, enrolou sob meu lábio superior e então mergulhou profundamente em minha boca. Recuando, seus dentes brincaram no meu lábio inferior antes que ele o sugasse em sua boca, seus dedos acariciando o lado do meu rosto com a mesma tensão excitada que balançava meu corpo.

Sentindo o quão rapidamente sua preparação e o beijo quente de Beckett estavam me levando à beira de um terceiro clímax, Strand riu, seu hálito quente contra minha orelha enquanto ele cutucava meu cabelo para o lado.

— Ela está definitivamente pronta para você, meu amigo — disse ele e agarrou meu quadril para me segurar firme.

Abrindo um pouco de distância entre nós, Beckett envolveu sua mão em torno de seu pênis e o guiou em direção à minha entrada, minhas coxas quase tão escorregadias com o lubrificante quanto minha boceta. Então ele olhou para cima, olhos janelas para suas emoções pela primeira vez enquanto segurava meu olhar e lentamente empurrava todo o caminho.

Eu queria derreter ali mesmo, parar de existir para que nunca houvesse a chance de cair de volta à terra.

Seus dedos se enrolaram ao redor da minha cabeça, prendendo-a contra o travesseiro, me controlando enquanto ele buscava outro beijo, sua língua se movendo tão espessa e lenta dentro da minha boca enquanto seu pau se movia pela minha boceta.

Quando o beijo terminou, ele se retirou, seu olhar fixo no meu enquanto Strand empurrava.

O homem era enorme. Eu tinha vislumbrado seu pênis ereto pelo menos uma dúzia de vezes, mas não tinha percebido o quão grande era até que começou a me esticar, o diâmetro largo me forçando a respirar ar fresco ou morrer na hora.

Beckett facilitou a reação do meu corpo, sua mão movendo-se entre nós para

acariciar levemente meu clitóris enquanto ele esfregava o nariz em minha garganta, beliscando a carne de uma forma que prometia me deixar marcada mesmo depois que a segunda-feira chegasse.

Com as pontas dos dedos cavando em meu amplo quadril, Strand deu os mesmos golpes lentos que Beckett havia dado, seu grande corpo tremendo com a necessidade de se mover mais rápido, de arremeter contra mim da mesma forma que ele fazia em seus filmes de ação.

Minhas calças curtas vaporizaram o ar enquanto eu me enrolava ao longo de Beckett, meu rosto enterrado em seu ombro enquanto ele continuava seu tormento sensual do meu pescoço e a espinha inchada do meu sexo.

Bem quando eu estava prestes a tropeçar no limite de minha necessidade, Strand recuou. Eu rosnei, Beckett foi o destinatário da minha frustração enquanto minhas unhas cravavam em seus bíceps musculosos.

— Eu tenho o bálsamo para isso — ele brincou, seu deslize em mim mais áspero do que da primeira vez.

Ele puxou seu torso para trás, seu olhar surfando do meu rosto, para onde nossos corpos se juntavam, e de volta enquanto Strand brincava com meu mamilo fazendo beicinho e mordia minha orelha, sussurrando avisos lascivos enquanto eu começava a moer o pau de Beckett.

— Essa doce boceta vai conseguir tudo que precisa, menina, e muito mais. Tem certeza de que pode lidar com isso?

— Sim — eu gemi, meu corpo não respondendo mais a quaisquer avisos que meu cérebro pudesse enviar.

Eu queria manter meus olhos abertos, olhar para o homem bonito na minha frente, seu pau invadindo bem no fundo da minha boceta, mas o prazer os fechou. Eu queria tocá-lo, ou virar minha cabeça e beijar Strand, mas tudo que eu podia fazer era ranger, correr para a linha de chegada antes que fosse a vez de Beckett recuar novamente.

Ele puxou para fora, gemendo e agarrando meu rosto para dar um beijo profundo e desenfreado, enquanto Strand enfiava seu grande pau dentro de mim com um impulso forte.

Eu suguei até a última gota da atenção recebida, segurando a necessidade no beijo, mordendo os lábios de Beckett enquanto meus dedos das mãos e dos pés se contorciam. Minha boceta queimava com a necessidade, as chamas lambendo meus mamilos de modo que seu toque mais fraco contra o peito de Beckett me fez gritar.

— Porra, ela está prestes a explodir — Strand gemeu, seu pau deixando-me aninhar entre minhas nádegas amplas. — Dê a ela o que ela precisa.

Sim, por favor, sim. Me dê. Depois me dê novamente.

Gemendo, Beckett empurrou dentro de mim. Nossos corpos balançaram juntos, Beckett enterrado profundamente dentro da minha boceta e meu traseiro moldado firmemente em torno do pau pesado de Strand.

— Tão perfeita, amor — Beckett sussurrou, sua respiração quente contra o meu ouvido.

Eu dei um nó em torno dele, meus músculos correndo para cima e para baixo em seu eixo, sugando a ponta, ávida por ele encontrar sua liberação ao mesmo tempo em que encontrava a minha.

Strand nos encorajou, seu corpo forte me empurrando para mais perto de Beckett, sua mão empurrando e puxando meu quadril para que eu me movesse entre eles, a carne macia batendo forte, meu corpo em espasmos, minha boceta agarrando e puxando Beckett enquanto eu arrancava lágrimas do meu clímax.

Seu pau estremeceu dentro de mim, sua liberação veio em quatro jorros grossos, meu corpo o segurando com tanta força que eu sentia cada vez que o fluido viajava através de seu eixo para entrar em erupção e encher o preservativo.

Nós dois ofegantes, ele puxou para fora, segurando meu rosto com as mãos enquanto eu me preparava para o que sabia que aconteceria a seguir.

Com um gemido suave, Strand empurrou suavemente em minha boceta. Seu corpo tremia contra minhas costas, seu autocontrole me surpreendendo.

— Não — disse Beckett, nos parando. — Ela precisa ver você.

Strand puxou para fora, seu gemido era o de um animal ferido.

Deslizando em direção à beirada do seu lado da cama, Beckett me persuadiu a ficar de costas, sua mão puxando levemente meu joelho para que minhas coxas se separassem para aceitar o pau de Strand enquanto o grande homem se acomodava em cima de mim.

Strand escovou meu cabelo, tirando-o do rosto.

Pensei no que ele viu, minha pele pálida com uma explosão de sardas, as bochechas muito redondas que faziam uma boca já pequena parecer menor.

Seu olhar não mostrou nada do que eu encontrei quando estudei meu reflexo. Ele olhou para mim de uma forma que me lembrou de seus papéis em Hollywood, mas com uma profundidade adicional que dizia que tudo que transparecia em sua expressão era real.

Gemendo, ele enterrou o rosto no meu pescoço e empurrou. Derretendo, de alguma forma consegui envolver meus braços em volta de seus ombros, meu abraço solto encorajando-o a ficar enterrado dentro de mim, o movimento de nossos corpos o círculo apertado de uma segunda mão perseguindo o perímetro do mostrador de um relógio.

Virando minha cabeça, vi Beckett nos observando, a profundidade da

emoção em seu olhar atento me surpreendendo. Seu indicador e dedo anelar tocaram distraidamente em seus lábios.

Percebendo isso, ele os pressionou contra meus lábios em seguida, seu toque persistente no local enquanto Strand e eu nos rendíamos ao prazer.

Capítulo Nove

Beijo por beijo, golpe por golpe, nossos corpos testaram cada um de nossos limites até que, finalmente, todos nós sucumbimos ao sono.

Muito tempo depois, o relógio de Beckett começou a soar um alarme antes do amanhecer, me tirando do sono mais repousante que tive em anos. Ignorando descaradamente, ele se aconchegou mais perto de mim.

Strand cutucou seu ombro.

— É o seu maldito relógio, cara — ele rosnou.

Murmurando algo alegremente incoerente, Beckett esfregou seu rosto contra a curva do meu pescoço enquanto Strand resmungava e se levantava para encontrar o relógio no bolso no paletó do smoking de Beckett. Ele desligou o alarme e se arrastou de volta para a cama, brincando, mas propositalmente, afastando Beckett de mim até que todos estivéssemos mais acordados do que dormindo.

— Eles vão nos expulsar? — perguntei sem a menor ideia de quem poderiam ser “eles.”

— Não — Beckett respondeu, seus dedos traçando as colinas e vales de minhas curvas. — A festa no Madame nunca acaba. É apenas a lista de convidados que muda.

— Madame?

— Marushka — ele respondeu, seu olhar ficando tímido. — A loira platinada que estava esperando por você quando você chegou. Esta é a sua... hum... casa.

Senti meu rosto afundar no centro, sua resposta me confundindo.

— Se ela soubesse que estou aqui a negócios...

Strand me silenciou com uma risada.

— Oh, certo — eu disse, minhas bochechas queimando com a percepção de

que eu era a única pessoa sem noção sobre o motivo da minha presença. Eu empurrei acusadoramente o peito de Beckett, minha expressão irritada apenas parcialmente fingida. — Você e seu envelope falso.

Ele balançou a cabeça, sua expressão era séria.

— Eu te disse ontem à noite, antes de te foder até perder os sentidos...

Fazendo uma pausa, ele deu um beijo rápido logo abaixo da minha orelha antes de se esquivar das minhas mãos protestantes.

— O envelope é muito importante — continuou. — Você precisa mantê-lo com você, fechado, até eu pedir que você o traga para mim.

Olhando os dois com cautela, eu me desvencilhei de seu abraço, minha atenção voltada para o ombro de Beckett enquanto procurava o pedaço de nada com que ele tinha me vestido.

— Não tão rápido — disse Strand, puxando-me para seus braços. — Não vamos deixar você escapar impune. Precisamos conversar sobre o que acontecerá a seguir.

Meu peito apertou, meus pulmões muito oprimidos para puxar ar fresco. Em algum ponto durante o encontro, eu empurrei com força os pensamentos sobre "o que acontecerá a seguir" para fora da minha mente. Como poderia haver algo além de encontros clandestinos em mansões onde o que havia acontecido entre nós três era provavelmente a coisa menos excêntrica que estava acontecendo?

Capturando minhas mãos, Beckett as levou aos lábios antes de começar sua explicação.

— Jace tem que voltar para a Flórida.

Eu balancei a cabeça em compreensão. Strand tinha uma enorme mansão à beira-mar na Ilha de Júpiter, sua bilheteria foi tão grande que uma das produtoras construiu um estúdio de cinema vinte minutos no interior apenas para mantê-lo feliz.

— Você vai me visitar na próxima semana — disse Strand, acariciando meu cabelo. — Vocês dois.

Puxando minhas mãos livres das de Beckett, ele as trouxe para meus seios.

— E meu querido amigo não pode brincar com você enquanto estivermos separados.

Minha boca empurrou para frente, o beicinho incontrolável. A pequena conversa sobre "o que acontece a seguir" aumentou minhas esperanças de que Beckett, que estava por trás do estratagema, queria mais de mim.

— Tudo bem — Strand cedeu, segurando meu rosto e me beijando. — Ele pode chupar e beijar e tocar essa boceta doce enquanto você e ele desejarem, mas seu pau permanece em suas calças. Caso contrário, eu não vou conseguir trabalhar pensando nele dentro de você.

Minhas sobrancelhas se ergueram enquanto eu olhava para o rosto de Strand em busca de seu significado. Ele estava dizendo que ficaria com ciúme não por causa de seus sentimentos por Beckett, quaisquer que fossem, mas por causa de seu desejo por mim?

Strand acariciou o dedo entre minha testa franzida.

— Beck tem compartilhado você comigo há mais tempo do que você imagina, menina.

Minha cabeça girou na direção de Beckett para encontrar suas bochechas ficando vermelhas.

— Apenas cantando seus louvores, Gabby — ele ofereceu antes de evitar meu olhar.

— Sexy, engraçada, doce — sussurrou Strand. — Dedicada, leal, amorosa. Ele completamente pintou você como nossa *Garota Ideal.*

Garota Ideal?

Quantas pistas eu perdi e por quanto tempo?

— Eu sei que é muito para processar, amor — disse Beckett, me recuperando de seu amigo e olhando profundamente em meus olhos. — Faremos as coisas aos poucos. Ontem à noite foi o primeiro passo. No próximo fim de semana será outro. Até lá...

Ele parou, o sorriso diabólico de playboy que eu conhecia tão bem firmemente no lugar.

— Certo — eu exalei, pensando em todas as possibilidades de uma semana com Beckett Frost agora que sua máscara havia caído.

— Não tão rápido — Strand objetou e apontou o dedo severo para o amigo. — Nem mesmo você tem tanta força de vontade. Depois que sairmos da casa de Madame, você não a verá de novo até segunda-feira, e somente durante o horário comercial até o voo. Combinado?

Eu olhei entre os dois homens, a concordância relutante de Beckett lentamente empurrando sua boca para frente, a ruga petulante me fazendo formigar em todos os lugares certos.

Eles estavam falando sério. Ambos me queriam, mas me queriam juntos, Beckett e Strand eram um pacote fechado.

— Uau — murmurei enquanto a realidade disso lentamente se espalhava por mim e eu sabia que, aconteça o que acontecer, minha vida *nunca* mais seria a mesma.

Capítulo Dez

A insanidade de dois homens ricos, sexy e de sangue quente competindo por mim começou algumas horas depois que eu voltei para minha pequena casa pitoresca em sua sempre tão tranquila rua sem saída.

Não houve telefonemas, mensagens de texto, apenas o toque da minha campainha.

Recém saída do banho para aliviar meus músculos doloridos, envolvi um robe azul fofo em volta do meu corpo molhado e caminhei rapidamente para o corredor de entrada. Espiando pelas cortinas, vi um homem com uma prancheta e uma longa caixa branca. Seu boné de beisebol verde tinha uma rosa vermelha e palavras que eu não conseguia ler.

Em qualquer outro dia, eu teria ligado para o 911 se houvesse um homem em minha casa com o propósito aparente de entregar flores. Mas depois da noite que acabei de vivenciar com Beckett e Strand, abri a porta, uma das mãos agarrando as lapelas do meu robe enquanto assinava a entrega.

Levando a caixa para a cozinha, coloquei-a sobre a mesa e levantei a tampa para encontrar duas dúzias de rosas brancas e rosa de cabo longo. Aninhado entre eles estava um cartão branco assinado simplesmente:

Jace

Atordoada, eu flutuei até o armário acima da minha pia da cozinha, meu robe caindo aberto enquanto eu me esforçava para alcançar um dos vasos armazenados no local fora do caminho.

Havia um cartão antigo no vaso que puxei para baixo, um que coloquei lá depois que as flores morreram e a água evaporou. Eu o tirei, balançando a

cabeça com a virada estranha que minha vida tinha acabado de tomar enquanto lia o cartão empoeirado do ano passado.

Você sempre será nossa namorada.
Com amor mamãe e papai

Sim, minha vida amorosa era tão claramente patética que minha querida mãe me mandou flores no Dia dos namorados porque ela tinha certeza de que ninguém mais faria isso.

Eu coloquei o cartão no bolso do meu robe, junto com o de Strand, e enchi o vaso de água.

Antes que eu pudesse arrumar as rosas no vaso, a campainha tocou. Caminhando para a porta, minhas pernas começaram a tremer e tudo que eu podia fazer era lembrar de fechar e amarrar meu robe antes de abrir a porta novamente.

Mais flores, desta vez peônias rosa pálido acentuadas com hera em uma jarra de pedra de ferro branca. Atrapalhando-me com a porta depois de assinar para a entrega, segurei a jarra com força contra meu peito enquanto voltava para a cozinha.

Não havia cartão com esta entrega porque nenhum cartão era necessário para eu identificar o remetente. As peônias eram do jardim de Beckett no Palácio de Gelo. O jarro tinha o mesmo padrão e fabricante daquele que ele me deixou tirar uma tarde de folga do trabalho para dar um lance sem sucesso em um leilão no ano passado.

Era a peça que faltava para restaurar o conjunto de casamento da minha bisavó. Não que fosse o jarro dela, mas era do mesmo molde e esmalte.

Colocando a jarra na mesa, me sentei e cobri o rosto com as mãos, a mente girando. No “Madame” eu me entreguei a Beckett querendo nada mais do que usar meu corpo por uma noite. Esse sentimento não era vaidade. Eu não era o tipo de mulher que um homem procurava por causa de sua aparência. Mas eu não conseguia imaginar mais nada, não tinha visto nenhum indício de sua atração por mim.

Agora, pelo menos alguma prova de que ele sentia que algo muito mais profundo estava lá na minha frente em toda a sua atenção aos detalhes rosa e branco. Mesmo para um bilionário, esse não era o tipo de presente que você mandava para um caso de uma noite só.

Enxugando minhas bochechas, levantei-me e avisei a mim mesma que seria melhor me vestir antes de colocar as rosas de Strand em um vaso. No meio do

caminho para o meu quarto, ouvi outro veículo na minha entrada. Corri para o meu quarto, comecei a tirar o robe e congelei.

E se o veículo fosse Beckett quebrando seu acordo com Strand? Não parecia o seu F-12, mas será que eu realmente queria arriscar um moletom e um sutiã esportivo para encontrá-lo do outro lado da minha porta?

A campainha tocou, deixando-me sem mais tempo para decidir. Eu rapidamente coloquei o robe de volta e corri para o hall de entrada para encontrar outro mensageiro. Abrindo a porta, vi que ele carregava um carrinho de mão com uma caixa de cerca de um metro de altura.

— Senhorita Pryce?

Eu balancei a cabeça, meu olhar saltando ao redor do beco sem saída para ter certeza de que meus vizinhos ainda estavam dormindo depois de seu entretenimento de sexta-feira à noite e não me perguntando por que eu tinha acabado de receber três entregas seguidas e não eram nem dez da manhã.

Assinando o dispositivo eletrônico, gesticulei para que ele colocasse a caixa no saguão de entrada no momento em que um Mustang GT preto estacionava na minha rua. Uma mulher saiu, óculos escuros escondendo os olhos. A primeira coisa que notei sobre ela foi o quanto ela combinava com seu veículo. Cabelo preto, botas pretas e um vestido preto justo de malha. A segunda coisa que notei foi a quantidade de corpo que ela colocou dentro do vestido, seu tamanho próximo ao meu, mas com alguns centímetros de altura a menos.

Finalmente, percebi que ela segurava uma caixa preta na mão. Seria minha quarta e última entrega do dia.

Gemendo, tentei enxotar o mensageiro de volta ao veículo antes que a mulher chegasse à minha porta. Havia algo tão pouco convencional sobre ela que me deixou nervosa e eu queria que o cara fosse embora.

Caramba, eu ainda não sabia o que ele tinha entregado, só que parecia pesado, o que foi um leve alívio porque ainda não calculava que coisas pesadas poderiam ser pervertidas. Afinal, eu era pesada e, até minha experiência na casa de Madame, eu era completamente baunilha.

Então, novamente, a mulher curvilínea com seu cabelo preto e lábios vermelhos subindo para a minha casa também era pesada, e algo em sua arrogância sugeria que ela era realmente muito pervertida.

Ela olhou o mensageiro subindo em sua van, a cabeça inclinada em um ângulo que sugeria que ela estava apreciando sua bunda musculosa e a forma como ficava em suas calças cinza médio.

Não que eu tivesse olhado para sua bunda, não depois da noite que eu acabei de ter. Mas ele tinha um peito largo e provavelmente o tipo de bunda que ficava bem em qualquer coisa.

— Eu sou Emma — disse a mulher, alcançando minha porta depois de concluir sua avaliação do motorista de entrega. Ela se inclinou para o lado, espiando a caixa que ele havia deixado para trás antes de olhar para o pacote em sua mão.

— Olá, Emma — respondi, sua apresentação me deixando ainda mais desequilibrada. Eu nem sabia qual dos dois homens a havia enviado com sua sinistra caixa preta e qual era o responsável pela caixa muito maior no meu corredor.

Estendendo a mão, ofereci-me para dispensá-la.

Ela riu e balançou a cabeça.

— Preciso que você veja o conteúdo, mas só depois de assinar um aviso de isenção de responsabilidade.

Eu olhei para ela, minhas sobrancelhas arqueando. Era uma joia? Mas por que o aviso primeiro? Isso parecia estranho.

— Tudo bem — eu balancei a cabeça. — Mostre-me.

Sua risada ficou mais áspera e ela começou a tossir de diversão.

— Oh, coelhinha, você não quer que eu abra isso aqui — ela avisou. — Vamos para dentro, antes que seu robe termine de se desfazer.

Meu olhar disparou para baixo, um suspiro nervoso escapando de mim ao mesmo tempo, de modo que soei como uma idiota crédula quando vi que meu robe estava perfeitamente fechado e preso.

— Desculpe — ela riu. — Mas não consigo resistir a um alvo fácil.

Cruzando meus braços sobre meu peito, eu balancei a cabeça para a caixa.

— Não precisamos entrar e não vou assinar nada até ver o conteúdo.

— Como quiser.

Ela brincou com a tampa da caixa, levantando-a apenas o suficiente para que eu tivesse uma dica de seu conteúdo.

— Uhm... sim — eu disse, girando e quase batendo na minha porta de tela aberta. — Vamos levar isso para dentro.

Seguindo atrás de mim, ela gargalhou.

— Eu tenho que dizer, este foi um dos meus moldes favoritos.

Parando abruptamente, me virei e olhei para ela.

— Moldes?

— Oh, sim. Cabelo preto, olhos cinza assassinos. — Ela empurrou os óculos de sol para descansar no topo de sua cabeça e balançou as sobrancelhas bem cuidadas, os olhos azul-acinzentados abaixo delas brilhando para mim. — Comecei a imaginar os bebês que poderíamos fazer antes mesmo de ele tirar as calças e ficar duro para o molde.

Pisquei para ela, muito atordoada para palavras.

Ela estava dizendo que o vibrador na caixa era uma réplica do pau de Beckett e que... Eu balancei minha cabeça, não querendo preencher os detalhes.

Alcançando a mesa da minha cozinha, ela olhou ao redor da sala, seu olhar penetrante observando as duas entregas separadas de flores frescas. Sorrindo, ela alcançou o zíper na parte superior central de seu vestido de tricô e começou a abaixá-lo.

— O que você está fazendo?

Minha voz ficou estridente. Eu teria agarrado as pérolas da minha avó se as estivesse usando.

Com um sorriso cada vez maior, ela estendeu a mão, puxou um pedaço de papel e uma caneta de ouro fina, entregando-os para mim.

— Recuperando a isenção de responsabilidade, Srta. Nervosinha. Basicamente, diz que você está prestes a ver um pau gigante falso e não se opõe a vê-lo. Uma vadia me processou uma vez. Não é como se eu soubesse que ela e seu marido estavam se divorciando e ele estava mostrando seu pau em muitos lugares diferentes.

Eu balancei a cabeça entorpecida durante sua explicação, clicando na caneta e me preparando para assinar.

— Além disso — disse ela, apontando para o último parágrafo. — Você também concorda em não especular ou nomear o indivíduo que serviu de modelo para mim, a menos que já seja de conhecimento público.

Eu balancei a cabeça novamente, assinei e devolvi papel e caneta. Ela o enfiou de volta no corpete do vestido e puxou o zíper para cima, seu decote imenso com o sutiã de renda preta lentamente desaparecendo de vista.

Inclinando o queixo para a caixa, ela deu um rangido estrondoso e balançou as sobrancelhas.

— Você devia ver a versão preta dele.

Confusa, eu balancei minha cabeça.

— Preta?

Certamente, ela tinha uma queda por cores.

— Claro para a frente — disse ela, seu sorriso atrevido ultrapassando os limites de seu rosto. — E preto para trás.

Buceta e bunda se contraíram ao mesmo tempo. Fogo selvagem passou pelas minhas bochechas e eu fracamente acenei minha mão na direção do corredor de entrada, esperando que ela entendesse a deixa e saísse para que eu pudesse trabalhar na respiração mais uma vez.

— Meu cartão de visita está dentro — disse ela, dançando para sair da minha cozinha antes de virar no corredor e me dar uma piscadela. — E, claro, um cartão do remetente.

Contando seus passos desaparecendo, esperei até ter certeza de que Emma estava do lado de fora, em seguida, segui atrás dela para fechar e trancar a porta da frente, a caixa alta esquecida por um momento, mesmo quando eu passei por ela no meu caminho para a cozinha.

Meu olhar dançou para frente e para trás entre as peônias com o jarro branco precioso para mim e a caixa preta com seu presente carnal.

Isso é que é ferrar com a cabeça de uma garota.

Com as mãos tremendo, levantei a tampa e encontrei o bilhete em uma caligrafia estranha e grande, escrita com tinta prata em papel preto.

Menina,

Eu sei que disse que você não poderia ter o pau dele esta semana, mas mudei de ideia. Mais ou menos. Eu sei que essa boceta dolorida vai precisar de algo para preenchê-la. Pense em nós dois quando você brinca.

Jace

Minha bunda caiu com força na cadeira da cozinha, uma risada explodindo em meus lábios. Fiquei ao mesmo tempo aliviada e mortificada, o sangue puritano que herdei do lado da minha mãe colorindo minhas bochechas enquanto reli o cartão de Strand.

Ainda rindo, me levantei e me dirigi para a caixa no corredor. Eu não fazia ideia

de qual amante o havia enviado, mas se fosse algo parecido com o presente de Strand, minha próxima semana de trabalho seria surreal e muito, muito travessa.

Capítulo Onze

Chegando ao saguão da sede americana da Marzano Holdings na manhã de segunda-feira, tentei desaparecer ao longo da parede enquanto fazia meu caminho até a fileira de elevadores que me levaria até o vigésimo quinto andar.

Minha interpretação da caminhada de vergonha resultou da roupa que eu estava vestindo. Eu estava vestida inteiramente com itens selecionados e coordenados por Beckett. A caixa enorme entregue no sábado era um baú de viagem cheio de roupas e acessórios arranjados por dia para a semana de trabalho e para o voo do sábado seguinte para a Flórida.

Beckett não havia pedido que eu me vestisse como algum tipo de idiota. Muito pelo contrário. Eu me senti como se estivesse flutuando em algum estúdio de cinema de Hollywood dos anos cinquenta, o baú cheio de saias e vestidos que garantiam que eu estava vestida com um glamour elegante, embora estranho para mim, que tive certeza de que pelo menos alguns de meus colegas de trabalho notaram uma mudança drástica em meu guarda-roupa profissional.

Meu plano de entrar furtivamente nos elevadores e me esconder rapidamente no meu escritório foi frustrado pelo segurança sentado atrás da recepção do saguão.

Ron Blanks acenou para mim, chamando meu nome em voz alta para que as cabeças se virassem para olhar. Minhas costas rígidas com a atenção indesejada, caminhei até a mesa, um sorriso fino estampado no rosto.

— Preciso da sua impressão digital — disse ele, gesticulando para que eu desse a volta para o seu lado.

Hesitando, eu o encarei. Como alguém com acesso à suíte executiva e aos registros financeiros da empresa, minhas impressões digitais já estavam

arquivadas como parte da investigação de antecedentes realizada.

— Não entendo?

Ele apontou para uma porta de aço imponente na parede oeste do saguão. Preso à parede estava um scanner de impressão digital e um teclado que impedia qualquer pessoa além de Beckett e a equipe de segurança de entrar no corredor para o elevador privado de Beckett.

Começando a me sentir um pouco tonta, dei a volta na mesa e estupidamente ofereci minha mão. Eu estava preocupada com os funcionários percebendo minha mudança de roupa e ficando curiosos. Ter acesso ao elevador privado era cem vezes pior. Eles não apenas saberiam que eu estava me vestindo de forma diferente para agradar a um homem, mas também saberiam que homem era esse.

— Você precisará inserir um código de segurança de seis dígitos — disse ele depois de pressionar meu polegar no scanner digital. — Para o caso de o leitor ficar doido.

Eu balancei a cabeça, minhas bochechas corando depois que o sangue decidiu retornar ao meu rosto.

— Não use o número do seu banco, parte do seu número de telefone ou qualquer coisa assim — ele avisou quando comecei a digitar o primeiro dos seis números.

— Culpada — eu admiti, puxando minha mão para trás e esperando que ele reiniciasse o gravador de senhas.

Quando ele terminou, ele empurrou o gravador de volta para mim e eu digitei os números da camisa que meu pai tinha usado, primeiro no hóquei júnior, depois na faculdade, depois um período muito curto nas ligas menores antes de conhecer minha mãe e perceber que não poderia sustentar uma família enquanto aquece o banco de um time amador.

A culpa passou por mim por usar os números do meu pai para o código de um elevador ao qual eu estava tendo acesso devido a atividades extracurriculares que eu nunca contaria a ele.

— Obrigada — eu disse antes de me virar em direção aos elevadores comuns.

— Você deveria testar agora — disse o guarda, levantando-se para me levar até a porta de aço. — Da última vez que tivemos que reconfigurá-lo para o Sr. Frost, foi uma verdadeira m...

Recuperando-se, ele tossiu.

Uma parte de mim sorriu por dentro enquanto caminhávamos para a porta de aço. Embora minha caminhada de vergonha tivesse se tornado ainda mais real do que quando cheguei ao prédio minutos antes, pelo menos eu não era a única desconfortável. Blanks estava timidamente mantendo os olhos desviados, sem

dúvida devido à percepção de que ele parou antes de usar uma palavra que o teria deixado sentado durante o treinamento de sensibilidade de RH pela terceira vez.

— Vamos testar o PIN para esta porta — disse ele. — E sua impressão para o elevador.

Respirando com relutância, cutuquei o teclado numérico. A fechadura eletrônica da porta foi desbloqueada. Ron a abriu e estendeu o braço para que eu entrasse no corredor primeiro.

Tive que cruzar seis metros de piso de mármore para chegar ao elevador, de salto alto, com o guarda atrás de mim. Alcançando o leitor de impressão, me virei para encontrar seu olhar colado onde minha bunda estava apenas um segundo antes. Ele olhou para cima, o sorriso inocente colado em seu rosto tão falso quanto minha expressão desconhecida quando coloquei meu polegar no painel de vidro.

As portas do elevador responderam imediatamente. Eu entrei. O espaço em branco envolveu sua mão ao redor da borda de uma porta para impedir que ela se fechasse.

— Alguma pergunta? — ele perguntou, otimismo vibrando em suas palavras.

Olhei para o painel com seus algarismos romanos.

— Não, eu posso adivinhar qual é o penúltimo andar. Vou descobrir o resto mais tarde.

Afastando-se da soleira, ele me deu uma pequena saudação com dois dedos e começou a descer o corredor quando as portas deslizaram juntas e o apagaram da minha vista.

Eu cheguei ao vigésimo quinto andar, minha cabeça balançando com a pequena peculiaridade de ter números tão antiquados apenas neste elevador do prédio. Eu sabia, por todos os anos que trabalhei no local, que originalmente era um elevador de serviço, mais adequado para movimentar cargas entre andares do que pessoas. Reivindicando-o como seu, Beckett o reformou, a frente e os lados feitos em painéis de madeira escuros, com um espelho do chão ao teto na parte de trás.

Após um momento de hesitação, me virei e estudei meu reflexo. A saia envolvente era uma seda bordada pesada colorida com champanhe rosa dourado. O corpete era castanho-avermelhado, rígido onde envolvia meu torso, mas com mangas de chiffon esvoaçantes.

Dentro do baú que Beckett tinha enviado, cada dia não parava apenas com um vestido ou uma blusa e uma saia. Sapatos e bolsas combinando foram incluídos, bem como os itens que eu precisaria usar por baixo deles.

Não era de surpreender que todos os sutiãs abrissem na frente.

Indo mais do que um pouco além, Beckett incluiu joias. Não o ostentoso bracelete de diamantes de fio triplo que um garimpeiro pode desejar, mas colares finos e delicados brincos caprichosos. Era como se todas as vezes que ele passava por uma banca de joias nos últimos meses, ele parasse e escolhesse um símbolo de carinho que talvez nunca me deu.

No mínimo, eu tinha certeza de que ele não tinha juntado tudo no espaço de algumas horas depois de deixar Madame. Nem mesmo Beckett Frost era tão eficiente. O que significava que ele estava planejando minha sedução por muito mais tempo do que eu poderia imaginar.

Isso era simplesmente demais para aceitar no momento.

Saindo do elevador, examinei a câmara externa da suíte do CEO em busca de qualquer sinal de que Beckett já havia chegado. As portas duplas de seu escritório foram abertas alguns centímetros. Eu vi sua sombra cruzar o tapete oriental e então ele apareceu, seu olhar instantaneamente me encontrando onde eu permanecia perto do elevador.

— Vejo que Blanks configurou você.

Ele parecia muito casual. Quase entediado. Não conseguia me lembrar se alguma mulher durou mais do que um fim de semana prolongado com ele. Banido por Strand até hoje, havia uma possibilidade real de que eu nunca teria uma segunda noite com Beckett.

Não tenho certeza se eu poderia guinchar uma resposta, eu abri minha boca de qualquer maneira.

— Sim. — Parei, engoli em seco e me movi em direção à minha mesa. — Ele me fez testar e tudo.

— Achei que era a única maneira de ter certeza de que você o usaria pelo menos uma vez.

Havia uma provocação em seu tom. Eu olhei para ele, desejando que ele saísse de seu escritório.

Ele não fez isso.

Movendo-me para trás da minha mesa, coloquei minha bolsa na gaveta inferior direita.

— Vou pegar água — disse eu, indo para a pequena cozinha. — Precisa de alguma coisa?

Ele não respondeu. Eu coloquei minha cabeça na área principal para encontrá-lo perto da minha mesa, as pontas dos dedos de uma mão pressionando levemente contra sua superfície.

Este era Beckett recuando? Ele tinha configurado o acesso do elevador antes de hoje, assim como ele configurou tantas coisas antes de me chamar para Bodega Bay sexta à noite?

Ele esperava que eu ficasse diferente nas roupas que escolheu para mim? Fui uma Galateia decepcionante para seu Pigmalião?

Com as mãos trêmulas, devolvi a garrafa de água de vidro fechada à geladeira e tirei um copo plástico de um dos armários, enchendo-o com água da torneira e tomando alguns longos goles antes de voltar para minha mesa.

Beckett não se moveu, mas sua cabeça inclinou quando eu saí da cozinha. Ele estava me estudando, ou talvez fosse mais correto dizer examinando.

Eu respirei lentamente. Senti como se eu tivesse um golpe de tensão se apoderando de mim se ele não dissesse ou fizesse algo para me deixar saber qual era o meu status em sua vida agora.

Eu era um erro de sexta-feira ou uma promessa de segunda-feira?

Eu ainda era sua “Garota Ideal”, como Strand disse?

— Obrigada pelas flores — eu disse, ficando atrás do encosto alto da minha cadeira. — Queria enviar uma mensagem de texto ou ligar e perguntar se você era o participante ao telefone no leilão naquele dia...

— Depende de qual participante você está falando — disse ele, a mesma provocação muda aparecendo em sua voz. — Eu dei ordens estritas para não dar lances contra você, apenas contra qualquer um que fosse superá-la.

Eu estava prendendo a respiração, esperando por sua resposta, e exalei lentamente.

— Você se sente enganada?

Eu balancei minha cabeça.

— Foi muito... emocionante ter as peônias entregues nele.

— E a sua mãe? — ele perguntou, sabendo que eu tinha recebido a tarefa quase impossível de encontrar todas as peças que faltavam antes que ela entregasse o resto do conjunto.

— Ela está insistindo que eu dirija até lá, empacote tudo e dirija de volta.

— Ansiedade da separação — ele sugeriu. — De você, não dos vasos.

Ele estava certo. Eu nunca deveria ter contado a minha mãe sobre a oferta de emprego na Nova Inglaterra. Mas eu estive tão perto de aceitar. Eu tinha ido tão longe a ponto de imprimir meu aviso e dizer à companhia da Nova Inglaterra que lhes daria uma resposta em breve.

Isso foi antes de eu entrar no escritório de Beckett, a demissão e uma série de outros papéis em minhas mãos. Toda a minha determinação se transformou em cinzas quando ele ergueu os olhos de seu trabalho e sorriu suavemente.

Forcei outro nó na garganta e me virei para os armários de arquivos atrás da minha

escrivaninha. Retirei oito pastas de portfólio que coloquei lá na sexta-feira. Empilhando-as em um braço, fechei a gaveta e olhei para Beckett.

Sua cabeça balançou, os lábios se achatando em uma linha solene enquanto ele olhava para baixo.

O que diabos esse homem estava pensando?

Ele sabia como eu estava emocionalmente exausta, que não tinha forças para continuar me perguntando como ele se sentia?

Eu tinha me exaurido no sábado, de uma forma bastante agradável. O dia tinha sido gasto experimentando as roupas e agonizando sobre qual paleta de cores para o kit de maquiagem que Marushka me dera complementaria melhor as roupas de cada dia.

O domingo tinha sido exaustivo de uma forma completamente diferente quando a dúvida começou a surgir. Agora, com ele mal dizendo nada e ficando distante, tudo que eu tinha era dúvida. Dúvida e verdadeira angústia de que realmente tinha sido uma coisa única...

Abraçando as pastas contra o peito, naveguei ao redor do lado da minha mesa em que ele não estava parado e me dirigi para as portas duplas que me levariam ao corredor principal.

— Eu preciso deixar a sala do conselho pronta para a reunião às dez — eu disse, minha voz tão vacilante quanto meus tornozelos sobre os saltos que ele escolheu para segunda-feira.

Beckett passou por mim, sua palma cobrindo a maçaneta da porta antes que eu pudesse alcançá-la.

— Stephens cuidará da configuração e mudei a reunião para quarta-feira.

— Oh... — Eu exalei, minha visão suavizando enquanto eu olhava para cima e tentava ler sua expressão.

— Você precisa entregar mais trabalho para ele e Robley — ele continuou, seu corpo se movendo para bloquear qualquer chance de saída. — Venho tentando guiá-la nessa direção há meses.

— Eu percebi — eu ri. Não havia nada divertido sobre o som. Mais como a histeria de pânico de alguém sendo adaptado para o laço de um carrasco. — Eu estava preocupada que você estivesse fazendo isso porque planejava me demitir.

Ele não respondeu imediatamente. Pegando as pastas de mim, ele gentilmente capturou meu pulso e me levou de volta para minha mesa. Colocando o material da reunião de lado, ele agarrou levemente meus ombros.

— Eu deveria ter mudado você para um escritório separado e mudado seu título quando você se formou. Agora você sabe por que a mantive você perto.

Verdade. O que eu não tinha certeza era se ele queria continuar me mantendo por perto.

Pesquisando meu cérebro, encontrei uma pergunta mais neutra.

— Por que você adiou a reunião?

As palavras, pelo menos, eram neutras. Mesmo com minha voz dolorosamente ansiosa.

Colocando minhas mãos em seu peito, Beckett baixou a cabeça em direção à minha.

— Estou aqui desde as seis. — Seus lábios roçaram minha bochecha e então ele suspirou, o ar quente ondulando contra minha pele de forma que eu estremeci com a sensação. — Achei que poderíamos discutir o assunto... lá em cima. Sozinhos.

Oh.

Sem fôlego, minha garganta muito apertada para emitir qualquer som, eu só pude transmitir telepaticamente minha resposta através de meus olhos arregalados.

Andar de cima. Sozinha com Beckett. Sim por favor.

Capítulo Doze

No andar de cima ficava o retiro do escritório de Beckett, o espaço acessível apenas por seu elevador privado e uma porta de emergência sempre trancada para a escada. Eu tinha visitado algumas vezes, apenas para entregar documentos e sem tempo suficiente para ver além da área multimídia com seus sofás extragrandes e projetor gigante.

Beckett pegou minha bolsa e me acompanhou até o elevador. Quando olhei com expectativa para as portas fechadas, ele ergueu minha mão e colocou meu polegar no leitor, o ato e o beijo leve que ele plantou abaixo da minha orelha reafirmando que ele queria que eu mantivesse meu acesso especial.

— Para referência futura — ele brincou, levando-me para o elevador —, não há câmeras de segurança aqui.

— É bom saber — eu disse, minha garganta e o resto do meu corpo ficando agradavelmente apertados enquanto ele me segurava em seus braços e acariciava meu pescoço.

A brincadeira de sua boca contra a minha pele parou quando as portas do elevador se abriram. Colocando-me no maior dos sofás, ele se ajoelhou na minha frente e levantou um pé, inspecionando o sapato vermelho com seu salto de sete centímetros.

— Eu não tinha certeza se conseguiria ver você com isso — disse ele. — Eu pensei que havia uma chance de você sair de casa com calçados confortáveis.

Uma risada nervosa e culpada me escapou.

— Sim, eles estão no meu carro. Calcei esses depois de estacionar.

Sorrindo, ele virou meu pé levemente para inspecionar a sola do sapato.

— Então você ainda não andou muito com eles?

Eu balancei a cabeça. Eu tinha praticado um pouco em casa com cada par,

então decidi que se eu praticasse mais eu iria aparecer no trabalho engessada.

— Ainda assim, é melhor verificar como você está lidando com isso — disse ele, removendo um, depois o outro pé.

Ele começou a esfregar o primeiro pé, sua carne reconhecidamente dolorida, apesar de tão pouco tempo gasto usando os saltos altos.

Sua mão deslizou até minha panturrilha, massageando o músculo tenso. O brilho escuro em seu olhar sugeria que ele queria romper o acordo com Strand.

Então ele suspirou e sua boca empurrou para frente em um beicinho.

— Eu quero estrangular Jace, mas ele está certo.

Não vi como Strand estava certo, mas sabia que não havia sido totalmente informada sobre o relacionamento deles. Qualquer que fosse a história deles juntos, o que quer que eles tivessem planejado para seu futuro, eu tinha vislumbrado uma pequena parte disso. Tive uma noite deliciosa comparada a meses de planejamento deles e anos de amizade.

— Como vocês se conheceram? — perguntei.

Horas tentando desenterrar um pouco de seu passado — juntos ou separados — se mostraram infrutíferas. Não descobri nenhuma informação nova sobre Beckett que não fizesse parte do pacote oficial da mídia. Sua mãe tinha sido uma herdeira fugitiva. Ela tinha ficado em Glasgow o tempo suficiente para ele nascer. Voltando a uma vida privilegiada, ela não disse nada ao pai, até as vésperas de se casar com outro homem. Não houve menção a Beckett entre a família Marzano até os dezenove anos. E tudo que eu sabia sobre o pai de Beckett era que ele tinha sido um marinheiro mercante.

— Nós crescemos sob cuidados — Beckett respondeu, sua voz ficando áspera.

Não entendendo a resposta, eu balancei minha cabeça.

Ele está falando de der um tutor?

Mas, se fosse, por que ele diria que “cresceram”?

— Você quer dizer como em um orfanato? — perguntei. — Em Glasgow?

— Em Manchester — respondeu ele.

Meus lábios se separaram enquanto eu tentava decifrar o que ele estava dizendo. A menos que meu conhecimento de geografia tivesse se deteriorado muito, Manchester era uma cidade da Inglaterra, não da Escócia. E Jace não tinha nenhum traço de qualquer tipo de sotaque do Reino Unido.

— Mas como...

A boca de Beckett se achatou de uma forma que desencorajou mais questionamentos.

— Contar minha história a você é o mesmo que contar a dele. Tem que ser algo que façamos juntos, amor.

Eu me senti culpada por perguntar, mais culpada por bisbilhotar online. Mas Beckett estava me pedindo para colocar muita fé nele. Acenando minha aceitação, mudei de assunto.

— Ele mandou flores no sábado — eu disse antes que a outra entrega de Strand ocupasse meus pensamentos.

— E um... presente.

O olhar de Beckett passou de sombrio a curioso, uma sobrancelha escura arqueando-se enquanto um sorriso erguia um canto de sua boca. Incapaz de me conter, olhei para minha bolsa na mesa lateral.

Beckett se levantou, o sorriso assumindo ambos os cantos de sua boca.

Tentei impedi-lo.

— Não está aí.

Ele respondeu com uma inclinação incrédula de sua cabeça.

— Sério, não está.

Meus lábios cortaram de lado a lado enquanto ele lentamente abria o fecho da bolsa, seu olhar malicioso me desafiando a detê-lo.

Eu realmente não trouxe o vibrador, teria morrido se por algum motivo tivesse sido parada no meu carro ou no prédio e tivesse minha bolsa revistada. Mas eu trouxe o bilhete, algum estranho capricho me possuindo no último momento.

Alcançando o interior, Beckett infalivelmente encontrou a fonte de minha angústia, removendo a folha dobrada de papel preto e lendo em voz alta.

Menina,

Eu sei que disse que você não poderia ter o pau dele esta semana, mas mudei de ideia. Mais ou menos. Eu sei que essa boceta dolorida vai precisar de algo para preenchê-la. Pense em nós dois quando você brincar.

Jace

A voz de Beckett ficou toda rouca enquanto ele lia em voz alta, demorando-se em “boceta dolorida” e “brincar” de uma forma que parecia que seus dedos ou língua estavam acariciando amorosamente contra minha carne.

Com as mãos trêmulas, Beckett dobrou o bilhete e o devolveu à minha bolsa sem olhar para mim.

— Fique de lado, amor, pés na almofada.

Eu obedeci silenciosamente, toda a minha atenção focada em fazer meus

membros se moverem e então relaxar em alguma posição que não me fizesse parecer uma aberração.

— Você já usou? ele perguntou, as palavras esfregando uma contra a outra.

Com veemência, balancei a cabeça, o calor se espalhando rapidamente por todo o meu corpo, queimando minhas bochechas e fazendo meus dedos das mãos e pés formigarem. Não era uma mentira, mas também estava omitindo que tinha brincado com um brinquedo diferente para aliviar a tensão sexual em que os dois homens me colocaram.

Beckett se acomodou no chão na minha frente, seu olhar cinza deslizando para frente e para trás ao longo do meu corpo enquanto eu comecei a me contorcer com o pensamento do que poderia acontecer a seguir.

— Por que não?

Eu respondi com meus olhos. Eu o queria, não algum fac-símile de látex, não importa quão precisamente Emma o tivesse moldado. Tampouco consegui aceitar a maneira como fora confeccionado ou que Strand ordenara sua entrega. Exatamente para quem Beckett originalmente fez o molde e para quantas mulheres ele ou Strand o enviou?

— Baby — Beckett suspirou enquanto agarrava a parte superior central do meu corpete. — Esta vai ser a semana mais difícil da minha vida.

Guardando tudo no meu armário, percebi como cada uma das blusas, embora elegantes, proporcionaria fácil acesso aos meus seios. Alguns eram elásticos com decote baixo, outros, como o corpete rígido com mangas de chiffon, fechadas na frente, como todos os sutiãs.

Olhando para minha blusa, Beckett mordeu seu lábio inferior, em seguida, puxou as duas metades do painel frontal uma em direção à outra, liberando as fileiras superiores dos ganchos. Seus dedos caíram mais abaixo, repetiu o movimento, em seguida, empurrou o material de lado.

Meus seios queriam cair da meia taça do sutiã. Beckett arrancou uma vez no estalo, libertando-os. Ele trouxe seus dedos para pressionar contra seus lábios, sua atenção focada na ascensão e queda cada vez mais rápida do meu peito enquanto eu esperava que ele me tocasse, me beijasse novamente ou colocasse um bico duro em sua boca e começasse a chupar.

Eu me contorci contra o sofá, meu olhar e minha respiração ofegante implorando para ele parar de contemplar e começar a agir.

— Estou falando sério, amor. — Ficando de joelhos, ele enrolou a palma da mão na minha bochecha. — Esta realmente vai ser a semana mais difícil da minha vida.

Eu exalei, meu hálito úmido da excitação reprimida. Eu cobri sua mão com a minha. Beijei sua palma quando peguei e segurei seu olhar.

— Para nós dois — eu sussurrei, minha cabeça inclinada com a aproximação de seu beijo.

Seus lábios deslizaram pelos meus para acariciar meus dentes até que eu o deixei entrar. Ele se afastou, mordendo levemente meu lábio inferior, em seguida, passando os dedos bem de leve no mesmo local. Pressionando contra a parte inferior do meu queixo, ele me persuadiu a expor minha garganta à sua boca gananciosa.

Ele chupou minha carne, mordiscou ao longo da linha da minha mandíbula, sua mão não controlando mais a inclinação da minha cabeça enquanto seus dedos procuravam meus seios inchados e expostos. Eu pressionei para frente, enchendo sua palma com um. Ele apertou, puxou, seus dedos encontrando meu mamilo e torcendo.

Eu gemi quando sua boca reivindicou a minha, sua língua empurrando com força para dentro enquanto ele apertava com mais força o meu seio dolorido.

— Quantas vezes eu imaginei ter você bem aqui, meu pau enterrado dentro de você...

— Sim — eu gemi, dando-lhe permissão para me tomar e revelando minhas fantasias correspondentes na mesma respiração escapatória.

Ele me calou, implacável em sua promessa a Strand. Sua boca abandonou a minha, surfando rapidamente pelo meu pescoço para começar um lento banquete em meus seios. Seus lábios substituíram suas mãos, liberando-as para montar a curva da minha cintura e quadril, para encontrar a bainha da minha saia, deslizar por baixo dela e subir o dedo por uma coxa trêmula.

Pegando meu monte através do painel de renda da minha calcinha, Becket gemeu ao redor do meu mamilo, sugando e puxando para liberá-lo com um pop molhado.

— Eu preciso que você se abra para mim — ele rosnou, puxando minhas pernas para fora da almofada. — E tire essa calcinha antes que eu a rasgue.

Fiz tudo o que pude para não rasgar o tecido sozinha enquanto corria para ajudar, meus quadris empurrando para cima enquanto eu deslizava o material pelos meus quadris grossos e bunda redonda, descendo pelas minhas coxas até onde ele os agarrou pelos joelhos e desceu o resto do caminho.

Sem perder tempo, ele enterrou o rosto no meu monte, seu nariz enterrando-se na pele castanha-ruiva do meu sexo. Pequenas gotas de excitação agarraram-se às pontas dos fios de seda, seu queixo e lábios brilhando quando ele ergueu a cabeça para olhar nos meus olhos.

— Tudo o que eu disse sexta à noite era verdade.

Eu concordei. Naquele momento, com aquela expressão no rosto, eu acreditei nele. Minha fé poderia ser desafiada no futuro, mas eu confiava que ele

me amava como disse que amava na mansão.

— Por favor... — Meus dedos dançaram levemente nas laterais de seu rosto, as palavras que eu precisava empurrar afetadas e incompletas. — Eu preciso...

Sorrindo suavemente, ele abaixou a cabeça para o meu monte mais uma vez.

— Não se preocupe, amor. Eu sei exatamente do que você precisa.

Capítulo Treze

O padrão do nosso dia se repetiu terça e quarta-feira, minha buceta era lambida até ficar em carne viva, mas sempre doendo para ir um pouco mais longe, necessitada e torcendo por algo mais substancial, mas proibido.

Então a quinta-feira chegou e passou direto por mim.

Tudo começou com uma leve batida na porta do escritório externo. A batida foi desnecessária porque as portas estavam abertas, Beckett tendo algumas tarefas executivas para lidar antes que pudéssemos escapar por uma hora ou mais para o aconchego que se tornou cada vez mais íntimo.

Levantei os olhos do relatório em que estava trabalhando para encontrar Robley parado na soleira do escritório com um olhar aterrorizado. Então eu vi a mulher parada ao lado dele e entendi seu terror.

Vestida com couro preto apertado, seu cabelo preso em um coque severo, Emma da festa de sábado esperava com um sorriso e outra caixa preta.

Pulei da cadeira e corri para a frente da mesa.

— Vou assumir a partir daqui, Eric.

Simultaneamente enxotando Robley pelo corredor, puxei Emma para o escritório e fechei as portas.

— Não podemos ter esse tipo de entrega aqui — sussurrei bruscamente.

— Diga ao remetente, coelhinha, eu sou apenas a mensageira.

Os olhos azul-acinzentados brilharam alegremente para mim. Bufando, eu tentei pegar o pacote, mas ela deu um passo para o lado graciosamente, deixando-me apalpando a porta em vez de proteger a caixa preta.

— Este não é endereçado a você — ela gorjeou. — Não é uma mudança deliciosa?

Antes que eu pudesse perguntar o que diabos ela quis dizer, Beckett saiu de seu escritório acenando com uma impressão do relatório trimestral que o escritório de Milão havia enviado.

— Ora, olá, Sr. Alto, Moreno e Sensualmente Familiar.

Ele sorriu para Emma, o sorriso vacilando por um segundo quando seu olhar pousou no que ela tinha em suas mãos.

— Você sabe o que fazer — disse ela, seus quadris em plena arrogância enquanto caminhava em direção a ele. Mergulhando no decote, ela pegou uma caneta e uma pequena folha de aviso. Seu sorriso perverso para mim, ela mudou a caixa em sua mão enquanto Beckett sinalizava.

Ele devolveu a caneta e o pedaço de papel. O aviso desapareceu, mas ela apontou a caneta para mim.

— Você deve vir ao meu estúdio para que eu possa fazer um molde.

Eu podia sentir meu queixo cair se abrindo em câmera lenta, sentir todos os pequenos capilares em meu rosto murchar enquanto o medo forçava protetoramente o sangue a recuar para o meu torso.

Beckett já havia divulgado os detalhes de como o processo funcionava na moldagem de um pênis masculino. Eu não tinha nenhum desejo de descobrir exatamente o que ela queria lançar ou como seus métodos divergiam quando se tratava da forma feminina.

— Ela não percebeu que na verdade você está se referindo a suas esculturas da Mãe terra — Beckett explicou, sua boca torcendo com curiosidade enquanto ele pegava a caixa preta dela.

Mãe Terra?

As palavras levaram seu tempo filtrando pelo meu cérebro e se organizando em algo que eu pudesse entender.

— Você é Emma Coventry? — eu perguntei, esquecendo de usar minha voz interna.

— Sou sim. — Terminando uma reverência, ela apontou para mim novamente. — E você, coelhinha, está mantendo vivo o sonho de toda mulher gorda. Então, o que você me diz? Eu prometo que vou fazer tudo rapidinho e te liberar em apenas algumas horas.

Eu balancei minha cabeça, não dizendo que não iria, mas porque fiquei chocada em como ela conseguiu colocar mais do que uma pequena insinuação em tudo que saía de sua boca.

— Dê a Gabby um pouco de tempo para pensar sobre o assunto — disse Beckett, equilibrando a caixa em uma mão enquanto ele plantava a outra contra as costas de Emma e a conduzia em direção à saída. — Ela tem outras coisas para processar primeiro.

Ela jogou a cabeça para trás, seu corpo voluptuoso tremendo com uma risada que o pessoal no final da sala provavelmente poderia ouvir. Olhando por cima do ombro para mim, ela deu uma piscadela.

— Não se esqueça, querida, eu sei onde você mora e trabalha agora.

Beckett fechou a porta atrás de Emma e girou ambas as fechaduras, então deslizou a barra de segurança.

Eu encarei a caixa por um segundo quando ele se virou para mim, então cobriu meu rosto com as mãos.

— É de Strand de novo?

— Jace, amor — Beckett disse, caminhando até minha mesa e colocando a caixa no chão. — Você está colocando-o à distância sempre que o chama de "Strand" — continuou ele. — É assim que você pensa nele também?

— Sim — confessei, baixando o olhar para não ter que ver a decepção em seus olhos.

Ele se virou para abrir a caixa. Corpo musculoso bloqueando minha visão, ele levantou a tampa e soltou um assobio longo e lento.

Isso não poderia ser um bom sinal.

Ou isso, ou era um bom sinal que estava prestes a testar o quão brilhante eu poderia corar sem desmaiar por falta de fluxo sanguíneo para o meu cérebro.

— Eu preciso pegar o telefone da mesa, depois quero essa sua bunda doce lá em cima.

Ele bateu um dedo contra a caixa, sua tampa firmemente no lugar mais uma vez.

— Sem espiar.

Eu balancei a cabeça em compreensão, minha garganta apertada de culpa. Beckett não me advertiu por me afastar de Strand, mas ouvi a decepção em seu tom, vi na sutil remodelação de seus olhos e boca enquanto ele falava.

Reemergindo de seu escritório, ele pegou a caixa, um sorriso lascivo em seu rosto que fez minhas emoções balançarem junto com as dele. Pressionei meu polegar no leitor de impressão, em seguida, inclinei-me em direção a ele enquanto ele passava o braço livre em volta do meu quadril e me arrastava para o elevador.

Olhando para cima, eu o peguei olhando para mim, seu olhar cheio de contemplação sensual e seu sorriso cada vez mais amplo.

— Esse sorriso significa que estou perdoada?

Ele deu um beijo suave na minha testa.

— Sempre, amor. Mas o sorriso é porque pretendo dar uma lição a vocês dois.

— Nós dois?

Ele balançou as sobrancelhas para mim.

— Vocês dois. Dois pássaros, um vibrador, ou o que quer que seja o ditado.

Enterrei meu rosto em seu peito, me escondendo o máximo que pude da execução de seu plano. Não era como se eu não soubesse que havia um pau falso na caixa. As esculturas de Emma eram de metal em tamanho natural ou maiores. Se ela estava carregando uma caixa, devia ser a parte de seu negócio que eu não sabia que existia até que ela apareceu na minha casa no sábado.

O principal mistério era se a cor era clara ou se era uma cor codificada para ir onde nenhum homem, ou imitação de homem, tinha ido antes.

Meu estômago começou a se contorcer dolorosamente. Quando chegamos ao maior dos sofás, escorreguei para fora dos braços de Beckett e me sentei. A roupa do dia era uma saia longa e ondulada em escarlate, o diâmetro de seu alargamento me dando bastante espaço para abrir meus joelhos e colocar minha cabeça entre eles até que o quarto parasse de girar.

Com quase trinta anos, eu tinha levado uma vida sexual muito baunilha, nunca construindo confiança suficiente nos homens com quem namorei para ficar muito aventureira no quarto. E muito poucos homens chegaram ao meu quarto. Eu era o tipo de garota de seis encontros ou mais. Isso significava que praticamente todos os meus relacionamentos iniciais terminaram antes de se tornarem íntimos.

Eu exalei lentamente, meus ombros tremendo com uma mistura de medo e desejo. Sentado ao meu lado, Beckett riu da minha angústia. Colocando a caixa no chão, ele esfregou uma mão suavemente ao longo da minha espinha.

— Garotinha, você queria mais do que meus dedos nessa doce boceta durante toda a semana. Seu olhar tem me implorado para quebrar meu acordo com Jace toda vez que ficamos sozinhos aqui.

Eu exalei um suspiro mais curto, minha análise exagerada de suas palavras me dando esperança de que ele pretendia um uso tradicional do brinquedo. Por mais que essa possibilidade fosse um alívio, ainda não me dava o que eu queria, que era Beckett dentro de mim e encontrando sua liberação enquanto eu cavalgava meu clímax contra ele.

— Você conhece o acordo, baby. Para que isso funcione, haverá mais acordos. A confiança de que eles serão mantidos é crucial.

Eu concordei. Mas saber e compreender eram coisas diferentes. Não conseguia me imaginar conhecendo um estranho, mesmo um famoso, e fazendo sexo com ele na mesma noite. Mas foi exatamente isso que eu fiz. Eu tinha feito isso por causa do meu desejo pelo homem sentado ao meu lado, um homem que afirmava me amar, mas sentia alguma compulsão por me compartilhar com seu melhor amigo.

O que aconteceria quando Strand não estivesse mais interessado em que eu fosse compartilhada com ele? E se ele tivesse alguém que queria compartilhar com Beckett? Strand disse que eu era a garota ideal, mas isso era outra coisa que eu não conseguia entender.

— Mais dois dias, amor — Beckett me acalmou, colocando seus braços ao meu redor e pressionando minha cabeça contra seu peito largo. — As coisas começarão a fazer mais sentido então.

Ele inclinou minha cabeça para cima e olhou fixamente nos meus olhos.

— Você pode me dar isso?

— Sim — eu disse asperamente. Eu não tinha aceitado o acordo, mas estava disposta a esperar mais alguns dias para ver se havia uma chance real de uma vida com o homem que estava me segurando. — E você pode prometer que vai começar a pensar nele e se referir a ele como Jace?

Eu fechei meus olhos. Essa parte seria difícil, especialmente a parte pensante.

— Amor...

Eu abri meus olhos com a necessidade em sua voz. Eu podia ouvir o quanto o machucou que eu pudesse realmente rejeitar Stra... Merda. Eu realmente não conseguia evitar.

— Jace — eu disse em voz alta, mentalmente prometendo a mim mesma que praticaria dizer isso em casa naquela noite, tanto audivelmente quanto na minha cabeça.

— Não se preocupe — disse ele, seu sorriso sujo reaparecendo. — Vou ajudá-la a desenvolver o hábito. Começando agora, na verdade.

Alcançando minha cintura com as duas mãos, ele enrolou os dedos em torno da bainha do meu suéter preto com seu decote baixo que era a metade superior da roupa de quinta-feira. Levantando o material, ele se levantou e tirou a parte de cima, deixando apenas o sutiã preto com suas pequenas taças cobrindo meus seios.

Ele me empurrou de costas enquanto apoiava o joelho contra a almofada. Levantando minha perna, ele trabalhou a fivela da sandália vermelha de tiras que combinava com a saia.

Jogando a sandália no chão, ele beijou a proeminência interna do meu tornozelo, sua boca trabalhando seu caminho para baixo até que ele agarrou minha outra perna e removeu a segunda sandália.

— Eu amo o jeito que você se mexe, baby — ele brincou, observando-me contorcer no lugar, minhas omoplatas cavando na almofada e meu traseiro largo rangendo antes de eu empurrar meu monte para cima e meus ombros começarem a cavar novamente com toda a necessidade enrolando através de mim.

— Isso me mostra o quão quente estou deixando essa boceta doce. — Largando a outra sandália, ele me acertou com seu olhar cinza. — E úmida.

Quente e úmida, quase fumegante, o que ele sentiria assim que seu rosto ficasse um pouco mais perto de onde eu doía mais.

— Abra o zíper — ele ordenou, sua atenção apertando meus seios arfantes.

Eu levantei minha bunda, enfiei minhas mãos no espaço entre meu corpo e o sofá, encontrei o zíper da saia e deslizei todo o caminho para baixo antes de empurrar o tecido de meus quadris largos.

Beckett assumiu a partir daí, lentamente tirando o tecido e jogando-o atrás dele.

— Agora a calcinha.

Desta vez, ele não ajudou, seu olhar sexy e fixo no meu monte enquanto eu tirava a calcinha de renda preta.

Quando peguei meu sutiã, ele me parou com uma sacudida de sua cabeça, em seguida, acenou com a cabeça para o encosto do sofá.

— Uma perna para cima, menina.

Eu fiz como ordenado. Curvando-se para frente, Beckett puxou minha perna oposta para que eu tivesse minhas coxas abertas e um pé foi colocado no chão.

Satisfeito, ele apoiou o joelho no sofá novamente, metade de seu corpo ocupando o lugar onde minhas pernas estavam.

— Abra a cortina para mim, amor.

Ele deu o comando naquele seu tom barítono sexy, a ordem e seu áspero sotaque escocês inundando minha boceta com uma excitação mais profunda. Abaixando-me, puxei meus lábios e continuei segurando-os enquanto ele tirava o telefone do bolso do paletó.

Para meu alívio, ele não tirou uma foto. Isso não tinha acontecido entre nós em nenhum dos dias anteriores. Eu tinha regras firmes sobre fotos, meus pais eram relativamente moderados, mas moravam em uma pequena comunidade da Nova Inglaterra que definia valores conservadores.

Beckett bateu na tela algumas vezes, em seguida, colocou o telefone voltado para cima no vale entre meus seios, um canto dobrado sob o elástico rendado do meu sutiã.

O telefone tocou duas vezes antes que a voz de molhar a calcinha que eu conhecia principalmente por assistir filmes respondesse.

— Acho que você recebeu minha encomenda — Jace riu.

Beckett acenou para mim sem dizer nada.

— Recebemos — respondi, um bolo alojado na minha garganta.

Quando Jace não respondeu imediatamente, eu pensei que a ligação tivesse caído ou que tivesse desligado. Por aqueles poucos segundos em que poderia ter

sido uma coisa ou outra, senti a pontada de rejeição e fiquei maravilhada por me importar.

— Garotinha — disse ele por fim. — É um prazer ouvir sua voz. — Seu tom ficando mais baixo e rouco a cada segundo, eu juro que pude ouvir seu sorriso pecaminosamente sexy quando ele acrescentou: — Este telefonema ficou muito mais interessante do que eu pensei que seria.

Para mim também.

Capítulo Quatorze

Não sabendo mais o que dizer, as muitas lições de minha mãe sobre as boas maneiras de uma dama entraram em ação.

— É bom ouvir sua voz também. Hum... então, como está seu dia? — Conversar com o homem era difícil o suficiente, vestida — ou melhor, despida — do jeito que eu estava agora, era quase impossível.

— Muito melhor agora — respondeu ele calorosamente. — Onde está Beckett?

— P-perto — respondi, o grilo batendo mais alto e de forma mais irregular na minha garganta.

— Diga a ele exatamente onde estou, amor — Beckett ordenou.

Eu apertei meus lábios e lutei contra a vontade de fechar meus olhos. Eu tinha começado a viver na cobertura com Beckett, pelo menos até que pudéssemos passar nosso tempo juntos sem as restrições de seu acordo com Strand.

Com Jace, eu me lembrei.

— Ele está no sofá comigo, na cobertura acima dos escritórios da empresa. — Eu olhei para Beckett. Ele ergueu uma sobrancelha, sua expressão me lembrando de um investigador da polícia que eu tinha visto na televisão se preparando para interrogar um suspeito.

— Ele me fez tirar tudo, menos o sutiã.

Entre Beckett me observando, seu olhar suave e vagando pelo meu corpo, e eu dizendo a Jace que estava basicamente nua, comecei a me contorcer novamente.

— E você viu o que está dentro da caixa? — Jace perguntou, sua voz ficando mais rouca. Parecia que ele estava se acomodando, ficando confortável antes de

uma longa ligação.

— Não — eu sussurrei.

— Certamente você imaginou o que está dentro — Jace brincou.

Meu olhar disparou para Beckett, colidiu com seu sorriso torto e deslizou para longe, o eco daquele longo apito ecoando em meus pensamentos.

— O mesmo de antes, eu acho — respondi enquanto tentava não pensar em como as dimensões da segunda caixa eram maiores, pelo menos um pouco maiores.

— Beckett, amigo — Jace disse, convocando seu amigo para falar. — Quanto você vai mostrar a ela?

— Hoje? — Beckett meditou antes de pular para a sua resposta. — Vou com calma.

Eu relaxei, não muito, mas o suficiente para abrir meu estômago e respirar mais profundamente.

— Diga a ele o que estou fazendo, amor — disse Beckett.

— Ele está alcançando a caixa — comecei. — A tampa está bloqueando minha visão.

Lentamente, Beckett tirou um vibrador transparente.

— É... diferente... da que você já enviou.

— É maior — Jace riu, um tom competitivo empurrando as palavras para fora de sua boca.

Beckett podia ter bilhões, mas Jace queria que eu soubesse que ele tinha o pau maior. Eu pressionei meus lábios. Não foram os bilhões ou o tamanho de seus pênis que me puxaram. Não importava o fato de que ambos eram mais ricos do que eu poderia imaginar e ambos definitivamente tinham o tamanho na categoria “garanhão” em termos de genitália masculina.

— Lembre-me de pagar — disse Beckett, sua voz alta o suficiente para chegar ao microfone do celular — por me enviar uma réplica do seu pau para provocá-la.

— Se você começar a usar... — Jace atirou de volta antes de sua voz cair novamente. — Ele começou a provocá-la, baby?

— Não.

Eu estava ficando confusa de novo. Ver o brinquedo enorme trouxe uma onda de sensações e muitas memórias da noite de sexta-feira com os dois homens na cama, minhas entranhas inchadas com os dedos e as entradas e saídas de seus pênis, cada um me tomando mais e mais fundo até que eles gozaram e eu recebi pelo menos quatro orgasmos.

— Parece que ela realmente precisa disso, Beck. Melhor lubrificar meu pau antes de colocá-lo nela.

Beckett rosnou, mas alcançou a caixa, desta vez retirando um pequeno tubo de lubrificante. Abrindo a tampa, ele correu a ponta ao longo do vibrador em uma linha, em seguida, espalhou o gel em toda a circunferência.

Segurando o vibrador em uma mão, ele traçou a linha dos meus lábios com os dedos enquanto eu continuava a mantê-los abertos.

Parando, ele olhou para mim.

— Baby, você não está falando.

Eu respirei fundo, querendo muito derramar de mim e muito pouco disso composto de palavras ou mesmo sílabas.

— Ele... ele passou lubrificante nele. Ele está me tocando com a mão agora, seus dedos... eles têm uma camada espessa de lubrificante neles também.

Eu respirei uma segunda vez, esta curta e afiada quando Beckett deslizou dois, então três, dedos em minha boceta para espalhar o excesso de lubrificante dentro de mim.

— O que ele está fazendo? — Jace murmurou com apenas um traço de impaciência.

— Seus dedos estão em mim... torcendo...

Minhas coxas, mantidas abertas por tanto tempo e tão abertas, começaram a tremer, assim como minhas mãos enquanto eu continuava a manter minha boceta aberta, os lábios apertados para trás.

— Por favor — eu choraminguei, não tendo certeza do que eu estava implorando a Beckett, ou se era mesmo Beckett quem eu estava implorando.

— Oh, sim, por favor — Jace brincou. — Coloque meu pau nela. Eu quero ouvir aquele gemido agudo quando ela gozar.

Beckett não seguiu imediatamente as instruções de seu amigo. Saindo de sua posição no sofá, ele se ajoelhou ao meu lado, colado ao meu quadril. Ele mudou a forma como segurava o brinquedo, mudando o vibrador para a mão direita e posicionando a ponta grossa na minha entrada.

— Continue se mantendo aberta, amor.

— O que ele está fazendo?

— Ele está empurrando agora — eu ofeguei, meu monte empurrando para cima enquanto minha boceta ficava ávida por um pau grosso como aquele. — Empurrando em mim... oh... oh... a cabeça está em...

Eu gritei quando a cabeça voltou para fora e Beckett riu da minha angústia por sua ausência. Ele pressionou para frente novamente, desta vez girando para a esquerda e para a direita enquanto a cabeça esticava minha abertura.

— Diga a ele para parar — Jace ordenou.

— EU...

— Diga a ele — ele repetiu.

Eu olhei para Beckett, implorando a ele permissão para desobedecer ao comando.

Ele olhou para mim, seu olhar ilegível.

— Pare! — eu gritei finalmente, o alívio se espalhando por mim enquanto Beckett acenava em aprovação.

Qualquer que fosse o jogo distorcido que eles estavam jogando, estava me matando. Minha boceta já estava em plena vibração, esticando o pequeno pedaço de ponta que eu tinha dentro de mim, meus músculos tentando sugar mais em mim enquanto minha bunda avançava ao longo do sofá em uma tentativa furtiva de empurrar nele.

— Como sua doce boceta se sente agora que ele parou? — Jace perguntou.

— Dói — eu solucei. Mordendo meu lábio inferior, eu tirei meus lábios o mais longe que eles naturalmente se estendiam, beliscando e apertando-os enquanto a boca da minha boceta se estreitava e expandia ritmicamente com as contrações correndo por mim.

— Dê a ela apenas a cabeça — Jace dirigiu.

Beckett empurrou lentamente até que a coroa, e nada mais, estivesse bem ajustada.

— Agora, menina, quero que molhe os dedos da sua mão dominante.

Com os lábios tremendo, levantei minha mão esquerda e lambi as pontas dos meus dedos, já adivinhando qual seria o próximo pedido.

— Mostre a ele como você brinca consigo mesma em casa quando tem um grande brinquedo dentro de você... e me diga.

Eu liberei o ar que estava segurando em meus pulmões por muito tempo, meus dedos e minha língua começando a se mover ao mesmo tempo.

— Eu pressiono contra a linha do meu... meu clitóris.

Minhas bochechas, provavelmente já em chamas vermelhas, queimaram um pouco mais quando eu dei um nome à coluna inchada.

— Três dedos em uma fileira apertada.

Fazendo contato, eu tive que parar. Mordi meu lábio inferior até recuperar um pouco de controle.

— Mas o brinquedo fica mais fundo dentro de mim em casa — eu choraminguei e tentei subir mais no consolo que Beckett segurava.

Os dois homens gemeram ao mesmo tempo.

— Ajude-a, Beck.

Lento e ainda torcendo, Beckett empurrou o brinquedo todo o caminho para dentro de mim, sua mão livre agarrando minha coxa, as pontas de seus dedos marcando a carne com força o suficiente para que eu esperasse machucar antes de colocar minha saia de volta.

— Está em você agora, menina?

— Sim — eu gemi. — Completamente.

Meus quadris giraram em um círculo lento enquanto meus dedos começaram a esfregar uma linha para cima e para baixo no mesmo ritmo.

— Como é sentir meu pau dentro de você?

— Bom — eu gemi. Meus lábios tremeram com a necessidade de gozar, mas eu não estava exatamente lá, precisava apenas de um pouco mais de algo. — É tão grande.

Eu estava quase entorpecida com seu tamanho, mas eu não disse isso a ele.

— Levante essa bunda doce — Jace ordenou. — E mantenha seus dedos parados, mas pressionando com força.

Eu obedeci, meu olhar travado no rosto de Beckett, sua atenção voltada para o que meus dedos e boceta estavam fazendo.

— Tudo bem — respondi. — E agora?

— Agora — Jace respondeu — Eu quero ouvir você foder meu pau até gozar.

Eu resisti ao pedido, sua voz áspera e feroz e cheia de necessidade. Segurando o vibrador firmemente no lugar, Beckett liberou um dos meus seios com a outra mão e começou a apertar.

— De quem é o pau que está enchendo essa doce buceta, baby?

— De Jace — eu disse asperamente.

— Diga a ele o que você está fazendo com seu pau.

— Estou deslizando contra ele... apertando.

— Você gostou do presente dele?

— S-sim. — Eu respirei fundo quando terminei, uma onda de prazer passando por mim.

— Então agradeça a ele.

— O-obrigada, J-Jace.

Minha bunda bombeava para cima e para baixo enquanto Beckett segurava o brinquedo no lugar, virando-o astutamente quando ele pensava que eu estava muito perto da minha liberação.

— Você ainda está esfregando seu clitóris, menina? — Jace perguntou a três mil milhas de distância.

— Sim — gemi enquanto meus dedos faziam uma longa e dura carícia da divisão superior dos meus lábios até o capuz inchado.

— Erraticamente — Beckett brincou e puxou o brinquedo até que apenas a coroa gorda estivesse dentro de mim.

— Por favor — choraminguei, precisando ser preenchida com o vibrador da coroa até a base.

Eu esfreguei mais ansiosamente meu clitóris, minha respiração ficando agitada enquanto minha bunda empurrava no ar.

— Por favor, mais...

— Preencha-a — Jace ordenou. — Fode ela com meu pau. Eu quero ouvi-la gozar.

Sua respiração se tornou tão irregular quanto a minha. Apenas Beckett permaneceu composto.

Lentamente, ele obedeceu ao comando de Jace, empurrando o brinquedo pouco a pouco enquanto meus dedos continuavam a esfregar para cima e para baixo no meu clitóris. Meus quadris balançaram para a esquerda e direita, para frente e para trás. Cada vez que eu gemia, Jace gemia comigo.

— Baby, você tem meu pau tão duro agora, continue fodendo... continue fodendo...

Homens doces e impiedosos.

Juntos, eles estavam me matando, Jace com sua voz crua e Beckett com seu olhar calmo e empurrão implacável do brinquedo para dentro e para fora de mim. Minha boceta travou no vibrador, músculos chicoteando em torno de sua circunferência, sugando sua superfície com tanta certeza como se eu o tivesse em minha boca.

— Sim, por favor, não pare... não pare de me foder... — Falei as palavras para Jace, meu olhos fixos em Beckett enquanto ele tocava meu corpo.

Curvando seu corpo mais perto do meu, ele puxou um mamilo em sua boca, chupando amorosamente enquanto continuava a empurrar o brinquedo dentro de mim.

— Aí está, baby — Jace disse enquanto o grito estridente crescia dentro da minha garganta. — Você está tão perto. Goze para nós, Gabby.

Claro que sim. Para eles, para ambos, os dois homens eram parceiros iguais naquele momento da minha libertação. Eu resisti, gritei. Esquecendo que eu deveria estar esfregando meu clitóris, envolvi minhas mãos em torno da cabeça de Beckett enquanto ele beijava e chupava meu seio.

Eu me virei ao longo do sofá, soluçando minha liberação, minha boceta toda inchada e quente, minhas coxas escorregadias por causa do lubrificante e meu próprio creme. Eu choraminguei, implorei. Só um pouco mais forte, um pouco mais profundo, bem aí, bem aí, certo...

— Sim. — Eu congelei, tremendo ao redor do brinquedo, unhas cavando na parte de trás do crânio de Becket enquanto ele continuava a mover o brinquedo, apenas um pouco para trás, um pouco para frente, a pressão nunca diminuindo.

Do outro lado do país, ouvi um gemido estridente. Beckett soltou meu mamilo com um pop molhado e riu.

Deixando o brinquedo dentro de mim, ele recuperou o telefone.

— Desligando agora, amigo.

Jace riu.

— Sim, tudo bem. Já tenho bagunça o suficiente para limpar como está. Vejo você em breve, menina.

— Tchau, Jace — eu disse suavemente, tímida de novo.

Beckett estava certo, eu estava mantendo Jace à distância chamando-o de Strand.

E se o olhar profundo e penetrante olhando diretamente para mim fosse alguma indicação, chamar seu melhor amigo pelo primeiro nome era tão significativo para Beckett quanto para mim.

Capítulo Quinze

Beckett desligou o telefone e o colocou no chão. Com o peito arfando, a intensidade alfa palpável diminuindo dele em ondas, ele direcionou seu olhar escuro e encoberto para onde o brinquedo me penetrou.

Com ternura, ele agarrou sua base e deu uma pequena volta. Eu tive um espasmo, minha bunda levitando para fora do sofá enquanto dava uma estocada estúpida contra o vibrador.

Tentando controlar minha luxúria, passei meus braços em volta da minha cabeça, escondendo meu rosto. Menos de uma semana desde nosso primeiro encontro íntimo e eu tinha me tornado o joguete devasso de Beckett. Eu ansiava por seu toque, aceitaria qualquer penetração que ele me oferecesse. Minha boceta chorou ao longo do dia, seja por suas manipulações ou mera antecipação.

Com os olhos cinza ficando esfumados, Beckett se levantou e tirou sua jaqueta. Tirando os sapatos, ele desabotoou os botões dos punhos, em seguida, o terço superior dos botões na frente de sua camisa.

Meu pulso acelerou. Ele havia desnudado a parte superior do torso na terça-feira, mas a tentação trazida por carne sobre carne o levou a recuar e ele permaneceu totalmente vestido

Quarta-feira.

Tirando a camisa, ele fez meu coração pular um punhado de batidas enquanto ele desenroscava o cinto, em seguida, tirava as calças. Em seguida, ele arrancou as meias, deixando-o apenas com uma cueca boxer de seda.

Minha respiração parou. Tudo que pude fazer foi olhar para o contorno grosso de seu pênis contra o tecido preto.

Segundo o acordo, ele não deveria tirar as calças. Tecnicamente, ele tinha, ao menos a cueca era um substituto aceitável.

— Shh... — ele persuadiu enquanto colocava seu longo corpo sobre o meu.

Ele deve ter visto a preocupação em meu olhar. Por mais que eu quisesse que ele quebrasse o acordo, agora que ele estava prestes a fazê-lo, eu estava com medo de uma possível queda.

— Está tudo bem — ele murmurou, seu rosto cavando contra meu pescoço enquanto ele corria uma mão para cima e para baixo no meu peito, estômago e quadris. — Jace estava apenas preocupado que você já teve muito tempo para se relacionar comigo.

Abaixando-se, ele agarrou a base do brinquedo.

— E ainda é o pau dele em você.

Tremendo, fechei meus olhos e levemente cruzei meus braços em volta de seus ombros largos e costas. Seu peito empurrou contra meus seios inchados e mamilos sensíveis. Eu empurrei para trás, meus quadris se movendo com o resto de mim.

Ele deslizou o vibrador até a metade, então sua mão e parte inferior do torso trabalharam juntos para empurrá-lo de volta. Estremeci, os tecidos moles da minha boceta engrossaram com o meu clímax recente e excitação elevada.

Mordendo meu pescoço, Beckett puxou o brinquedo, então a mão e o quadril simultaneamente empurraram para frente para afundar a cabeça e o eixo em minhas profundezas contraídas.

Sob a seda de sua boxer, seu pau esfregou em meu monte, a coroa gorda passando pela cintura para que a pele tocasse a pele. Um pequeno mergulho e a ponta esfregou ao longo do meu clitóris. Minhas unhas cravaram em suas costas enquanto gemidos inquietos se contorciam pela minha garganta.

Ele cobriu minha boca com a sua, sua língua rapidamente me invadindo e conquistando. Manter o vibrador enterrado profundamente, batidas curtas contra mim fez com que o brinquedo batesse contra a abertura do meu colo do útero.

Minhas unhas afundaram mais profundamente, meu corpo inteiro tremendo de necessidade. Meus quadris empurraram com os dele, os músculos da bunda flexionando, em seguida, saltando enquanto a réplica do pau de Jace me mantinha esticada.

Eu dei boas-vindas à sensação crescendo em mim e pude sentir o gotejamento lento do pré-sêmen de Beckett encharcando os pelos que cobrem meu monte. Quando viéssemos, seria uma confusão.

Quebrando o beijo, ele apoiou seu corpo com uma mão, o outro fica com a posse do brinquedo. Nós dois olhamos para o espaço entre nós, a cabeça de seu pênis completamente além do cós de sua boxer.

Abaixei-me, empurrei o tecido para baixo para expor o comprimento de seu eixo. Dedos deslizando pelo elástico, me esforcei para acariciar suavemente suas

bolas.

— Porra, amor... — Ele fez uma careta, os olhos bem fechados, a parte superior de seu corpo tremendo enquanto ele continuava a se segurar e lutar contra o orgasmo que se aproximava.

Corri minhas mãos ao longo de seu eixo, os dedos moldando-se firmemente contra ele para segurá-lo enquanto seu pau deslizava para cima e para baixo na superfície do meu monte, entre meus lábios, ao longo do meu clitóris, penetração impossível porque minha boceta já transbordou com o vibrador.

— Agora — eu gemi, meu controle motor fino me abandonando quando a primeira onda da minha liberação bateu contra mim. — Goze comigo, por favor.

Eu congelei. Beckett enrijeceu, apenas sua mão continuando a trabalhar quando o primeiro jato de seu clímax o deixou. Respingou quente e espesso no meu estômago. Seguiram-se mais três esguichos, cada um tão espesso quanto o primeiro.

Ar me deixando em um chocalho, meu corpo finalmente relaxou.

— Não acabei com você, menina — Beckett avisou, tirando o brinquedo de mim antes de descer pelo meu corpo.

Seus dedos mancharam seu gozo, empurrando-o para baixo pelos meus pelos pubianos, em seguida, pintando meus lábios e clitóris com ele. A massagem suave me fez esticar para cima, minha boceta já ansiosa para a próxima rodada.

Separando meus lábios inferiores, ele começou a me limpar com lambidas que subiam da porta vibrante da minha boceta, sobre o meu clitóris necessitado e até o topo de sua espinha.

Eu enrolei minhas mãos na parte de trás de sua cabeça, incitando-o a continuar. As lambidas lentas estavam me deixando fora da minha mente, meu corpo começando a arquear quando ele começou novamente e continuou a se esticar até chegar ao ápice do meu clitóris.

Eu montei sua boca, choramingando quando ele se aproximou do capô com seu botão hipersensível e choramingando quando ele não se demorou naquele ponto doce.

— É isso que você quer? — ele perguntou, fixando-se finalmente nisso.

— Sim — eu solucei, apertando sua boca com força contra a minha carne.

Ele começou a sugar, sua cabeça balançando apenas o suficiente para que seus dentes roçassem a carne dolorida. Eu balancei, então segurei enquanto ele empurrava seus dedos em mim, as almofadas raspando contra os tecidos inchados da minha boceta.

Isso... isso era demais e não o suficiente. Meus músculos chicotearam ao redor dele, sugando e apertando e sugando um pouco mais até que todo o meu corpo vibrou e um grito de prazer rasgou minha garganta.

Choques elétricos passaram por mim, meu clitóris se contraindo contra seus lábios e língua quando comecei a esguichar minha liberação. Sua boca pressionou mais forte e seus dedos se torceram grossos dentro de mim, deslizando e empurrando enquanto meus quadris se erguiam mais alto, o fluxo do meu clímax continuando a jorrar erraticamente contra seu queixo.

Minha bunda saltou contra a almofada enquanto eu esfregava minha boceta contra seu rosto, meus gemidos reduzidos a grunhidos e gritos guturais. Meu sexo vibrou, se contraiu, balbuciando o triângulo carnudo de seus dedos desde as pontas até os nós dos dedos enquanto eu esfregava cada vez mais forte.

Por fim, desmaiei. Minhas mãos caíram enquanto grandes lágrimas irromperam e deslizaram pelas laterais do meu rosto.

Sentindo minha rendição completa, Beckett surfou pelo meu corpo, seu peso descansando levemente contra mim enquanto ele enxugava as lágrimas. Seus beijos suaves acalmaram a onda selvagem de emoção que me dominou.

Quando eu finalmente me acalmei, ele ergueu a cabeça e deu um beijo na minha testa.

— Baby — disse ele, antes de pressionar seus lábios nos meus. —, você tem quinze minutos para se vestir e sair do prédio.

Deslizando para fora de mim, ele deslizou para fora de sua boxer molhada e estendeu a mão para suas calças quando terminei de me sentar.

— O quê? — eu perguntei, o rangido tenso da minha voz traindo meus pensamentos em pânico.

Abandonando sua tentativa de colocar as calças, ele colocou as duas mãos em volta da minha cabeça e me deu um beijo reconfortante antes de explicar.

— Você precisa ir para casa e fazer as malas. O mais rápido que puder. — Afastando-se, ele vestiu as calças e puxou-as para cima. — Planejo pegá-la às quatro.

— Por volta das quatro? — eu repeti, todas as endorfinas dos três orgasmos gritando que ele tinha me dado nublando minha razão.

— Isso mesmo, amor — ele sorriu, passando o braço pela manga de uma camisa. — Estamos indo para a Flórida esta noite.

Capítulo Dezeseis

O que eu esperava que acontecesse no voo e na minha chegada à Flórida não foi nada parecido com o que realmente aconteceu. Apesar de usar um sorriso em seu rosto bonito quando saí do escritório, o comportamento de Beckett era severo quando ele parou em minha casa.

— Traga o envelope — disse ele, pegando minhas malas e levando-as para o porta-malas de sua Mercedes prata.

Certo... o envelope. Ainda não convencida de que o envelope não passava de um estratagema, quase me esqueci dele. Eu havia pensado tão pouco nisso que tive um momento de pânico ao lembrar que o havia escondido entre o colchão e as molas.

Voltando para o carro, entreguei a ele, meu braço travado com força contra o tremor que o ameaçava. Ele olhou para ele por um momento, em seguida, casualmente o jogou em cima de nossas malas antes de fechar a tampa do porta-malas.

Muito importante, pensei, deixando-o abrir a porta do passageiro para mim.

Sua distância emocional aumentava à medida que nos aproximávamos do aeroporto e do jato particular que nos esperava. Uma vez que estávamos no avião, no entanto, ele se tornou o mais próximo de pegajoso que eu poderia imaginar Beckett Frost se tornando.

A pegajosidade se limitava à sua mão, aquela que ficava distraidamente vagando para roçar em alguma parte de mim, como se verificando se eu realmente estava lá, se não havia escapado magicamente, mesmo depois que o avião estava em altitude de cruzeiro e a única saída era com um paraquedas ou um desejo de morte.

Cada toque foi seguido por sua retirada instantânea, até que comecei a me

afastar. Depois ele segurou minha mão presa entre as dele, tudo sem olhar para mim.

Eu não entendia, de jeito nenhum. Eu sentia como se estivesse de volta à casa de Madame antes de me render aos seus desejos. Desafiá-lo sobre a mudança repentina de comportamento teria sido inútil, ou talvez eu estivesse com medo de que fosse a maneira mais rápida de perdê-lo para sempre.

De qualquer maneira, mantive minha boca fechada e tentei não expor meu coração, minha dor enterrada tão profundamente quanto pude empurrar.

Quando pousamos um pouco antes das dez da noite, uma limusine esperava para nos levar à Ilha de Júpiter. O motorista nos colocou do lado de fora da porta da frente aberta do palácio à beira-mar de Jace. Nossa bagagem partiu para lugares desconhecidos enquanto Beckett enlaçava seu braço no meu e me escoltava escada acima e para dentro.

Com as colunas altas, o piso de mármore polido e o cheiro do oceano no ar, me senti ainda mais como se estivesse na casa de Madame e tão deslocada quanto antes.

Jace apareceu, sua expressão contemplativa enquanto se aproximava. Ele estendeu os braços. Beckett liberou seu domínio sobre mim ao mesmo tempo. Envolvendo-me em um abraço caloroso, Jace me deu as boas-vindas à sua casa com um sussurro de seus lábios na minha bochecha e na lateral do meu pescoço.

— Você parece estressada, baby — disse ele, se afastando e estudando meu rosto.

Eu não neguei. Eu permaneci imóvel e sem falar, relutante em apontar o dedo para Beckett como a fonte de toda a dúvida nervosa que contraía cada músculo do meu corpo.

Jace segurou meu rosto, beijando-me na boca, o gesto muito solene para a ocasião.

Eu mal segurei o som de frustração rolando em meu peito.

Eu nunca entenderia esses dois homens.

Menos de uma dúzia de horas antes, Jace estava no telefone falando comigo, acariciando seu pau até o clímax enquanto Beckett me fodia com um vibrador que era uma réplica do seu pau. Beckett estava a um gemido de quebrar seu acordo de manter seu pênis em suas calças depois disso.

Agora, os dois estavam aqui agindo como se estivéssemos na ilha para algum tipo de funeral.

Uma parte de mim estava preocupada que o lance de ser a garota ideal tivesse morrido.

— Foi um dia louco, Gabby — Jace disse, esfregando levemente meus ombros antes de sua mão deslizar para baixo nas minhas costas e ele me guiar

mais fundo em sua casa.

Não perguntei como tinha sido louco ou para onde ele estava me levando. Demorou cerca de três minutos caminhando pelos pisos de mármore e subindo um andar por uma escada em espiral antes de chegarmos ao destino pretendido.

O quarto de hóspedes era decorado em tons de creme, branco e bege-dourado com toques aconchegantes em rosa e salmão. A cama em si era enorme, de tamanho personalizado para exceder o maior colchão king-size comercial e com um lustre redondo de cristal acima de seu centro. A cabeceira e o pufe eram acolchoados e tufados em um creme claro. Imediatamente após o estribo havia um sofá que ficava de frente para a lareira da suíte.

Antes que eu tivesse a chance de notar mais do que alguns detalhes superficiais, Beckett e Jace me sentaram na cama. Eu olhei primeiro para Beckett, esperando desesperadamente que o que quer que o tivesse possuído desde que ele me pegou em casa tivesse finalmente desaparecido.

Ele permaneceu impassível, apenas seus olhos expressando qualquer tipo de interesse ou vulnerabilidade.

Voltei minha atenção para Jace. Seu sorriso suave parecia convidativo, mas ele era um ator, excelente em seu ofício, e isso era tudo que eu estava vendo.

— Você vai dormir aqui, esta noite, menina.

Eu olhei de Jace para Beckett, a questão não dita de se eu dormiria sozinha poluindo o ar ao nosso redor.

— Beck e eu precisamos discutir as coisas antes de ver você de manhã — disse ele, acariciando o lado do meu queixo para que eu me virasse para ele. — Eu tenho um pequeno presente para amenizar o inconveniente.

Eu respirei fundo, a mandíbula apertando enquanto puxava o oxigênio para os meus pulmões. Eu estava começando a pensar que não queria mais nenhum dos presentes de Jace. O presente que ele enviou hoje foi o catalisador para esta viagem, para a retirada resultante de Beckett.

Ver o homem por quem estive apaixonada por três anos se afastar de mim era muito mais do que um mero “inconveniente.”

Embora eu tenha permanecido em silêncio, não pude fazer nada sobre as lágrimas enchendo meus olhos com o pensamento de não ter mais Beckett em minha vida.

O claro olhar verde de Jace fixo no meu rosto, sua cabeça inclinada para o lado enquanto ele catalogava cada última resposta que eu não consegui entender. Seu comportamento normalmente brincalhão estava totalmente ausente, ele era todo alfa no momento. Quanto mais ele dirigia aquele olhar intenso para mim, menos eu conseguia controlar as reações do meu corpo. Logo, meus membros tremiam, fazendo com que sua expressão endurecesse, uma máscara caindo

sobre suas feições.

Um instante depois, ele se levantou e foi até a cômoda. Abrindo a gaveta, ele puxou um robe branco dobrado de seda esvoaçante, uma caixa de prata em cima dele.

Entregando a caixa para Beckett, ele ofereceu o robe para mim e acenou com a cabeça para uma porta fechada.

— Queremos você de volta aqui, vestindo o robe e nua por baixo em cinco minutos.

Olhei para Beckett para ver se o "nós" estava correto. Ou se ele não queria mais participar de nada disso.

Como se ouvisse minhas perguntas silenciosas, ele ergueu o olhar. De repente, eu senti como se estivesse sentada em frente a ele em uma mesa de negociação onde as ferramentas mais eficazes em seu arsenal eram sua vontade de ferro e sua capacidade de ser completamente ilegível.

— Você se lembra de como eu disse que ele queria quebrar todas as regras por você? — Jace cutucou então.

Eu respondi à pergunta de Jace com um breve aceno de cabeça e um dos meus.

— Você não acha que eu quebrei algumas regras por ele também?

Isso trouxe um sorriso imediato de satisfação em seu rosto. Embora a mudança em seu comportamento fosse bem-vinda, de alguma forma, eu não acho que sua intensidade alfa estava diminuindo nem um pouco.

Acabou de atingir um novo nível, só isso.

Ele empurrou o robe para mim novamente.

— Quatro minutos, menina.

Ignorando Jace, eu fiquei na frente de Beckett, meus braços dobrados protetoramente contra o meu estômago onde tudo tinha se torcido em um nó.

— Você continuou tentando me alcançar no avião e depois se detendo. O que está acontecendo? Fale comigo.

— Três minutos — Jace avisou enquanto Beckett mantinha seu silêncio.

Eu girei sobre ele, o aquecimento frustrante de minhas bochechas, meus punhos enrolando em meus lados.

— Quem diabos está no comando aqui? — eu exigi.

Finalmente Beckett falou, me matando com sua resposta sussurrada.

— Você, Gabby.

Pegando o robe de Jace, eu fugi pela porta fechada para o banheiro. Em qualquer outro dia, eu teria parado para me maravilhar com o puro luxo do quarto, a "banheira" autônoma que poderia caber facilmente todos nós três nela, o enorme box de chuveiro com seus muitos chuveiros, do chão ao teto mármore

branco.

Mas eu tive menos de três minutos para tirar minhas roupas e colocar o robe.

— Levou quatro minutos — Jace disse quando eu voltei. Recuperando a caixa de prata de Beckett, ele levantou a tampa e olhou para dentro. — Não tenho certeza se devo dar isso a você agora.

Olhando para ele, eu não disse nada.

— No entanto, uma vez que é tanto um castigo quanto um prazer, acho que vou dar.

Tive a vaga sensação dele levantando a tampa da caixa completamente, mas eu estava com os braços cruzados contra o peito, meu olhar fixo na camada inferior do lustre.

Sua risada suave apenas fez meu brilho aumentar um pouco. Mas ao invés de se irritar ainda mais, ele se virou para Beckett e entregou as rédeas.

— Aqui, ela vai deixar você colocar nela. Mais do que isso, ela precisa que você faça isso, amigo.

A curiosidade venceu minha raiva e eu olhei para baixo. Eu vi cordões de prata e azul, pretos, partes do presente dobradas sobre si mesmas. Eu não sabia o que era. A parte prateada parecia uma concha que tinha o centro totalmente esculpido. O azul era uma esfera facetada do tamanho de uma bola de pingue-pongue ou de golfe. Um buraco estreito havia sido feito através dele, de modo que uma corrente de prata prendia o orbe à concha.

— Venha aqui, Gabby.

A vulnerabilidade áspera de Beckett de quando ele disse que eu estava no comando havia desaparecido, reduzindo-o ao meu chefe bilionário, dando-me outro de seus comandos executivos.

Mordendo a parte interna do meu lábio inferior para manter meu beicinho sob controle, dei dois passos para frente, colocando-me ao alcance do braço de ambos os homens. Jace estendeu a mão e desatou a faixa, em seguida, juntou o comprimento do robe e puxou-o para o lado para que eu ficasse exposto do meu umbigo para baixo.

Beckett não olhou para cima para encontrar meu olhar. Ele olhou para o meu corpo, em vez disso. Esta versão de Beckett que eu conhecia, o tinha visto todos os dias úteis desta semana, seus olhos viajando sobre cada curva de uma forma que enviou um arrepio de prazer correndo pela minha pele.

— Isso — disse ele, segurando a orbe azul — vai ficar em você a noite toda. Você não deve removê-lo, a menos que vá embora.

Eu deixei meus pensamentos sobre o assunto claros com um olhar intencional, mas não disse nada.

Nada disso fazia parecer que eu estava “no comando” aqui, e ainda assim os

dois homens ainda estavam olhando para mim como se eu estivesse.

Quando os dedos de Beckett suavemente encobriram meu clitóris, questionei ainda mais qualquer aparência de controle que eu tinha nesta situação. Meus joelhos ficaram fracos e um gemido curto separou meus lábios. Jace plantou uma mão contra meu quadril para me apoiar. Eu queria afastar seu toque, mas não consegui. Minhas mãos estavam cerradas em punhos gananciosos.

O suspiro se transformou em um gemido quando os dedos de Beckett se moveram para encontrar meu núcleo gotejante. Ele brincou com o círculo fechado, suas manipulações suaves garantindo que eu estivesse molhada o suficiente para aceitar a bola azul. Ele a deslizou para dentro de mim. Soltei um pequeno grito, minhas mãos pousando em seus ombros para me apoiar.

— Você pode pelo menos me dizer por que tenho que fazer isso?

Eu estava dirigindo minha pergunta para Beckett, mas foi Jace quem respondeu.

— Você estava indo tão bem sem fazer perguntas, menina. Não comece agora.

— Eu não estava falando com você — retruquei, quase rudemente, mas com mais evidências de que não estava no controle de quase nada no momento.

— Você não entende — Jace explicou calmamente, seu tom uniforme e calmo. — Quando você fala com um de nós, está falando com os dois.

O aceno silencioso de Beckett pontuou essa afirmação em termos inequívocos.

— Você não deve removê-lo — Beckett repetiu então — a menos que decida que deseja ir embora.

Seus dedos se moveram mecanicamente para revelar o design inteligente da concha oca, suas bordas servindo para manter meus lábios separados enquanto seu centro vazio prendia meu clitóris. O cordão preto que eu tinha visto era elástico e transformava a concha na parte da frente de uma tanga bem minimalista.

Ele prendeu as cordas nos fechos, Jace o ajudando no meu quadril e novamente no meu monte, minhas coxas começando a tremer com a atenção de ambas as mãos.

Surpreendendo-me, Jace deslizou até ficar de joelhos no chão. Ele olhou para cima, seus olhos verdes frios e calculistas.

— Eu disse que era um presente e uma reprimenda, menina.

Inclinando a cabeça, ele trouxe sua língua para a pequena gaiola que lotava meu clitóris inchado ao mesmo tempo em que empurrava meus lábios. Sua língua não teve que procurar a pérola enfiada sob o capô. A joia o apresentou a ele, garantindo que estivesse sempre pronta para sua boca ou dedos.

Sua língua deu uma lambida suave enquanto Beckett puxava a corrente de prata. Joelhos ameaçando dobrar, eu agarrei os dois homens para me apoiar.

— Esse é o presente, Gabby — Jace brincou, se afastando. — Usá-lo a noite toda, sozinha e incapaz de tocar sua doce boceta, é o seu castigo.

Ficando de pé, ele sutilmente persuadiu Beckett a segui-lo para fora da sala. Voltando-se no último minuto, Jace me lançou um de seus sorrisos de pôster de filme.

— Bons sonhos, menina.

Capítulo Dezessete

Em alguma hora não marcada, na calada da noite, eu finalmente adormeci amaldiçoando os dois homens.

Com a luz do sol entrando no quarto e a batida profissional de alguém contra a porta do quarto, acordei na manhã seguinte com uma boceta dolorida de necessidade.

Cautelosamente, consegui me sentar, gritando enquanto o fazia.

— Entre.

Beckett entrou carregando uma bandeja de café da manhã com suco e torrada coberta com manteiga e um ovo frito, três fatias de bacon crocante em uma fileira ao lado. Como eu, Beckett usava um manto, apenas o dele era preto e mais curto, com calças combinando agarradas a sua bunda musculosa e coxas.

Ignorando-o, entrei com muito cuidado no banheiro. Com meus braços e coxas tremendo, retirei a esfera enquanto me sentava no vaso sanitário. Terminado, eu deslizei a esfera de volta para dentro, mordendo um gemido enquanto me movia para a pia e lavei minhas mãos.

Eu não sabia qual era o plano deles para o dia, mas reconheci que eles já me tinham em terrível desvantagem.

Com o rosto congelado em uma máscara carrancuda, voltei para o quarto para encontrar Beckett voltando com minha bagagem. Ele o colocou perto da porta, abriu o bolso lateral e tirou o envelope que eu tentei entregar a ele na mansão Bodega Bay.

— Coma — disse ele. — Isso não é uma sugestão, baby.

Com os olhos colados no envelope lacrado, mordisquei a torrada. Assim que dei minha primeira mordida no bacon, Beckett começou seu discurso de vendas.

— O que estamos prestes a propor a você, o que estamos pedindo de você,

não é convencional dizer pelo menos.

— Você — interrompi, o detalhe semântico significativo na minha opinião. — No que me diz respeito, você é o único em qualquer posição para fazer qualquer tipo de pergunta, convencional ou não. Jace era um estranho para mim na semana passada.

Meu ponto foi sutil, mas firme. Nada mais de duplas na frente de explicações.

Ele inclinou a cabeça, reconhecendo meu ponto sem admitir.

— Ele e eu levamos vidas cheias de intrusões. Todos os dias Jace está residindo na ilha, há paparazzi alugando barcos e apontando suas câmeras para sua parte da praia. Outros se escondem nos arbustos com o mesmo propósito.

Eu concordei. Apesar de ter Jace dentro de mim nas versões em carne e látex, eu sabia mais sobre ele pelos tabloides e Wikipedia do que qualquer outra coisa.

Meu conhecimento de Beckett parecia apenas um pouco mais informado.

— Temos que fazer aparições públicas — continuou ele. — Nós as faremos sozinhos ou com você em nosso braço.

Eu respirei fundo com o que ele estava sugerindo.

— Você quer dizer nós três em público?

— Às vezes — ele concordou. —, mas com mais frequência você participará de um evento com apenas um de nós. Você passará uma ou duas semanas comigo, então a mesma quantidade de tempo com Jace. Quando os horários permitirem, nós três estaremos sob o mesmo teto.

Meu cérebro não estava processando metade do que ele estava dizendo.

— Como é que eu vou fazer algum trabalho?

— Seu pacote de indenização garante que você não precisará trabalhar.

Larguei minha torrada no prato, os dedos dormentes com o que estava ouvindo.

— Você está me demitindo?

Sua cabeça se moveu em um ângulo estranho, não um aceno, mas alguns deslizando entre eles.

— Estou te indenizando.

Eu engoli o suco de laranja, parte de mim desejando que tivesse sido temperado com vodca. Se alguma vez houve um dia para ficar bêbada, eu o estava vivendo naquele momento.

— Você quer dizer que você está me comprando.

— Não — ele respondeu bruscamente. — Eu nunca faria isso com você ou com ninguém. Você recebe o dinheiro e uma referência esterlina, independentemente do que escolher.

Eu deixei tudo afundar por um momento antes de assentir.

— Então, este pacote de indenização seria?

— Dois vírgula sete milhões. Uma não concorrência de três anos seria necessária, é claro, junto com um acordo de não divulgação padrão no qual você será proibida de discutir qualquer coisa profissional ou pessoal.

Eu fiquei boquiaberta com ele em descrença.

Um NDA padrão para evitar que eu revelasse segredos da empresa era um dado adquirido, mas ele realmente acha que eu diria uma palavra sobre isso para alguém?

Sério, quem em sã consciência iria acreditar que dois homens como Beckett e Jace iriam me querer? A dissonância cognitiva criada pela mera sugestão de até mesmo um deles estar romanticamente ligado à assistente exageradamente gorda e glorificado de Beckett desencadearia um aneurisma em massa entre a multidão da Trash TV. Donas de casa e colegiais estariam caindo como moscas pela América.

Com esse pensamento, meu apetite foi de mínimo a inexistente. Eu apontei um dedo para o envelope grosso.

— Então é isso? Meu acordo de rescisão com seus advogados?

Beckett respondeu com uma sacudida sinistra de sua cabeça. Colocando a mão no bolso do robe, ele tirou uma caneta de prata e usou sua ponta para abrir o envelope lacrado. Ele arrancou os papéis e os entregou para mim. Apenas o leve tremor percorrendo sua mão indicava que ele não estava tão calmo e distante quanto parecia.

Vendo algumas frases bastante explícitas quando folheei as páginas rapidamente, quase engasguei com o pouco que comi de torradas e ovos.

Todo o ar a caminho dos meus pulmões ficou preso na minha garganta quando percebi o que estava olhando.

Um contrato.

Eu olhei do papel para Beckett. A máscara de negociação havia se colado firmemente em seu rosto bonito, o tremor em sua mão vencido. Ele mantinha o corpo reto, a postura imaculada e imóvel como um bloco de concreto.

Meu olhar voltou para o papel, o primeiro parágrafo nadando dentro e fora de vista. Eles estavam falando sobre algo que era pouco mais do que baunilha com um toque de pimenta? Como aquele filme que circulou há alguns anos e fez com que donas de casa saíssem correndo e comprassem algemas?

Não, não Beckett. Ele não era um seguidor. Ele não brincava levianamente em nenhum aspecto de sua vida.

Eu tinha a sensação de que Jace era o mesmo.

Sua reputação em Hollywood era a de um verdadeiro audacioso, sem

barreiras, fazendo todas as suas próprias acrobacias, a menos que a seguradora ameaçasse retirar a apólice do estúdio. E quando ele não estava aterrorizando seu agente e todos no set, era bem conhecido pela mídia que ele fazia coisas ainda mais loucas na vida real, como pular de penhascos altos para pegar e andar de correntes de ar.

Se Beckett e Jace gostavam de todas as coisas como o herói naquele filme, isso significa que eles não entraram com um pau duro e uma mão macia.

Da minha parte, simplesmente não entendi todo o conceito. Como um homem que ama uma mulher exige todas essas coisas dela? Colocar parâmetros em seus momentos íntimos juntos?

Eu simplesmente não era mundana o suficiente para compreender tudo isso completamente?

Eu estava me assustando com coisas que possivelmente nem estavam no contrato?

Fechando meus olhos, deixei a pilha de papéis descansar no meu colo.

— Você tem que ler, amor, a menos que não tenha intenção de assiná-lo.

AMOR.

Por que ele continuava jogando aquele tijolo de chumbo em mim? Um homem que amava uma mulher realmente queria compartilhá-la com outro homem, não apenas ocasionalmente, mas em bases iguais?

Passei as primeiras duas páginas, pulando para onde o contrato se tornava mais detalhado. E ainda mais confuso.

Seríamos um casal privado e público... mas com três pessoas.

Como isso funcionaria?

Mesmo se isso fosse algo que eu pudesse fazer, eu não acho que poderia enfrentar o público curioso uma vez que as escolhas de estilo de vida de Beckett e Jace surgissem. Quantas estrelinhas e supermodelos, pensando que qualquer um dos homens estava fora do mercado, decidiria que ela não tinha mais nada a perder revelando seus hábitos sexuais?

— Quantas mulheres vocês dois... — Olhando para ele, vacilei, deixando a pergunta inacabada porque não conseguia olhar para seu rosto ilegível pelo qual me apaixonei tanto e continuar falando.

Eu balancei minha cabeça resolutamente no meio da frase, dizendo a ambos que eu não queria terminar minha pergunta, e que definitivamente não queria ouvir sua resposta.

Quaisquer que fossem as escolhas que fizesse eram minhas e apenas minhas, eu só precisava levar em consideração meus próprios pensamentos sobre o assunto, detalhe por detalhe. Se eu concordar com qualquer um dos termos deste contrato não era a decisão a ser tomada neste momento específico.

Tinha de decidir primeiro se ia ler ou sair sem ler. Decidir se eu realmente queria um contrato em qualquer coisa que fosse entre nós três.

A consequência de não ter lido nada era a minha perda imediata de Beckett. Aqui e agora.

Eu olhei para ele, sem saber o que pensar.

Se a história fosse alguma indicação, claramente, eu era uma péssima juíza do que quer que estivesse acontecendo naquela cabeça dele, quanto mais em seu coração.

Já era ruim o suficiente que eu não pudesse lê-lo, mas não conhecer minha própria mente sobre tudo isso era simplesmente enlouquecedor.

Ele não estaria me entregando o contrato se não quisesse que eu o assinasse. Certo?

Não. Eu me lembrei com força de que os únicos fatores que deveria considerar aqui eram o que estava em minha mente, no meu próprio coração.

Parando para me recompor, tomei minha decisão e fechei o contrato.

Em seguida, abri a primeira página para que pudesse lê-la integralmente desde o início.

Prendi a respiração de parágrafo em parágrafo. As palavras começaram a nadar na minha frente, mas eu fiz isso até o fim. Coloquei o contrato na cama e puxei minhas mãos para perto do meu corpo.

Eu não tinha um quadro de referência para o que eles queriam, nem sequer fantasiei sobre ser sexualmente aventureira. Ao todo, eu vivi minha vida até este ponto sendo a própria definição de baunilha.

— Não queremos que você assine ainda — disse Beckett depois que alguns minutos se passaram comigo não lendo mais o contrato, apenas sentada a um braço de distância dele em silêncio. — Eu trouxe você aqui para um teste, para lhe dar uma chance de experimentar o que precisamos de você e o que podemos lhe dar em troca.

Ele se levantou, suas mãos se endireitando distraidamente nos painéis frontais de seu robe. Era um dos poucos tiques que Beckett tinha. Eu o tinha visto fazer a mesma coisa em seu paletó de negócios antes de se encontrar com um dos sindicatos que estava tentando agarrar a empresa pelas bolas e apertar tudo o que pudesse.

Beckett estava nervoso, talvez até tão nervoso quanto eu.

Acenando com a cabeça para a porta que levava ao armário espaçoso, ele se aproximou e abriu. Ele acenou com a cabeça novamente, desta vez indicando um painel espelhado.

— Estaremos esperando, do outro lado. Há um carro com motorista estacionado na frente se não for isso que você quer. De qualquer forma, você não

precisa se preocupar com o trabalho.

Com isso, ele entrou no armário e aplicou pressão em um lado do espelho. O painel empurrou para dentro e ele desapareceu, deixando-me sozinha para tomar minha decisão.

Outra bifurcação na estrada.

Era hora de foder ou sair de cima.

Pegando o contrato, virei para a página com os protocolos da palavra de segurança.

Beckett disse que eu estava no comando na noite anterior. Os termos em preto e branco do contrato tentaram me assegurar ainda mais de que eu também estava. Beckett e Jace escolheriam os métodos em que iriam ultrapassar meus limites, testar meus limites, mas eu escolheria se concordaria ou não para começar e quando parar, se quisesse.

Tudo exigia uma confiança que eu definitivamente tinha em Beckett, mas não conhecia Jace o suficiente para decidir de uma forma ou de outra. Eu estaria mentindo se dissesse que não estava atraída pelo ator.

Como Beckett, havia algo selvagem e astuto nele. Problemas — questões profundas — se escondiam sob aquela bela máscara.

Separado de tudo isso, porém, este contrato exigia que eu possuísse um nível de confiança em mim mesma para não deixar as coisas progredirem além dos meus limites, para não deixar que seus desejos eclipsassem os meus.

Eu poderia fazer isso? Dar controle total a esses dois homens enquanto ainda mantenho minha mente e meu coração? Eu seria capaz de dizer “não” e não temer perder Beckett por me perder?

Subindo com as pernas trêmulas, o orbe de cristal ainda dentro de mim e a concha prateada em meu clitóris, cruzei meu quarto e entrei no armário, empurrando levemente o painel espelhado para fazer a primeira escolha que eu precisava fazer esta noite.

Capítulo Dezoito

A música estava tocando quando os encontrei novamente, o volume baixo, mas a batida pesada da bateria permeando a sala branca em que me encontrava. Sem palavras para a música, apenas instrumentos, o som vibrando nas solas dos meus pés.

Ambos estavam com o peito nu, suas vestes arrancadas. Jace estava com uma boxer preta de seda e Beckett ainda usava a calça preta justa que ele usava enquanto me servia uma torrada e os termos da minha rendição no quarto de hóspedes.

Nenhum deles se moveu. Eles permaneceram imóveis, como caçadores quando uma corça desce ao lago para um gole pouco antes do crepúsculo, nunca suspeitando que ela está na mira de dois predadores poderosos.

Engolindo o nó que imediatamente se formou na minha garganta, estudei a mobília e o equipamento da sala. Além do preto que ambos os homens usavam, não havia uma única cor visível além do branco e cromado. Paredes brancas, móveis de couro branco, armários brancos e gavetas embutidas.

O cromo estava no equipamento. Bancos estranhos, um X gigante como o que eu tinha visto na mansão em Bodega Bay, algum tipo de dispositivo que parecia que deveria estar em um hospital, tubos saindo de copos de borracha e desaparecendo nas entranhas de metal da máquina.

Jace se separou de Beckett e se aproximou do centro de uma parede. Ele estendeu a mão, fechando a mão em torno de uma moldura branca com uma tela branca. Eu o havia catalogado mentalmente, sua ironia abstrata registrando vagamente. Tela branca, moldura branca, parede branca.

Jace virou o quadro, a frente da tela se tornando a parte de trás. Alguém pintou uma mulher de cabelos vermelhos. O estilo lembrava os retratos de

Chernokovsky de Beckett, mas muito moderno, com diferenças visíveis na execução apenas o suficiente para que até um novato como eu poderia dizer que eles foram feitos por uma mão diferente.

Olhei para a parede oposta, onde outra tela branco sobre branco esperava. Beckett inverteu. Outra mulher ruiva. Eu fechei meus olhos. Entre o branco quase infinito e a tensão que eu sentia, era difícil me concentrar na sala.

Eu podia olhar para a mulher, mas não conseguia realmente "vê-la."

Aproximando-se de lados opostos, Beckett e Jace me alcançaram ao mesmo tempo. Eles me guiaram primeiro para a pintura de Beckett. A mão de Jace enrolou no meu cabelo para me forçar gentilmente a olhar para cima.

Eu... eu estava olhando para mim mesma.

Cabelo grande e castanho avermelhado, seios e quadris transbordando. Gabby, a Devassa, amarrada ao X branco e cromado, listras rosa de penitência em minhas coxas e seios, minha boca frouxa, minha boceta brilhando de necessidade, meus lábios inchados e fazendo beicinho para que se projetassem além do véu protetor de cabelo.

Eles me levaram para a outra parede, ambos parados atrás de mim enquanto eu voluntariamente olhei para cima desta vez. Nesta pintura, o tema reclinado em um divã, uma mão acariciando um vibrador dourado enquanto a outra brincava com um pau combinando bem no fundo de sua vagina. Sua cabeça estava jogada para trás, arqueando sua coluna, empurrando seus seios para cima.

Eu não podia perder a semelhança do rosto dela com o meu. Não na expressão que ela usava ou na necessidade luxuriosa, mas nos marcos anatômicos, a boca pequena, o espaçamento dos olhos, a curva de suas sobrancelhas.

Beckett e Jace encheram seu quarto com todos esses móveis e dispositivos e duas fotos minhas, cada uma retratando meu corpo travado em liberação.

Abaixo da imagem que Jace havia virado, havia gavetas embutidas na parede. Ele abriu o de cima. Minha respiração ficou presa na garganta enquanto eu olhava para a fileira de acessórios sexuais. Os vibradores, os chicotes e as varinhas de madeira para golpes eram os mais fáceis de entender. Outros itens que eu adivinhei, como grampos para meus mamilos ou clitóris e a fileira de quatro formas elásticas em tamanhos progressivos e em forma quase como gotas de lágrima que eu supus serem feitas para aquele outro buraco.

Beckett envolveu suas mãos em volta dos meus ombros, seu corpo aquecendo minhas costas enquanto ele se inclinava e sussurrava.

— Se você vai ficar, amor, você precisa de uma palavra de segurança.

Era a palavra de segurança que me tornava, em última análise, responsável por tudo o que poderia acontecer nesta sala com esses dois homens.

Olhei para a foto feita no estilo de Chernokovsky, rejeitando rapidamente o nome do artista. O cabelo castanho avermelhado ainda estava mais próximo da canela do que da minha própria coloração avermelhada, então “canela” também não combinava comigo.

Virando-me nos braços de Beckett, olhei para ele. Não conseguia pensar em uma palavra de segurança. Suspeitei que o motivo era porque não conseguia me imaginar nesta sala, em uma das peças do equipamento, com eles fazendo qualquer uma das coisas que o contrato havia me alertado.

— Shh... — Beckett me acalmou, puxando-me para seu peito e acariciando meu cabelo enquanto eu fechava meus olhos contra todas as lágrimas que ameaçavam derramar. — Está tudo bem, menina. Tudo para agora. Vou levá-la de volta ao quarto de hóspedes.

Ele tentou me virar, me afastar dessa parte profunda e íntima de sua vida. Eu congelei, cedendo contra ele, as mãos agarrando seus flancos magros. Abrindo meus olhos, eu vi a outra imagem, aquela que Beckett tinha virado. Mesmo artista, mesmo estilo imitado, mas um detalhe crucial que não foi registrado quando eu olhei para ele pela primeira vez.

Enterradas ao fundo estavam peônias de um rosa pálido em uma jarra de leite branco. Ao vê-los, pressionei meus dedos curvados contra minha boca, tudo se fechando dentro de mim com indecisão.

— Deixe-me levá-la ao quarto de hóspedes — repetiu Beckett.

— Peônia — eu sussurrei.

— O quê?

Beckett não ouviu ou não entendeu, mas Jace sim.

— Peônia — ele repetiu, gentilmente me extraindo do abraço de Beckett. — Essa é a palavra de segurança dela.

Beckett não respondeu. Seu nebuloso olhar cinza olhou para mim, procurando e incerto. Eu balancei a cabeça, deixei que ele fizesse o que quisesse com o gesto, então desviei meus olhos para não perder a coragem olhando para ele.

Na semana passada, um mês ou um ano atrás, ingenuamente pensei que o entendia. Eu sabia então, de pé em seu quarto secreto, que eu não conhecia Beckett de forma alguma, apenas que eu queria.

— Você está indo muito bem, menina — Jace disse enquanto me guiava em direção a um equipamento que era um híbrido de um banco meio elevado e meia escada, uma cesta de arame branco pendurada de um lado cheia de lubrificante, preservativos e luvas azuis que me lembravam desagradavelmente de visitas ao meu ginecologista.

Jace me falou sobre a colocação do meu corpo, meus seios pesados

pendurados entre as duas ripas acolchoadas no banco, a primeira ripa larga o suficiente para caber na parte inferior do meu torso, a outra ripa terminando mesmo na minha clavícula, me forçando a suportar o peso da minha cabeça.

Caminhando até a frente do equipamento, ele me mostrou que as alças abririam com bastante puxão, então ele prendeu meus pulsos ao lado do banco. Movendo-se atrás de mim, onde eu não podia mais assistir o que ele estava fazendo, ele guiou minhas pernas em uma postura mais ampla que expôs minha boceta e o enrugamento nervoso da minha bunda. Quando ele me teve exatamente como queria, ele colocou alças em volta dos meus tornozelos para me manter no lugar.

— A noite toda? — ele perguntou, seus dedos puxando a corrente conectando a orbe azul dentro de mim à concha que circundava meu clitóris.

— Sim — eu disse asperamente, meu corpo respondendo aos pequenos puxões produzidos por ele brincar com a corrente.

— E você não brincou consigo mesma?

— Não — eu gemi quando ele empurrou um dedo dentro da minha boceta e deslizou a esfera ao redor.

— Você queria.

— Sim — admiti com uma corrente de ar quente enquanto ele removia a bola de vidro.

Beckett ficou para trás enquanto Jace me prendia ao equipamento. Eu estava vagamente ciente do que ele estava fazendo, o deslizar das gavetas apenas audível sobre a música da bateria que continuava a tocar, sua batida e insistência assumindo uma qualidade construtiva de transe.

Simplificando, ele estava selecionando as coisas que os dois usariam para me reivindicar, assumir o controle total do meu corpo e do meu prazer. Sentindo sua abordagem pela repentina quietude em Jace, eu fiquei tensa.

Quando Beckett parou na minha frente, meus ombros estremeceram. Ele não apenas agarrou o segundo menor dos plugues anais e um chicote de cauda curta, ele também tirou as calças.

Atrás de mim, ouvi Jace fazer o mesmo.

— Aqui — disse Beckett, estendendo a mão que segurava o plug.

Jace aceitou a oferta com um grunhido satisfeito, em seguida, colocou-o contra a parte inferior das minhas costas antes de alcançar a cesta presa ao lado do banco estranho no qual eu descansei com o estômago para baixo. Um pequeno frasco de lubrificante juntou-se ao peso do plug ao longo da minha espinha e então ouvi o estalo das luvas de nitrilo quando ele colocou uma.

Eu exalei, o ar me deixando em pedaços nervosos.

Beckett se ajoelhou no degrau na minha frente. Ele roçou a parte de trás de

um dedo contra minha bochecha enquanto olhava nos meus olhos.

— Você entende que não vamos parar só porque você diz “não” ou “Por favor” ou algo assim?

Eu concordei.

— Eu tenho que dizer peônia.

— Exatamente — disse ele, colocando meu rosto ao longo da minha mandíbula inferior.

A música começou a pular. Beckett roçou seus lábios suavemente contra os meus em um beijo fugaz, então se levantou e caminhou até o jogador.

Inclinando-se sobre meu ombro, Jace sussurrou em meu ouvido,

— Não se preocupe, baby, é a mim que ele vai deixar se você usar sua palavra de segurança. Não você.

Capítulo Dezenove

O sussurro de Jace carregava uma dor visceral, muito crua com ele. Meus olhos embaçaram imediatamente. Ele estava agindo ou ele genuinamente, talvez erroneamente, acreditava que Beckett se importava comigo profundamente.

Só o tempo diria se ele estava certo ou errado. Mas escolhi ficar e descobrir.

Beckett voltou após consertar o reprodutor de música assim que Jace esguichou lubrificante em sua mão. Eu apertei meus lábios, meu corpo inteiro tenso em antecipação ao que Jace estava prestes a fazer.

Um dedo, frio e escorregadio, tocou contra o vinco da minha bunda, primeiro circulando seu perímetro antes de empurrar. Ajoelhando, Beckett colocou seu rosto junto ao meu, suas mãos massageando meus ombros tensos.

— É melhor se você relaxar, você pode fazer isso?

Não tenho certeza de como seria capaz de “relaxar” esta noite, mas faria o meu melhor.

— Vou tentar.

Beckett sorriu e beijou suavemente na minha orelha antes de subir no degrau, seu pau nivelado com a linha da minha boca.

Ele não se moveu, contentando-se em acariciar o lado da minha cabeça enquanto Jace terminava de lubrificar o plug e começou a inserir a ponta lisa na minha bunda.

Outra respiração pesada, longa e intermitente, me deixou. Quando terminei, senti a base maior do plug encostada na minha entrada.

Jace tirou a luva e usou seus dedos nus para lubrificar minha boceta.

— Você viu que havia quatro plugs? — Beckett perguntou, Jace rindo antes que eu pudesse responder.

— Sim — eu resmunguei. O tamanho do terceiro e do quarto plugues me deixou desconfortável, o quarto e maior quase me assustou.

— Pretendemos treiná-la — explicou Beckett, seus dedos agora acariciando a linha dos meus lábios.

— Isso é sério pra caralho. Vamos fazer isso — Jace concordou antes de pressionar um longo beijo contra minhas costas, suas mãos apertando os globos da minha bunda. — Após o quarto plug, nós treinaremos você com meu pau.

Isso deveria ser a última coisa que eu queria ouvir, mas minha boceta se contraiu agradavelmente com o pensamento de ambos em mim, cada um preenchendo um buraco separado com seus pênis.

Meus lábios se separaram com a antecipação de viver tudo isso. Beckett deslizou seus dedos ao mesmo tempo em que Jace agarrou meus quadris e pressionou a grossa coroa de seu pau na frente da minha boceta. Puxando minha mandíbula, Beckett me persuadiu a aceitar a ponta de seu pênis contra meus lábios.

Eu gemi, meus dedos dançando em desafio às restrições que me impediam de alcançar e envolver minhas mãos em torno do eixo de Beckett, puxando-o mais fundo antes de segurar suas bolas.

— Porra, amor — ele murmurou enquanto eu chupava toda a minha cabeça. — Sua boca é tão doce.

— É tudo doce — Jace gemeu enquanto empurrava mais fundo em mim. — A noite inteira com a orbe dentro dela...

Ele parou, as pontas dos dedos cravando em minha carne.

— Uma boceta tão perfeita, menina.

Com meu corpo já cansado da posição contida, comecei a tremer. Minha boceta estremeceu em torno do eixo grosso de Jace enquanto ele o enterrava dentro de mim, os músculos tensos de seu estômago pressionando a base do plug e fazendo com que o brinquedo se movesse e se mexesse. Chupei mais forte em Beckett, um gemido ecoando pela minha boca. Suas mãos agarraram meu cabelo, os dedos se enroscando nele enquanto suas costas arqueavam e seu pau empurrava para frente.

Parei de me preocupar com todas as coisas na sala, os brinquedos, os equipamentos, o açoite que esperava ao alcance do braço de Beckett. Eu esqueci de tudo, exceto pelos dois homens me enchendo em cada extremidade, fodendo boca, boceta e cu, ambos começando a moer de forma que tudo que eu podia fazer era gemer e choramingar em torno do pau firme perfurando implacavelmente na parte de trás do minha garganta.

Jace começou a empurrar, o banco quicando levemente cada vez que seu corpo batia contra minha bunda. Beckett puxou para fora, sua coroa pingando

com pré-gozo que ele lustrou em meus lábios.

Rosnando, Jace parou. Sua mão bateu com força na minha bunda. Minha boceta enrolou em torno dele, minha bunda em torno do plug. Eu choraminguei um grito dolorido de necessidade.

— Resposta perfeita — Jace disse, retirando-se. — É hora de aquecer essa linda bunda e coxas.

Eu não entendi o que ele quis dizer. Minha carne já estava quente de excitação. Então Beckett alcançou o chicote, apagando minha confusão e substituindo-o por uma apreensão trêmula.

— Não se preocupe, baby — Jace confortou, se abaixando ao meu lado. — Ele não vai deixar uma marca em sua linda pele.

Suas mãos se moveram sob o banco enquanto ele me tranquilizava. Em cada lado da lacuna entre as ripas havia duas peças planas de metal. Ao vê-las quando me posicionei antes, pensei que eram meramente decorativas. Jace começou a girar em uma maçaneta e eu percebi que seu verdadeiro propósito era como um torno plano para apertar meus seios.

Eu gemi, minha cabeça caindo para baixo. Meus seios já estavam inchados de excitação e o peso deles nesta posição enquanto o sangue fluía para as pontas e a gravidade tentava mantê-lo ali.

Agora Jace estava restringindo ainda mais a capacidade do sangue de fluir de volta para o meu torso.

— Esses pequenos botões de rosa — disse ele, rolando um mamilo entre o polegar e o indicador. — Eles vão ficar muito sensíveis no início. — Eu empurrei quando ele beliscou levemente. — Depois entorpecidos. — Seu corpo mergulhou quando ele alcançou o outro seio e sua ponta inchada. Ele pressionou seus lábios contra minha orelha, mordeu uma vez e torceu o mamilo. — Mas o prazer mais intenso virá quando sangue fresco e quente começar a fluir de volta para eles.

Beckett passou a mão ao longo da curva do meu traseiro. Arremessando-se para baixo, ele encontrou a esfera azul pendurada em sua corrente. Ele trouxe para minha boceta bem lubrificada e delicadamente enfiou dentro.

Um arrepio de prazer percorreu meu corpo, me fazendo gemer.

— Estou começando agora, amor — disse Beckett, de pé atrás de mim, as restrições em meus braços e pernas tornando impossível obter mais do que uma visão estreita e lateral dele. — Você precisa aprender a relaxar, controlar sua respiração, exalando nas batidas.

Eu balancei a cabeça, minha garganta muito apertada para dizer qualquer coisa com o pensamento dele me “batendo.” Eu não percebi que minha próxima inspiração foi seu sinal para trazer o açoite para baixo em minha carne nua.

Quando a cauda bateu, o ar saiu de mim com surpresa.

Boceta e cu se contraíram em torno dos brinquedos que os preenchiam. Eu tive um espasmo, a picada das caudas desaparecendo quando o plug e a orbe se moveram dentro de mim e um novo prazer surgiu na minha boceta.

— Inspire, baby — Jace treinou, dando a volta para ficar na minha frente.

Eu estava prendendo a respiração, não tinha nada para expirar quando o açoite me atingiu novamente. Eu suguei o ar, Jace me corrigindo mais uma vez.

— Lentamente. É para ser uma respiração relaxante.

Meus lábios tremeram. Não havia nada relaxante em ter caudas de couro amarradas em suas pontas batendo contra a pele de alguém, mesmo se eu soubesse que Beckett era capaz de golpear muito mais forte do que os dois primeiros golpes que pousaram contra minha carne. Jace ergueu a mão, impedindo o terceiro golpe de Beckett.

Curvando-se para que seu rosto ficasse nivelado com o meu, Jace sustentou meu olhar.

— Respire comigo.

Ele respirou fundo, eu segui o exemplo. Ele exalou. Eu também. Ele repetiu o processo, eu o seguindo até que estivéssemos sincronizados e houvesse um ritmo fácil. Sua mão, mantida no alto o tempo todo, caiu antes de eu exalar novamente.

O chicote atingiu com a mesma força de antes. Continuei respirando com o ritmo que havia estabelecido com Jace me treinando. Beckett seguiu o padrão, minha bunda e a parte de trás das minhas coxas ficando quentes com seus esforços.

Eu ainda apertava levemente a cada golpe, boceta e bunda sugando os brinquedos nelas cada vez que meus músculos se contraíam. Comecei a gemer a cada expiração, meu monte gordo rangendo na borda acolchoada do banco.

Os golpes acertaram mais rapidamente para combinar com minha respiração acelerada. Jace empurrou um polegar em minha boca em cada canto, suas palavras de alguma forma penetrando a névoa de necessidade que cobria minha mente.

— Você precisa aprender a manter sua mandíbula relaxada quando for açoitada ou espancada.

Eu balancei a cabeça e a próxima queda das caudas contra minha carne sensível e dolorida me mostrou que as palmadas anteriores tinham sido um leve aquecimento. Buceta e bunda apertaram e enrolaram, mas eu forcei minha boca a ficar aberta e aceitando, imaginando o pênis, ou melhor, pênis, eu queria estar enchendo-o.

Meu corpo estremeceu. Partes de mim estavam ficando dormentes. Meus

seios como Jace tinha avisado, e as pontas dos meus dedos das mãos e dos pés, mas meu núcleo estava vivo, sugando tudo e qualquer coisa que preenchesse um dos meus buracos, minha carne inchada e queimando.

— Espere — Jace chamou, Beckett parando no meio do ataque.

Jace se moveu para o meu lado enquanto Beckett começou a massagear suavemente meu traseiro e a parte de trás das minhas coxas, acalmando a carne que parecia empolada pela força de seus golpes.

Jace desatarraxou as barras apertando meus seios e riu.

— Eu acho que ela merece uma recompensa.

Eu merecia um orgasmo, eu gritei dentro da minha cabeça, minha boceta e bunda ainda trabalhando nos brinquedos enterrados dentro de mim, meu corpo travado em um espasmo incontrolável de dor e necessidade que exigia apenas a mais nua provocação para me enviar além do limite para uma resistência, o clímax gritando.

Jace se afastou, o som das gavetas me dizendo onde ele tinha ido quando Beckett entrou na minha frente, seu pau duro desejando minha boca. Ele segurou a parte inferior do meu queixo, segurando minha cabeça enquanto meus lábios se separaram.

Eu podia sentir o gosto das gotas de pré-sêmen que pontilhavam sua coroa, saboreei-as na minha língua quando ele começou a empurrar suavemente para dentro e para fora.

Jace voltou. De joelhos ao meu lado, ele simultaneamente me provocou com puxões suaves no meu mamilo e uma foda lenta do plug na minha bunda.

— Gentilmente, garotinha — Jace persuadiu enquanto minha mandíbula começou a ficar tensa. — Você não gostaria de machucar um de nós quando estamos lhe dando tanto prazer.

Meus lábios tremeram em torno do pau de Beckett enquanto a pressão dentro da minha boceta aumentava cada vez mais.

— Ela precisa gozar — disse Beckett, as mãos inquietamente acariciando meu rosto enquanto ele lutava para não aprofundar seus impulsos e me sufocar.

— Não aqui — Jace respondeu. Ele desamarrou as tiras do seu lado, em seguida, deu a volta e desfez o resto delas enquanto Beckett cuidadosamente se retirava da minha boca.

Com um amante de cada lado meu, eles me ajudaram a ficar de pé, minhas pernas de borracha depois de manter a postura curvada e aberta por tanto tempo. Sua força excedendo meu tamanho, eles me levantaram, cruzando os braços nas minhas costas e embaixo do meu traseiro.

Eles me colocaram em uma espreguiçadeira estranhamente curva e sem braços. Beckett deslizou atrás de mim, nossos corpos em concha onde a coluna

curva da espreguiçadeira mergulhou quase até o chão.

Jace se sentou na última saliência, suas mãos alcançando entre minhas pernas para roubar minha boceta do orbe de vidro e remover a pequena concha do mar em meu clitóris.

O plug permaneceu dentro de mim.

Envolvendo seus braços sob os meus e sob meus seios, Beckett levantou meu corpo apenas o suficiente para que seu pau pudesse pular para frente, a cabeça pressionando minha boceta, antes de me abaixar no comprimento longo e grosso de sua ereção.

Eu gemi, minha boceta finalmente preenchida com a única coisa que ela mais desejou durante toda a semana.

— Não se movam ainda — Jace avisou. — Nenhum dos dois.

Beckett bufou, mas se contentou em agarrar meu cabelo e inclinar minha cabeça para o lado o suficiente para que ele pudesse chupar meu pescoço. Jace chupou também, suas mãos e lábios cuidando dos meus seios agora que as sensações estavam voltando para eles.

Solucei uma mistura de prazer e dor enquanto sua boca se fechava em torno de um mamilo tumescente. Os primeiros segundos dele rolando a ponta com a língua foram preenchidos mais com dor do que prazer, mas então ele se inclinou para frente, seus músculos fortes equilibrando perfeitamente seu corpo para que seu pau duro esfregasse meu clitóris.

Suas mãos envolveram as bordas da espreguiçadeira e todos nós começamos a balançar, Beckett dentro de mim e roendo levemente meu pescoço enquanto Jace chupava e massageava meus seios, seu eixo empurrando implacavelmente para cima e para baixo na espinha do meu sexo.

Eu agarrei os quadris de Jace, então sua bunda musculosa, minhas unhas cavando na carne enquanto o balanço se transformava em um movimento para frente e para trás com a intenção de me transformar em pó.

— Queremos que você voe, amor — Beckett sussurrou em meu ouvido enquanto Jace telegrafava o mesmo desejo através de seu olhar verde menta.

— Queremos tirar tudo o que disseram que você tinha que ser, para que possa descobrir quem você realmente é.

Naquele momento, eu era uma boceta dolorida e necessitada, meus músculos girando e enrolando em torno de seu pênis, o esfíncter da minha bunda ainda apertando avidamente no plug, enquanto Jace esfregava mais e mais contra meu clitóris com seu pau grande.

Eu estava bem com isso, mais do que bem. Eu estava eufórica.

Juntos, meus amantes me arremessaram em direção ao meu clímax, Beckett sugando a pele sensível da minha garganta enquanto Jace roçava seus dentes

rudemente sobre a ponta ainda inchada do meu seio. Eu moldei minha mão ao redor do pau de Jace, apertei e bombeei em uma imitação áspera do que meus músculos estavam fazendo com Beckett enquanto ele empurrava mais e mais fundo dentro de mim.

Eu gemi, rangi os dentes e mordi meu lábio enquanto pairava por uma eternidade no limite da minha explosão. Quando eu gozei, ele varreu através de nós três, Beckett e Jace apreendidos, pênis pulando, um dentro de mim e o outro contra meu estômago, suas liberações enchendo minha boceta e cobrindo meu estômago.

Com os olhos vidrados, Jace rolou para o chão, suas costas apoiadas no mármore frio, seu corpo esticado. Tão em forma como ele claramente estava, ele lutou para recuperar o fôlego.

Todos nós gostamos.

Obriguei-me a sentar, velhas inseguranças momentaneamente ressurgindo quando percebi que devo estar esmagando Beckett.

Ele se moveu comigo, seus braços circundando meu torso para segurar suavemente meus seios enquanto ele beijava meu ombro. Com seu pé, ele cutucou levemente o quadril de Jace.

Olhando para nós, Jace sorriu, o sorriso tão amplo e satisfeito que eu poderia ter contado cada dente perfeitamente polido que enchia sua boca.

Outro segundo se passou e então Jace se levantou. Cuidadosamente, ele extraiu o plug de mim antes de desaparecer além da única outra porta do quarto.

Retornando, ele estendeu a mão. Levantei-me, Beckett seguindo logo atrás de mim, seus dedos enrolando em volta dos meus quadris enquanto nós três cruzávamos a sala juntos, passávamos pelo armário e entrávamos no quarto de hóspedes.

Eles me colocaram na cama, Jace descansando ao meu lado para massagear meus braços e pernas enquanto Beckett entrava no banheiro. Eu ouvi água correndo. Ele voltou alguns minutos depois com panos úmidos.

Ele passou um para Jace, em seguida, os dois começaram a esfregar o tecido quente e úmido contra a minha carne, começando pelos meus mamilos. Suas mãos se moveram para baixo, suas bocas protegendo meus seios para sugar suavemente em uníssono.

Quando as toalhas alcançaram o topo das minhas coxas, Beckett e Jace me persuadiram a abrir minhas pernas. Eles começaram a esfregar meu monte, suas mãos e lábios sincronizados e hipnotizantes.

O prazer tomou conta de mim, meus quadris começaram a dançar enquanto trabalhavam em massagear outro orgasmo para fora de mim. Jace esticou sua cabeça para cima, sua boca abandonando meus seios para reivindicar um beijo

longo e lento.

Com meu corpo subindo mais perto do clímax, Beckett cutucou a boca de Jace da minha, sua língua varrendo, enrolando e lambendo.

Suas mãos nunca paravam de se mover, esfregando a linha, mergulhando em direção ao meu centro, a pressão cada vez mais firme e implacável, repetidamente, para cima e para baixo, rasa e profunda.

Eu agarrei e então resisti, um grito raspando em minha língua antes de desmaiar.

Jace se afastou primeiro, seu olhar prendendo o de Beckett.

— Tudo o que você prometeu — disse ele ao se levantar.

Plantando um beijo final na minha bochecha para encerrar o encontro, Jace saiu da sala.

Beckett demorou apenas um pouco mais, tendo tempo para beijar suavemente minhas pálpebras até que elas ficaram muito pesadas com seu afeto para ficarem abertas. Pegando no sono, eu o senti saindo do quarto.

Minutos ou talvez até horas depois, abri meus olhos para me encontrar sozinha... e ainda não.

Eu senti a presença deles comigo, embora eles tivessem saído da sala.

Pela primeira vez, eu entendi o que Beckett quis dizer quando disse que Jace era uma parte de quem ele é.

Eles eram uma parte de mim agora. E eu queria que nós três tivéssemos um futuro. Juntos.

Na mesinha de cabeceira, o contrato e uma única caneta de prata esperavam. Pegando a caneta, passei para a página final. Lá, em traços ousados, eu vi que Beckett e Jace haviam assinado.

Faltava apenas uma assinatura.

A minha.

Sorrindo, eu acariciei a ponta da caneta ao longo da superfície lisa do papel, as curvas e os cachos lentamente moldando meu nome enquanto eu concordei em ser deles por um ano, todos nós jurando total exclusividade um ao outro.

Meu sorriso se alargou em um sorriso satisfeito, deixei cair a caneta de volta na mesa enquanto rolei em direção ao centro da cama e voltei a dormir, minha escolha feita finalmente, para melhor ou pior, como diz o ditado.

Eu estava colocando minha fé no melhor.

Epílogo #1

JACE

Um ano depois

— Está realmente feito? — eu questionei, meu cérebro não acreditando nos meus olhos enquanto virei um círculo lento no palco recém-construído.

— Claro — Beckett riu do meu tom cético de onde ele estava no fosso da orquestra, Gabby ao seu lado. — A gerente de projeto mais bonita do mundo disse que ela faria isso um mês antes da noite de estreia. Como você poderia ter duvidado dela?

Eu balancei minha cabeça e sorri para a nossa Garota em questão.

— Ele está certo; que diabos eu estava pensando. Eu confio em você desde o momento em que te vi na casa de Marushka. Isso é incrível, amor. Acima e além das minhas expectativas, de verdade.

O olhar de Gabby caiu quando um rubor de satisfação coloriu suas bochechas.

Caminhando para o borda do palco, eu pulei, fechei a distância entre nós e a envolvi em meus braços. Sem hesitar, ela se derreteu em meu abraço.

Olhando para os assentos da varanda do segundo andar no lado do beco do prédio, apontei para os quarenta assentos.

— Isso deveria ser onde nosso quarto era.

— Nossos e de dez outros meninos — Beckett concordou então apontou para o centro. — Chuveiros comunais ficavam ali.

— Porra, lembra como aquela água estava sempre fria? — eu perguntei, um arrepio carregado de memória passando por mim.

Gabby deve ter sentido porque esfregou minhas costas.

— Quanto tempo vocês ficaram aqui? — ela perguntou.

A tensão encheu meu estômago. Mesmo depois de um ano, e até onde chegamos, ainda era difícil falar com ela sobre tudo isso.

Beckett e eu fizemos questão de não olhar muito para trás, especialmente não nestes tempos. Nossas únicas boas lembranças do lugar, as únicas que não foram contaminadas por uma tragédia posterior, pelo menos, eram umas das outras.

— Eles pararam de tentar me colocar com pais adotivos quando eu tinha doze anos — respondi. — Eu envelheci aos dezoito anos. Boa coisa, também. O avô de Beckett tinha descoberto sobre ele, o que... três meses antes?

Eu olhei para Beckett para ver se eu tinha o prazo certo. Ele assentiu.

— Sim. Ele prontamente me empurrou para um internato por alguns anos antes de me apresentar ao mundo.

— E a primeira coisa que você fez quando tinha um pouco de dinheiro no bolso foi me localizar — falei gravemente, as emoções me atingindo com tanta força agora como naquele dia.

Olhei ao redor do novo e brilhante teatro.

— Para o bem ou para o mal, o terreno por trás de tudo isso é onde aprendemos a ser homens. A bater primeiro e bater com força. A trabalhar em equipe e cuidar uns dos outros porque ninguém mais faria. A não desistir, não se acomodar.

Uma fungada de Gabby me fez puxá-la para mais perto, beijando o topo de sua cabeça, em seguida, inclinando a cabeça para trás para um beijo mais íntimo contra sua boca delicada.

— Você transformou o lugar que abrigou alguns dos momentos mais difíceis de nossas vidas e o transformou em algo lindo, amor.

— E você — ela encostou a cabeça no meu peito — vai enchê-lo com algo especial.

Eu concordei. Esse era o plano, pelo menos. O prédio já havia sido abandonado e

condenado quando o compramos.

É claro que nós o destruímos.

E não foi apenas o prédio que compramos. Todo o quarteirão era nosso, os dois lados da rua. Uma boate Marzano mataria a sede dos espectadores. Um hotel de joint venture, muito cosmopolita contra o céu de Manchester, seria inaugurado antes do fim do verão inglês. Outros prédios sendo reformados para espaço de varejo já estavam oitenta por cento alugados. Empregos estavam sendo criados em uma área de Manchester onde muito poucos empregos podiam ser encontrados.

Sorrindo para Beckett, dei outra olhada ao redor do teatro.

— Nós nos saímos bem depois de deixar este lugar — eu disse, então manobrei Gabby entre nós. — Mas podemos fazer melhor.

Beckett e eu ajoelhamos cada um de um lado. Ele segurou a mão esquerda de Gabby, eu a direita.

— Gente, o que vocês estão fazendo?

Eu olhei para Beckett. Ele piscou, em seguida, olhou para a nossa Garota enquanto eu respondia a ela.

— Amor, acho que está muito claro o que estamos fazendo.

Lábios tremendo, ela balançou a cabeça.

— Vocês não estão... estão?

Em resposta à sua descrença atordoada, eu alcancei meu bolso e tirei uma caixa de veludo preto assim que Beckett puxou uma caixa combinando de sua jaqueta.

— Propondo casamento? — Eu sorri. — Sim, amor. Isso é exatamente o que estamos fazendo.

— O contrato que você assinou era de um ano, menina — acrescentou Beckett, abrindo sua caixa para revelar sua metade do anel de noivado. — Esse ano acabou. Você sabe o que acontece quando os termos do contrato chegam ao fim.

— Normalmente... as coisas acabam — ela sussurrou os olhos indo e voltando entre as duas caixas que estávamos estendendo para ela.

— Ou os termos são renegociados — eu disse, abrindo minha caixa para mostrar a ela a outra metade do anel.

Eu acenei para Beckett. Ele tirou sua metade e deslizou em seu dedo. Virando a palma da mão para cima, ele beijou o centro, em seguida, ofereceu para mim. Eu deslizei minha metade no mesmo dedo. Juntos, eles formaram um solitário duplo de duas pedras.

— M-mas a lei...

— Está atrasada — corrigiu Beckett antes que ela pudesse terminar sua objeção.

Levantando-se, ele beijou sua bochecha antes de continuar.

— E há outras leis. Uniões civis, relações de confiança de família. Independentemente disso, só importa se é um casamento em nossos corações.

Movendo-nos como um só, colocamos Gabby entre nós, como tínhamos feito tantas vezes antes. Eu puxei seu cabelo para o lado, beijei seu pescoço.

— Você foi tão corajosa, amor, ao meu lado nas estreias. Ao lado de Beckett para seus jantares de negócios. É hora de parar de esconder o quão conectados estamos.

— Como sempre estaremos conectados — concordou Beckett.

Meus lábios se arrastaram até sua orelha.

— Não parta nossos corações, amor. Quer se casar conosco?

Exalando em um sussurro trêmulo, Gabby respondeu.

— Sim. Claro, que sim.

Beckett e eu já tínhamos a cobertura de Manchester que estávamos alugando preparada para o nosso retorno. Estávamos totalmente confiantes de que obteríamos a resposta que queríamos de Gabby desde a véspera Se isso nos levasse a trabalhar com ela em direção a uma bem-aventurança carregada de endorfinas que eliminasse todos e quaisquer argumentos à nossa união, o que estávamos absolutamente prontos para fazer se fosse necessário.

Pétalas de rosa, tocando música suavemente, luz de velas, comida e bebida suficiente para sustentar uma noite de amor sem fim cumprimentou nós três.

Começamos com um banho, Beckett correndo a água enquanto eu despia Gabby no quarto. Tirei os sapatos primeiro, beijei cada tornozelo. Então, lentamente, desabotoei os botões de sua blusa. Uma lambida ou mordida acompanhou cada botão desenroscado até que cheguei a seu estômago suavemente arredondado.

Fiz um trabalho muito mais rápido com sua saia. Verdade seja dita, eu adorava vê-la com aquelas saias sexy que ela sempre usava. Mas agora, tudo que eu conseguia pensar era em deixá-la nua e esticada entre nós, um pau enchendo sua boceta, o outro esticando sua boca delicada ou cu apertado.

Ouvindo os sons ferozes escapando do meu peito, e vendo o quão duro eu já estava por ela, Gabby riu.

— Nós deveríamos estar nos preparando para um banho romântico juntos, lembra?

Certo. Romance primeiro. Depois, noite de putaria.

Eu liberei seus seios do sutiã rendado em forma de treliça que não estava fazendo um trabalho muito bom contendo seus mamilos duros de qualquer maneira, e fiz o meu melhor para acalmar o inferno dentro de mim.

Eu estava falhando miseravelmente.

— Você deveria simplesmente sair por aí pelado o tempo todo — eu gemi, quando mais e mais de suas curvas deliciosas foram reveladas.

— Isso dificultaria a realização de qualquer trabalho — argumentou Beckett, embora não com muita força.

— Poderíamos abrir um teatro e um restaurante de nudismo.

Gabby soltou uma risada nervosa.

— Eu tenho alguns limites rígidos — ela alertou.

Observando-nos com seu olhar cinza pálido, Beckett ergueu uma sobrancelha.

— Sério? Diga. Porque não descobrimos um ainda.

— Vamos apenas deixar de lado a ideia de qualquer negócio de nudez por enquanto — disse ela, com as bochechas rosadas enquanto se virava e escapava para o banheiro, sua bunda magnificamente exuberante golpeando para a esquerda e depois para a direita repetidamente até que eu estava completamente hipnotizado.

Aproveitando a sorte, corri atrás dela e disse o que poderíamos fazer em um restaurante sem restrições de roupas.

— Imagine só, menina. Você em uma mesa de restaurante, pernas abertas, cera quente pingando em suas coxas e monte para que minha língua possa ser colada em seu clitóris durante toda a sobremesa.

Ela se virou e olhou para mim, seu corpo inteiro agora tremendo.

Se despindo quando ele veio se juntar a nós, Beckett riu.

— A julgar por sua resposta, ser posta como uma sobremesa para nosso banquete não é um de seus limites rígidos.

Gabby apenas balançou a cabeça para nós dois.

— Vocês dois são impossíveis.

Então, de repente, sua atenção mudou. Deve ter caído no anel de noivado porque seu rosto se iluminou e um suspiro sonhador deslizou por seus lábios.

Olhando para ela com tanto amor que eu não conseguia falar mais uma palavra, dei um aperto forte em seu traseiro, em seguida, entrei na banheira de grandes dimensões feita sob medida que era grande o suficiente para caber todos nós três. Agarrando a barra de suporte presa à parede, estendi minha mão para ela. Ela pegou, seu passo delicado quando se juntou a mim na banheira.

Sentei-me primeiro, minhas mãos nos quadris de Gabby enquanto ela se abaixava na água. Beckett o seguiu. Estávamos ambos duros, nossas ereções competindo por sua atenção. Virando-se entre nós duas, Gabby deslizou as mãos sob a água, envolveu-as em torno de nossos pênis e começou a puxar suavemente.

Beckett e eu chegamos mais perto, nossos dedos traçando linhas primeiro contra a curva interna de suas coxas exuberantes, então contra seu monte rechonchudo. Ele beijou e chupou de um lado enquanto eu chupava e beijava do outro. Seios, pescoço, boca, seus lábios pingando entre nós.

Meus dedos entraram nela primeiro. Enquanto isso, Beckett se consolou

executando uma linha dura para cima e para baixo em seu clitóris. Tão lento quanto nós dois pudemos aguentar, seu corpo sexy e curvilíneo apenas nos impulsionou, nos forçando, por sua vez, a tomá-la mais forte, trazê-la tão perto de sua liberação quanto estávamos da nossa.

Gabby gemeu, um estremecimento percorreu seu corpo. Então ela estremeceu, seu aperto em nossos pênis se apertando. O momento era dela para controlar. Ela puxou com mais força, mais rápido, roubando nosso fôlego entre os beijos. Outro gemido saiu de seus lábios e então um grito agudo.

Beckett e eu gozamos instantaneamente com o som, quase simultaneamente.

Demos a ela, e a nós mesmos, meros segundos para nos recuperar antes de reiniciarmos nossos esforços para que Gabby voltasse. E de novo. Com o nosso primeiro orgasmo diminuindo, poderíamos nos concentrar melhor em fazê-la voar de verdade. Uma língua aqui, um segundo dedo ali, mamilos sugados até que estivessem vermelhos com a necessidade. Seus quadris se ergueram, tensos, sua boca um "O" aberto de necessidade quando ela gozou uma segunda e terceira vez.

Finalmente, ela desmaiou com um gemido exausto, a água deslocada batendo contra a lateral da banheira e ameaçando derramar.

— Vou deixar a cama pronta — eu disse, enrolando uma toalha em volta de mim enquanto Beckett liberava o ralo.

Quando voltei ao banheiro alguns minutos depois, ele havia terminado de secar Gabby.

— Você está bem, amor? — eu perguntei, seu olhar desfocado me fazendo pensar se deveríamos deixar ela descanse um pouco primeiro.

Sorrindo, ela acenou com a cabeça.

— Perfeitamente.

— Você com certeza está — rosnou Beckett.

Afastando-se da toalha, ela caminhou com as pernas instáveis para o quarto. Chegando à cama, ela rastejou até o centro do colchão e se ajoelhou, com as pernas abertas para nos receber.

— Venham fazer amor com sua noiva.

— Inferno — Beckett murmurou, olhos quase negros com desejo desenfreado. — Vou preparar o lubrificante.

Juntando-me a Gabby na cama, tomei o lubrificante quando Beckett voltou, mas só usei para preparar sua boceta apertada.

— Amor — eu disse suavemente em seu ouvido. — Queremos que você pare de tomar a pílula.

Seu olhar clareou e ela olhou entre nós, os olhos arregalados.

Beckett simplesmente acenou com a cabeça para confirmar que é o que

ambos queríamos.

Uma pergunta dançou na borda de seus lábios. Eu não dei a ela a chance de perguntar isso.

— Qualquer criança concebida será nossa, ponto final. Nós dois seremos os pais da criança. Enquanto você for a mãe, o DNA não importa. Seremos uma família. Uma família melhor e mais forte do que a que todos nós crescemos.

Ela considerou minhas palavras por um momento, então acenou com a cabeça, lágrimas emocionais em seus olhos.

Levantando-se, Gabby se acomodou no pênis de Beckett primeiro. Como ela havia feito na primeira noite, um pouco mais de um ano antes, ela nos levou em intervalos, chicoteando primeiro ao longo do comprimento dele e depois no meu.

Ela choramingou enquanto nos montava. Seus olhos castanhos brilharam enquanto sua boceta apertava e sugava. Suas mãos acariciaram o homem estranho até que ele estivesse de volta, cada um de nós recebendo uma parte igual de sua atenção, mesmo enquanto competíamos para tirar Gabby de sua mente.

Vê-la gozar nunca cansava. Bochechas coradas, seios e coxas trêmulas, lábios entreabertos como se sua alma fosse passageira apenas para tê-la sugado de volta antes que um grito agudo explodisse. Cada vez era sempre um belo espetáculo de se ver, e cada vez apenas nos fez ansiar pela próxima.

Durante a noite, batemos e pulsamos. Só quando estávamos completamente exaustos e tremendo é que Beckett e eu finalmente puxamos as cobertas e sucumbimos ao sono, nossa Garota aninhada entre nós, nossos anéis em seu dedo e nossa futura família esperando por nós em nosso futuro.

Epílogo #2

BECKETT

Dois anos depois

Afastando-me de minhas filhas cochilando e dos berços gêmeos que as seguravam, me virei para a janela e olhei para fora. Fileiras de uvas pontilhavam a paisagem até onde a vista alcançava. Os trabalhadores cuidavam das plantas usando técnicas comprovadas e verdadeiras da velha escola, quase todo o processamento feito à mão até que as uvas estivessem prontas para serem prensadas.

A terra diante de mim pertenceu à minha família por mais de duzentos anos. Sinceramente, eu não sentia nenhuma conexão real com o solo ou edifícios, mas a vila remota, por outro lado, estava rapidamente me fazendo sentir em casa. A casa em que eu nunca tive a chance de crescer, mas meus próprios filhos teriam.

Eu já podia ver que seria o melhor lugar para minhas meninas passarem sua infância, despreocupadas e protegidas dos paparazzi que muitas vezes nos seguiam nas grandes cidades.

Simplificando, não havia nenhum hotel para os paparazzi ficarem aqui, e absolutamente ninguém para eles falarem, mesmo se pudessem. Os aldeões nos protegiam ferozmente, então nunca tivemos que nos preocupar com estranhos entrando sorrateiramente para fotografar nossa felicidade.

O que foi uma sorte, porque havia muito disso.

Pela primeira vez desde que vim para a propriedade quando era adolescente, pude andar pelos corredores e me sentir completamente em casa, indescritivelmente feliz. Eu poderia entrar em uma sala para encontrar Gabby, as

meninas ou Jace, e sentir nada além de amor puro e sem fim.

— Vê alguma coisa lá fora? — Jace perguntou, mantendo sua voz baixa enquanto entrava na sala.

— Apenas coisas boas — respondi com um sorriso satisfeito. — Boas colheitas, bons trabalhadores, bons dias que virão.

Eu falei sério. Nossos trabalhadores aqui eram leais, assim como uma família. E como quase todos na aldeia na base das colinas eram empregados, nossa família agora era considerável.

Jace caminhou silenciosamente até os berços e olhou para baixo.

— Anjinhos.

Eu o deixei olhando e sorrindo para nossas filhas enquanto saía em busca de sua mãe.

Os olhos de Gabby estavam fechados quando a encontrei, suas curvas generosas ainda mais exuberantes desde a gravidez.

Incapaz de resistir a tocá-la, acariciei a parte de trás de um dedo contra sua bochecha. Ela respondeu com um suspiro suave, mas não acordou.

Com seis meses de idade, as gêmeas davam trabalho, mesmo com dois pais e uma equipe amorosa que ficava de plantão 24 horas por dia, se Gabby os chamasse, o que ela dificilmente precisava fazer, de alguma forma sendo capaz de fazer tudo, assim como ela costumava ser quando trabalhava para mim. Como esperávamos, nossa garota era uma mãe excepcional. Não por causa de quão bem ela aceitou isso, mas por causa de todo o amor que ela trouxe para todas as nossas vidas, as meninas e seus pais.

Levantando meu olhar, eu localizei Jace na porta. Eu levantei um dedo aos lábios, caso não fosse óbvio para ele que Gabby estava cochilando. Exercitando-se tão furtivamente quanto havia feito no quarto das crianças, ele tirou os sapatos e tirou o cinto. Eu espelhei seus movimentos, em seguida, deitei, meu peito alguns centímetros das costas de Gabby para que eu não a incomodasse.

Jace se deitou do outro lado, seu olhar em seu rosto por alguns momentos de silêncio.

Observando o homem que era tanto meu irmão quanto meu melhor amigo, olhando para o milagre que era nossa esposa entre nós, a emoção me varreu.

Crescendo, tivemos que apresentar uma frente difícil. E por um tempo, como adultos, isso foi tudo que fomos. Uma frente dura unida contra o mundo.

Então conheci Gabby e compartilhei seus efeitos de cura com Jace. Apaixonar-se por ela foi a única coisa que teve o poder de nos mudar. Nos salvar.

Eu me aconcheguei mais perto, minha mão segurando seu quadril enquanto Jace passava sua mão ao redor dela para entrelaçar seus dedos. Em seu sono,

Gabby suspirou com uma doçura dolorida.

Trazendo meu rosto para perto de seu cabelo, eu lentamente a inspirei enquanto ela continuava a sorrir em seus sonhos.

Como sempre, ela cheirava a flores silvestres coloridas que adorava sair e colher para alegrar a casa. Como o sol e a maternidade. Como Jace e eu.

Ela cheirava a tudo que eu passei a amar ferozmente, sem medo ou hesitação.

Ela cheirava a lar.

Fim

Sobre a Autora

A autora bestseller do New York Times e do USA Today, Christa Wick, é uma escritora híbrida desde 2012 (sim, ela é uma das autoras independentes do O.G.). Ela escreveu mais de 50 romances estrelando heroínas curvilíneas e heróis alfa deliciosos cujas histórias abrangem o espectro de: sexy e doce, sexy e emocional, sexy e cheio de suspense, sexy e paranormal, sexy e sombrio e... bem, essa é a ideia. Ela também escreve thrillers de ficção científica e romances de suspense sob outros pseudônimos.